

dlv

Werner Gitt

... e as outras religiões?

clv

Christliche Literatur-Verbreitung e.V.
Postfach 11 01 35 · 33661 Bielefeld

O Autor: Prof. Dr.-Ing. Werner Gitt, 1937 nascido em Raineck/Prússia Oriental. Estudou de 1963 até 1967 engenharia na Universidade Técnica de Hanover, que completou como engenheiro diplomado. De 1968 até 1971 foi professor auxiliar no Instituto de Técnicas de Regulação da Universidade Técnica de Aachen/Alemanha. Depois de dois anos de trabalho de investigação fez o doutorado de engenharia. De 1971 até 2002 dirigiu o departamento de processamento de dados (tecnologia de informação) do Instituto Federal de Física e Tecnologia de Braunschweig/Alemanha (Physikalisch-Technische Bundesanstalt Braunschweig “PTB”). Em 1978 foi nomeado para director e professor catedrático da PTB. Dedicou-se a problemas científicos nas áreas da informática, matemática numérica e técnicas de regulação, publicando os resultados em numerosos documentos científicos originais. Casado desde 1966 com sua esposa Marion. Em Setembro 1967 nasceu seu filho Carsten e em Abril de 1969 sua filha Rona.

Homepage do autor: www.wernergitt.de

Com seguinte conteúdo: Lista com datas de ciclo de conferências, relatórios, livros e também tratados (folhetos informativos) “Como chegar ao Céu?”, “Quem é o Criador?” e “Presépio, Cruz e Coroa” numa grande quantidade de línguas para uso individual.

1ª edição em português 2015

© CLV · Christliche Literatur-Verbreitung
Postfach 11 01 35 · 33661 Bielefeld · Alemanha
www.clv.de

Título da edição original em alemão (também publicado pela CLV):
“... und die anderen Religionen?”

Tradução para o português: Rui Santos em colaboração com Ana Morais,
Jülich/Alemanha

Capa: OTTENDESIGN.de, Gummersbach, Alemanha

Tipografia: CLV

Impressão e encadernação: CPI – Ebner & Spiegel, Ulm, Alemanha

256.166

ISBN 978-3-86699-166-8

Conteúdo

Prefácio	8
Prefácio à 6ª edição original em alemão	11
1. Introdução	12
2. A utilização do do engenho humano: Milhões de patentes	14
3. O que não está registado em nenhum registo de patentes	24
4. As religiões do homem: 1000 caminhos diferentes	28
4.1 O problema do homem	28
4.2 O que é uma religião?	31
4.3 Origem das religiões	37
4.4 Características das religiões	40
4.5 As religiões são de Deus ou dos homens?	45
4.6 O islão do ponto de vista bíblico	47
4.6.1 Ataques terroristas islâmicos	47
4.6.2 O que é a guerra santa do islão?	50
4.6.3 O objectivo do islão	52
4.6.4 A recompensa dos guerreiros islâmicos	52
4.6.5 Comunismo e islão – uma comparação	52
4.6.6 Oram cristãos e muçulmanos ao mesmo Deus?	53
4.6.7 É o islão uma religião pacífica?	53
4.6.8 Quem é Alá?	54
4.6.9 O alcorão nega Jesus como Filho de Deus	55
4.6.10 O alcorão nega a crucificação de Jesus	55
4.6.11 A negação da ressurreição de Jesus	56
5. O caminho de Deus para o homem: O Evangelho	58
5.1 O diagnóstico de Deus: um inventário divino do homem.	58
5.2 O resultado do pecado: A tripla morte	63
5.3 As religiões sob o ponto de vista da Bíblia	66
5.4 A decisão de Deus: A oferta de amor	70

5.5	O caminho da salvação para a vida: Um caminho sem caminhos secundários	73
5.6	O caminho para a vida: Uma ordem de Deus	75
5.7	O caminho para a vida: Pago no Gólgota	76
6.	O caminho para a vida: Como entrar nele?	82
6.1	O arrependimento: Uma mudança radical de pensamento	83
6.2	Conversão: Voltar conscientemente para Deus	85
6.2.1	A conversão será necessária para a vida eterna?	85
6.2.2	Com que frequência pode acontecer a conversão?	86
6.2.3	Quem tem de se converter?	86
6.2.4	Porque se deve converter?	89
6.2.5	Quando nos devemos converter?	89
6.2.6	Com acontece a conversão na prática?	92
6.2.7	Qual é a consequência da conversão?	95
7.	Renascimento o nascimento para a filiação divina	96
7.1	Características do novo nascimento	96
7.2	Falsas opiniões sobre o renascimento	97
7.3	O resultado do renascimento	98
8.	A fé do coração: A corda salvadora	100
8.1	Espécies de fé	101
8.2	O fundamento da fé: Jesus Cristo	107
8.3	Estações da fé: Uma vida cheia	108
9.	Em que se distingue o Evangelho das religiões?	113
10.	As pessoas sem Evangelho: salvos ou perdidos?	115
10.1	Pregação no reino dos mortos: Uma oportunidade posterior?	115
10.2	Reconciliação universal: Salvação sem exceção?	116
10.3	A graça de Deus: Alcance sem limitação?	120
10.4	Os pagãos no juízo final: critérios de apreciação	122
10.5	Quando os pagãos se perdem: Qual a razão?	126

10.6 As pessoas antes da vinda de Jesus a este mundo: Viveram cedo demais?	128
10.7 Muitos bebês e crianças: Morreram cedo demais?	130
11. Que devemos fazer? Conversão e missão!	133
12. O Céu: A nossa meta!	142
12.1 O Céu: A casa do Pai	144
12.2 O Céu: O lugar do amor eterno	146
12.3 O Céu: Nada mais por baixo da maldição	146
12.4 O Céu: Uma festa eterna de alegria	148
12.5 O Céu: Sol sem pôr-do-sol	150
13. Observação final	152
ANEXO	155
Existe uma possibilidade de salvação depois da morte?	155
Bibliografia	162
Lista de nomes	166
Explicações das abreviações usadas dos livros bíblicos	168
Indicações de origem das imagens usadas	170

Prefácio

Vivemos num tempo, no qual podemos viajar praticamente para qualquer lugar do mundo. Assim se dão movimentos entre povos, culturas, maneiras de viver e também *religiões*. Além disso temos a possibilidade de nos informar pela TV, rádio, internet, etc., de uma maneira como nunca foi possível no passado. Do ponto de vista de muitos sistemas religiosos apresenta-se de novo uma pergunta antiga – se todos se podem salvar com a sua própria interpretação ou se existe só um caminho para Deus. Este tema é muito discutido em vários lugares com a maior paixão. A eternidade é dependente da resposta a essa pergunta e vale a pena pensar intensivamente sobre este tema. Este livro “*E as outras religiões?*” quer servir-lhe de ajuda. O título escolhido sugere, em princípio, que o cristianismo seja uma de muitas religiões. No uso diário das línguas juntamos muito rapidamente as religiões. Nas escolas falamos do “ensino de religião” e queremos dizer com isto um ensino orientado pela lei cristã. Na antiga Alemanha Democrática diferenciava-se com maior precisão quando as igrejas falavam precisamente do “ensino cristão”.

Respostas a perguntas: Este livro quer dar respostas a perguntas feitas com repetição, com base e fundamento bíblico. Podemos ver as diferentes religiões como caminho individual ao encontro de Deus ou existe salvação e felicidade unicamente no Evangelho? O que acontece com as pessoas que nunca ouviram a mensagem bíblica? Estarão no Céu bebês que faleceram?

A única fonte de informação sobre o Evangelho é a Bíblia. Já no Antigo Testamento se encontram muitas passagens de profecias que apontam às pessoas perdidas este único meio de salvação. Esta “Boa Notícia” de Deus é revelada finalmente por Jesus e seus apóstolos no Novo Testamento.

Deus utilizou cerca de 45 pessoas para nos transmitir os seus pensamentos. A frase central em 2Tm 3:16: “Toda a escritura é inspirada por Deus ...” marca concisamente um modelo de transmissão de informações que nunca se consegue modelar pelo homem, de Deus Pai (2Tm 3:16), de Jesus Cristo (Gl 1:12) e do Espírito Santo (2Pe 1:21) aos escritores bíblicos. Jesus orava ao Pai “Tua palavra é verdade” (Jo 17:17) e Paulo reconhece: “Creio em tudo o que está escrito” (At 24:14). A estes reconhecimentos fundamentais queremos-nos ligar e acreditamos na verdade da Bíblia.

Neste livro destaca-se com rigor que o Evangelho e as religiões não poderão ser mais diferentes. Consequentemente, assim não podemos agregar o Evangelho às religiões.

Aos leitores: Por causa da frase popular, religião é uma necessidade fundamental de todas as pessoas (ver capítulo 4.2), e as perguntas centrais que nos tocam em relação às religiões, este livro dirige-se a todos:

- aqueles que orientam a própria vida em crer na Bíblia,
- também àqueles que ainda andam à procura.

Convidamos, mesmo que tenham bases diferentes, cristãos participantes de outras religiões a lerem e a informar-se como agir. Este livro dirige-se tanto a pessoas novas como a pessoas idosas, a pessoas intelectuais como àqueles que não pertencem a estes grupos de pessoas. Dirige-se a pessoas sem conhecimentos bíblicos, tal como àqueles que têm bons conhecimentos da Bíblia. Parece que este convite é tão universal que todos se sentem convidados, mas há uma restrição, ou seja, existe um limite: se estiver absolutamente certo de que a sua vida até aqui não tem nada para melhorar, então não deverá ler este livro. Você só se iria irritar e enervar e nós não queremos isso.

Maneira de proceder: De Konrad Adenauer (Primeiro Ministro da RFA) é a seguinte frase: “Temos de olhar as coisas complicadas com simplicidade se queremos ir até à profundidade.” Com este sentido utilizamos neste caso um apontamento um pouco inesperado, “invenção”. Se se lembrar deste apontamento ao ler este livro, chegará à meta proposta.

A maioria dos textos usados é reproduzida à letra para não interromper a leitura deste livro. A tradução de Lutero é a minha preferida por causa da escolha de palavras fortes e significativas. Quando se repetem outras traduções é para proteger a linha directa da tradução. Estas traduções são marcadas no final do próprio verso. Sinalizações sobre textos, literatura ou citações são marcadas com parênteses rectos (p.ex. [K3,11]). Estas sinalizações começam com a primeira letra do nome do autor, o algarismo indica a numeração dos livros e o último número diz a página onde se encontra a informação individual.

Agradecimentos: À minha esposa agradeço o trabalho que teve a dactilografar. Agradeço também aos revisores da casa editora do CLV, deram-me, ao ler o manuscrito, muitos conselhos importantes que apliquei de boa vontade.

O pedido é que este livro sirva de ajuda ao encontro da fé em Deus, faz parte da nossa actividade de orar a Deus. A maior meta será atingida quando leitores que andem à procura tenham motivação para poder dizer: “Encontrámos *Aquele*, sobre o qual foi falado por Moisés na lei e de quem os profetas escreveram, Jesus (Jo 1:45).

Werner Gitt

Prefácio à 6ª edição original em alemão

Sinto-me feliz em poder dizer que finalmente se realiza a 6ª edição deste livro. Das numerosas reacções dos leitores, verbalmente ou por escrito, deduzo que este livro encontrou, na nossa sociedade multicultural e pluralista, muitos amigos que procuram orientação bíblica. Fiquei particularmente satisfeito pelas cartas em que leitores testemunharam que, através deste livro, alcançaram uma fé viva em Jesus Cristo. Entretanto já nos foi possível traduzir este livro para inglês, russo, checo, húngaro, espanhol e português.

Werner Gitt

Braunschweig, Julho 1997

1. Introdução

Este livro quer fazer parte de discussões entre cristãos e “não cristãos”. O tema será sinalizado por quatro perguntas que são feitas com repetição:

- Toda a gente anda à procura da verdade. Não devíamos procurar em todas as religiões, porque todas elas têm, pelo menos, uma parte da verdade?
- Existem tantas religiões. São todas falsas, existe uma certa ou todas elas nos podem levar ao mesmo objectivo?
- Muitas pessoas existiram antes de Jesus vir ao mundo sem que lhes fosse transmitida a mensagem de Jesus Cristo. Onde passam essas pessoas a eternidade?
- Existem tantas pessoas que não tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho. Serão salvas ou perder-se-ão?

O autor sabe, por experiência, que são estas as perguntas mais frequentemente colocadas quando ocorrem colóquios sobre a Fé. Alguns fazem estas perguntas depois de ouvir o evangelho para, desta maneira, desviar a atenção da própria decisão de fé. Mas na maioria são perguntas que exigem respostas bíblicas.

Queremos então pegar “*nas batatas quentes*” com as seguintes condições:

- A única resposta com certeza só nos pode ser dada pelo próprio Deus. Queremos juntar declarações bíblicas, independentemente de nos agradarem ou não. Observemos então a palavra de Deus com rigor.
- *Toda a Bíblia é inspirada por Deus* (2Tm 3:16) e traz com ela o cunho da verdade (Jo 17;17). Se seguirmos estas con-

dições temos um fundamento forte por baixo dos nossos pés. Caso contrário encontramos-nos em areia movediça de especulações humanas.

Neste livro queremos ver o fenómeno da grande quantidade de religiões pelos olhos de um inventor. O homem inventa onde pensa encontrar uma abertura ou um defeito qualquer. Eles completam essa abertura mentalmente e/ou fisicamente. Também as religiões são invenções – como mais tarde se verá – da riqueza das ideias humanas para, como estão convencidos, preencher a lacuna onde a sabedoria sobre o Criador e seu carácter se perdeu. O tema proposto neste livro pode muito bem ser visto pelo tema de “Invenção”. Em princípio temos de diferenciar **quatro tipos de invenções**. Se nós fizermos duas perguntas:

- **quem** fez a invenção?
- **porque** foi feita esta invenção?

chegaremos de uma maneira facilmente compreensível a solução do problema.

2. A utilização do do engenho humano: Milhões de patentes

O homem tem o dom de inventar e e o seu impulso para inventa é quase imenso. Sempre que se lhe apresenta um problema, ele inventa. A estatística da *câmara alemã de patentes* em Munique (DPA) pode-nos dar uma segura impressão [D1]. Assim, foram registadas no DPA entre 1948 e 1989 a quantidade de 2426739 patentes. Da parte alemã há uma quantidade de 1552333 patentes. No ano de 1989 realizaram-se 41244 requerimentos. A biblioteca da DPA em Munique é uma das maiores bibliotecas técnicas especializadas do mundo. Tem 800000 unidades com 16500000 documentos de todo o país. Dêmos uma vista de olhos a algumas repartições:

As invenções são tão espectaculares como o avião, o computador ou o telefone. Todas estas invenções trouxeram uma mudança muito significativa para o homem. Muitas invenções apresentam alguns “protótipos” que, hoje em dia, unicamente possuem um valor de Museu. Assim construiu-se, um dia, no campo agrícola, a charrua movida a vapor. A *imagem n^o1* mostra um desses tipos de *charruas* do ano de 1877. Esse monstro com um peso de toneladas era movido por uma máquina a vapor e com ela era possível lavrar e gradar os terrenos. Hoje utilizam-se tractores com charruas múltiplas, um resultado de muitas experiências e pensamentos dos inventores.

Medicina: Pensemos no ponto actual da medicina, que ganhou muita importância ao ser inventado o microscópio. *Louis Pasteur* (1822–1895) foi a pessoa que descobriu, com a ajuda de um microscópio, que certos microrganismos são a causa das doenças. Ainda só fez cem anos que *Robert Koch* (1843–1910) descobriu o bacilo da tuberculose e o vibrião da cólera. Só conhecendo a existência destes microrganismos devastadores foi possível triunfar sobre eles.

Der Dampf- spatenpflug

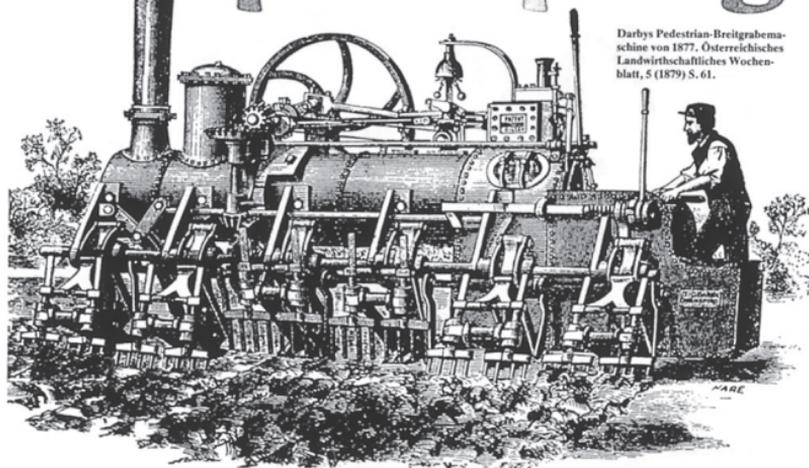


Imagem 1: *A charrua movida a vapor do ano 1877.*

Quando *Wilhelm Conrad Röntgen* (1845–1923) descobriu em 1895 o raio-X houve mais um ponto significativo na história da medicina. A partir daí foi possível visualizar o interior de um corpo sem intervenções cirúrgicas. Um cientista apontou há pouco tempo: “Com a descoberta e invenção de Röntgen salvaram-se mais pessoas do que as que faleceram em todas as guerras juntas.” Com a nova invenção da fibraóptica podem observar-se directamente os órgãos do corpo e diagnosticarem-se, assim as doenças. A utilização da tomografia dá-nos a possibilidade de ver o interior do corpo humano a três dimensões sem aplicar raio-X prejudiciais. A medicina do séc. XX permitiu-nos avançar de uma maneira extraordinária, de uma forma que as pessoas no passado nunca poderiam imaginar. Apenas uns poucos exemplos de um grande espectro comprovam isso: novos meios auxiliares de diagnóstico, novas classificações de

remédios desde as sulfamidas aos antibióticos, novos meios de cirurgia – da microcirurgia à transplantação, da coagulação de luz até à cirurgia com raios laser. Desde a primeira transplantação de um coração no ano de 1968 que já se transplantaram mais de 60 000 corações. O grau de sobreviventes aumentou de 64% no ano de 1980 para quase 90% actualmente.

Computadores: A invenção mais espectacular do último século foi, sem dúvida, o computador. Máquinas de grande potência fazem hoje num só segundo várias milhares de milhões de operações matemáticas. Um micro calculador é cada vez mais pequeno, mais leve, mais rápido, mais fácil de usar e mais barato. Os computadores conquistaram hoje em dia toda a parte da ciência, da economia e cada vez mais também da vida particular.

O inventor alemão *Konrad Zuse* (1910–1995) é conhecido como pioneiro em sistemas calculadores. Em **1936** construiu a Z1. Era uma máquina completamente formada por conjuntos mecânicos e trabalhava com uma frequência de 0,2 hertz. A Z1 foi completamente destruída na segunda guerra mundial, salvando-se, no entanto, os seus planos. *Zuse* começou em 1983, com a ajuda da Siemens AG em Bad Hersfeld, com a reconstrução da Z1. A reconstrução faz hoje parte principal da exposição do *museu de trânsito e técnica* em Berlim. Em **1941**, *Zuse* tinha, com a sua Z3, a primeira máquina calculadora com 2400 relés eléctricos. Uma multiplicação demorava 4 a 5 segundos. Um seguinte passo foi o uso de elementos com electrões. A calculadora americana ENIAC, em **1946**, com 17 000 desses elementos, estava operacional. O aparelho pesava 30 toneladas e fazia multiplicações em 2,8 milésimos por segundo. Em **1955** completou-se a segunda geração de computadores com transístores mais pequenos. Em **1958** aplicaram-se pela primeira vez interruptores integrados do mesmo material dos componentes do computador. O constante aumento de elementos e computadores por “chips” de silício conduziu à terceira geração.



Imagem 2: O inventor alemão Konrad Zuse com os seus empregados ao reconstruir o primeiro computador do mundo.

Nos últimos anos duplicaram-se as funções por chip quase de dois em dois anos. Hoje em dia podemos gravar todos os números de telefone da cidade de Braunschweig (Alemanha) num só chip. A *imagem 3* mostra um chip de 16 megabites como se construía em **1990**. Apenas um *microcomputador* tem mais capacidade que as máquinas que enchem salões completos há vinte anos atrás. Para as construções seguintes ainda não se vê nenhum fim. O *super-computador* faz hoje a fantástica quantidade de 10 mil milhões de operações por segundo. Mas o recorde não irá ficar por aqui.

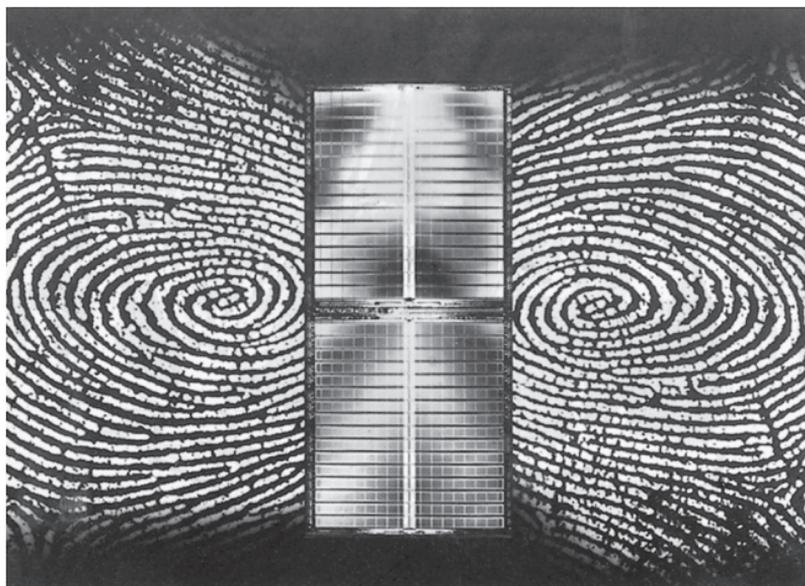


Imagem 3: O chip de 16 megabites: Neste chip do tamanho de uma ponta do dedo (imagem da Siemens AG de 1991) cabem 700 páginas escritas à máquina.

Só com uma lupa se conseguem distinguir as linhas individuais do tamanho de uma ponta de dedo. As estruturas finas de um micro-chip apenas se vêem com um microscópio electrónico. Quase 34 milhões de elementos estão integrados neste chip de 16 megabites da Siemens. Na área de um milímetro quadrado temos, assim, 240 000 componentes marcados. Os elementos mais pequenos têm apenas um tamanho de pouco mais de meio milésimo de milímetro. Em comparação: Um cabelo é cem vezes mais grosso. Este elemento electrónico é da geração actual. Ele consegue guardar 16 milhões (mais correctamente: $16 \times 1024 \times 1024 = 16\,777\,216$) de unidades de informação. Isto é equivalente a 700 páginas escritas à máquina – este livro cabia mais ou menos sete vezes na ponta de um dedo.

Chips do ano de 2004 têm uma capacidade de 256 megabites, então 16 vezes mais do que este acima indicado.

Curiosidades: As actividades dos inventores também produziram uma quantidade de invenções que hoje apenas se podem guardar nas colecções de curiosidades, e que não nos causam mais do que um sorriso superior. Assim em 1910 (registo DRP 235 849), foi inventada uma segurança contra roubo e trocas de barretes. Na declaração está escrito: “Uma cavilha que passa de um lado ao outro torna o uso deste barrete impossível, também se pode usar ao pendurar no bengaleiro”. Alguns dos inventores acharam que a velocidade atingida a pé era muito baixa e formaram em 1903 a *sapata de curvas*, inventada por *Robert Michael* em Leipzig (Alemanha). A sapata de curvas era uma aparelhagem que aumentava o tamanho do passo do peão. Registada com o nº 152 505 (*Imagem 4*). Na declaração foi escrito: “A sapata de curvas serve para andamento mais rápido e deve servir, em caso de emergência, para poder passar por cima de algum objecto sem descer da aparelhagem”. Por fim, *Georg Erich Haehnel* de Griesheim (Alemanha) inventou em 1920 motores com cilindros que trabalhavam a gás para dar a possibilidade de pular (DRP 353 119). Mais um espectro de curiosidades é a invenção de *Carl Dittmann* (*Imagem 5*) com o nº de patente 51 766, uma banheira para banhar com ondas.

Mais uma invenção sem valor significativa é de *Daniel Keutmann* e *August Coutelle* de Essen (Alemanha). Registado com o nº DRP 142 380 no ano de 1902, que construíram uma aparelhagem para pentear o cabelo.

Perpetua mobilia: A um grupo de invenções impressionantes pertence a “*perpetua mobilia*” (latim: *sempre em movimento*). A esta categoria pertencem inventores que deram muitas vezes vidas inteiras e gastaram os seus bens para inventar máquinas utópicas que trabalhassem sem qualquer fornecimento de energia. Se tivessem prestado alguma atenção às leis naturais (por exemplo: lei da energia, lei de entropia), teriam poupado muito tempo, energia pessoal, dinheiro e aborrecimentos ao aceitarem a impossibilidade de criar uma máquina deste género. Mesmo nos dias de hoje, alguns inventores têm projectos com activi-

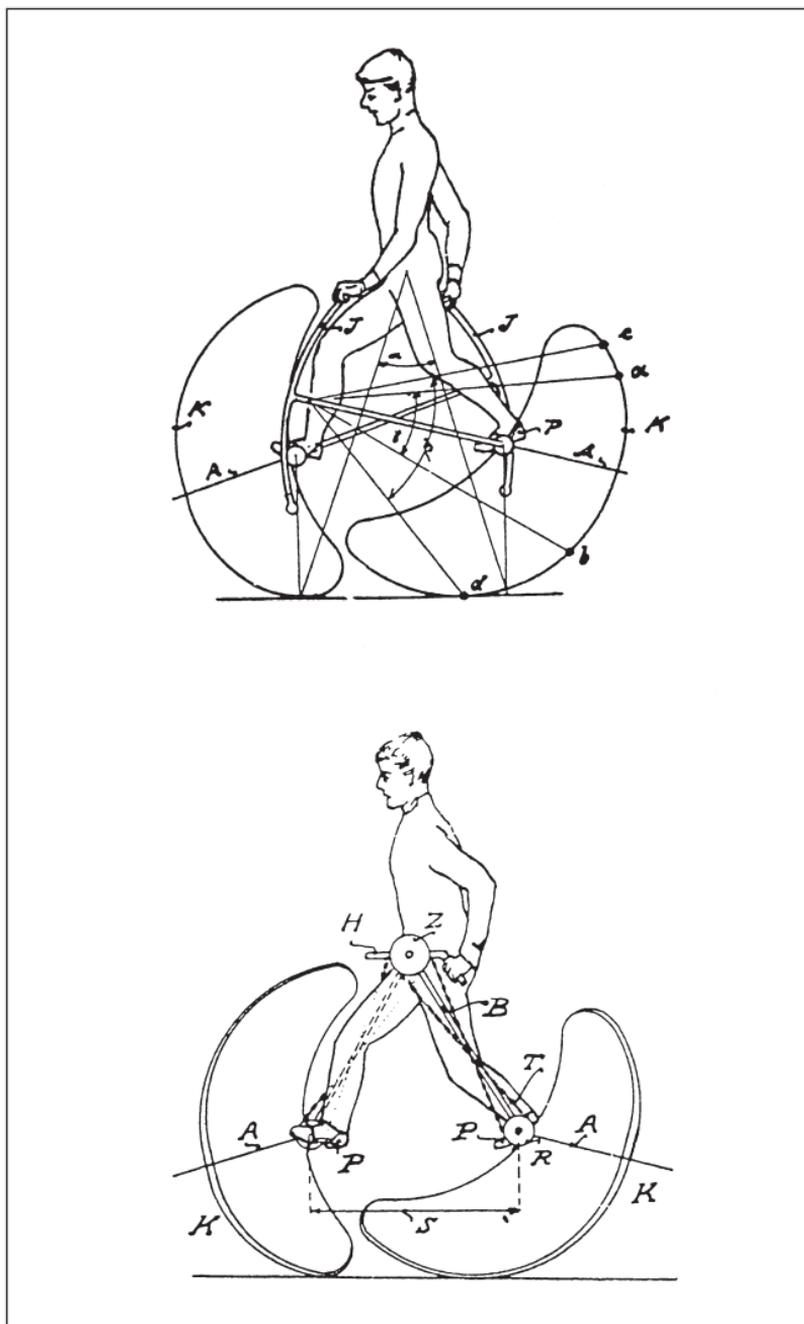


Imagem 4: A sapata de curvas de Robert Michael (1903) uma aparelhagem para aumentar o passo do pé. Registada com o nº 152505.

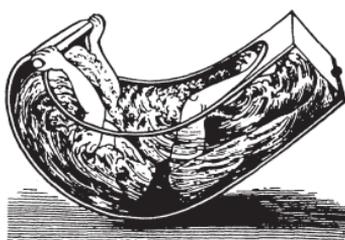
Dittmann's Wellenbad-Schaukel D. R.-P. 51766



1. Leichter Wellenschlag.

Gebrauchsanweisung: Man fülle die Schaukel mit 2-4 Eimer Wasser, lege sich möglichst hoch in die Rückenlehne derselben und halte sich mit beiden Händen an der oberen Wulst; durch Anziehen und Strecken der Beine erzeugt man das Schaukeln und erzielt nach der angewendeten Energie bis 12 Sturzwellen in der Minute, die sich drauend über den Körper ergießen. Wärme im Zimmer ist dabei ausgeschlossen.

bietet während der heißen Sommermonate die angenehmste und dem Körper zuträglichste Erfrischung. Der Effekt ist derselbe wie im Seebade und hat den Vorteil der Temperatur- und Wellenschlag-Regulierung.



2. Starker Wellenschlag.

Dittmann's Wellenbadschaukel ist ein Universalbadeapparat; sie bietet außer dem erfrischenden und nervenstärkenden Wellenbade durch Benutzung des dazugehörigen Holzbodes auch ein Boll-, Rinder- und vorzügliches Sitzbad. Der Apparat nimmt wenig Raum ein, ist von verzintem Flußstahlblech gefertigt und fast unverwundlich. Preis 40 Mark, Verpackung 2 Mark. Ausführliche Prospekte kostenfrei. (1194)

Moosdorf & Hochhäusler, Berlin S. 14, Kommandantenstraße 60. Fabrik sämtlicher Badeapparate.

Imagem 5: Banheira para ondas de Carl Dittmann (1889), uma construção para aumentar o prazer de banhar (DRP 51 766).

dades ligadas ao perpetuum mobile. A máquina que se mostra na *imagem 7* de *Alessandro Capra* representa uma roda que, rolando uma vez, nunca pára de estar em movimento. A impossibilidade de um *perpetuum mobile* está fortemente demonstrada na física, na lei de conservação de energia. Os “perpetuum mobilistas” prestaram, todavia, um notável serviço à Ciência: através do seu incansável esforço provaram que as leis da natureza não se deixam enganar pela fantasia do homem

4 tipos de invenções técnicas: Ao observar o resultado e valor das diferentes invenções técnicas podemos fazer a seguinte repartição:

1. Hoje em dia existem invenções técnicas que melhoraram a vida das pessoas: a esferográfica, o telefone, a luz eléctrica estão adaptados à nossa vida de forma natural e não nos lembramos que para isso houve inventores que trabalharam muito. Sem as aparelhagens modernas nos hospitais, pouca coisa

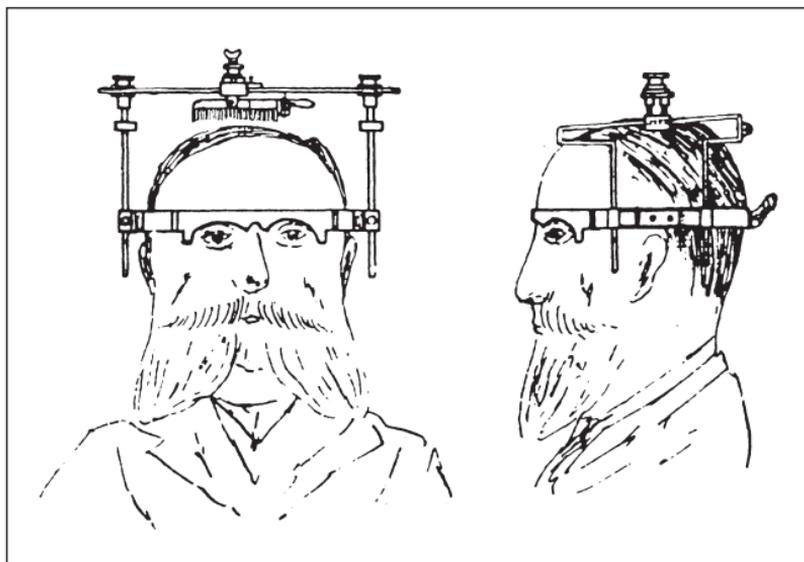


Imagem 6: *Aparelhagem para pentear o cabelo de Daniel Keutmann e August Coutelle (1902: DRP 142 380).*

era possível. O espectro é grande e vai da fita adesiva até à máquina de circulação do coração/pulmão.

2. Também existem invenções que nunca chegaram a ter qualquer significado e, assim, pertencem consequentemente às curiosidades [L1].

3. Também existem invenções cujo objectivo era realizar o impossível. As ideias dos “perpetuum mobilistas” eram construções mentais que não se conseguem transformar em realidade; foram caminhos lamentáveis que, depois do conhecimento do Teorema da Energia de *Julius Robert v. Mayer* (1814–1878), se podiam ter evitado.

4. Finalmente também existem invenções que melhor fora nunca terem sido construídas, pois apenas causaram sofrimento, miséria, dor e morte. A grupo pertencem todas as aparelhagens de guerra e instrumentos e métodos de tortura.

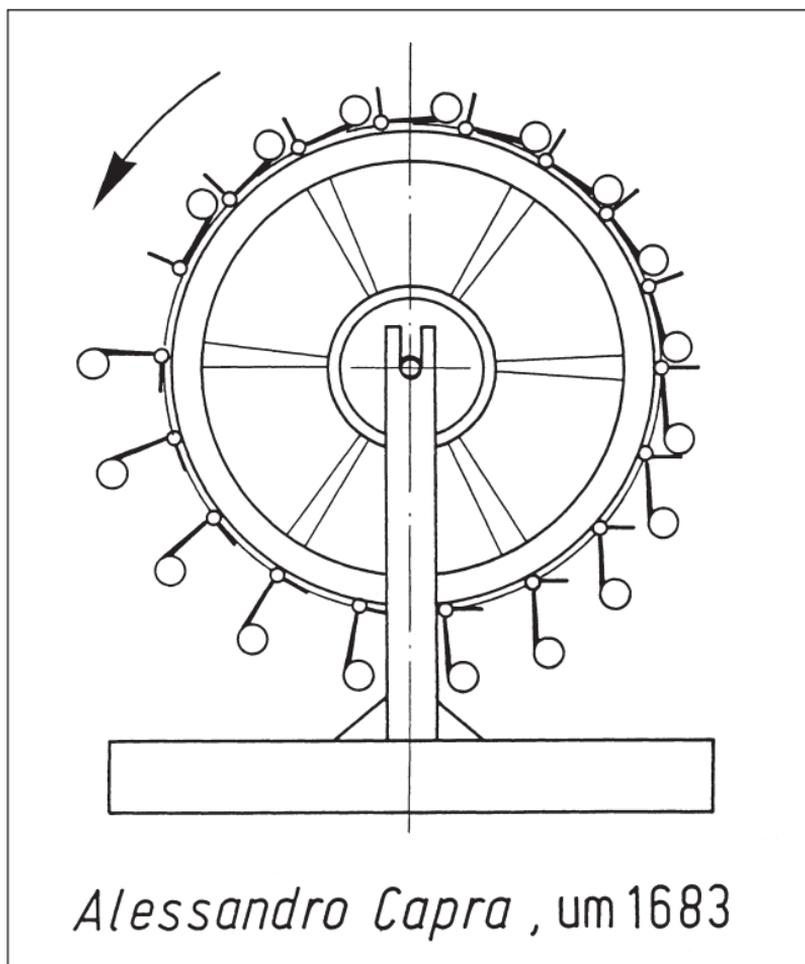


Imagem 7: *Interpretação de um perpetuum mobile de Alessandro Capra (em volta do ano 1683).*

A capacidade do homem para inventar não se limita apenas aos problemas técnicos, ela alcança todas as partes da vida e sociedade. Assim, o homem também criou todos os tipos de filosofia, ideologia e sistemas políticos. Não houve problema nenhum que não fosse tocado pelo homem.

Neste capítulo fomos conhecendo **a primeira espécie de invenções**. O inventor é o homem.

3. O que não está registrado em nenhum registo de patentes

Existem construções e concepções extremamente geniais pelas quais não perdemos a admiração. Contudo seria em vão que as procuraríamos no registo de patentes. Prestemos atenção a algumas dessas invenções:

- Sabia que existe uma raça de **pica-paus** que batem com a cabeça a uma velocidade de 25 km/h contra as árvores sem magoar o cérebro (traumatismo cerebral)? Para o pica-pau foi inventado o cérebro anti-choque que nem dores de cabeça dá.
- Sabia que existem aves que tanto voam para a frente como para trás, para o lado, na vertical para baixo ou para cima e que conseguem parar no ar? Nos **colibris** (uma das aves mais pequenas) foi criado um meio de transporte tão universal que lhes permite movimentos artísticos. Com um bater de asas de 80 batimentos por segundo ainda ultrapassa a frequência da corrente alterna em 60%. Os colibris respiram até 250 vezes por minuto e o coração bate nesse ritmo mais de mil vezes.
- Sabia que existe uma espécie de **pinguim** que tem o corpo tão aerodinâmico (no ensino físico tem o valor c_w) que nenhum meio de transporte, seja um submarino, carro de corrida ou a melhor construção de um zepelim, o consegue ultrapassar. Esse pinguim consegue manobrar e realizar os maiores movimentos com uma mínima quantidade de energia.
- Sabia que existem **peixes** que vivem numa profundidade de 10 000 metros em absoluta escuridão. Trazem no corpo lâmpadas que transformam energia em luz a 100%. Assim se inventaram lâmpadas com cores diferentes, das quais

nenhuma energia se perde em calor [lâmpadas técnicas (as que usamos para iluminar) apenas têm um grau de eficiência de 10%, os restantes 90% da energia transformam-se em calor].

- Sabia que a **fotossíntese** se realiza em todas as folhas florais, a luz do sol é transformada em cargas químicas. Sabia que este genial processo de conversão de energia nunca foi possível ser reconstruído pelo homem?
- Sabia que o **coração de um humano** bate 100 000 vezes num dia e 2,5 mil milhões de vezes em 70 anos? Com isso podia ter-se enchido de sangue um arranha-céus. Um conjunto de 2500 km de artérias, veias e capilares (o equivalente à distância entre Paris e Moscovo), fornecem todas as partes do corpo com sangue. Assim se inventou uma bomba que trabalha toda a vida sem manutenção e substituição de peças.
- Sabia que o **genoma do homem** (informação genética) contém 3 mil milhões de letras genéticas? Se as escrevesse à máquina numa só linha daria uma distância do pólo norte ao equador. Uma secretária, mesmo com a rapidez de 300 letras escritas por minuto, com 220 dias de trabalho ao ano, 8 horas ao dia, não lhe chegaria a sua vida profissional para as dactilografar. Necessitaria de 95 anos! A capacidade de memória das moléculas de ADN em forma de espiral dupla necessita apenas de um volume de 3 mil milionésimos de milímetros cúbicos ($3 \times 10^{-9} \text{ mm}^3$). Aqui realizou-se uma imensa capacidade que ultrapassa os melhores computadores da década. Vamos dar uma vista de olhos à capacidade de armazenamento desta material. Imaginemos que o material da cabeça de um alfinete com um diâmetro de 2 milímetros era esticado até ter o diâmetro de uma molécula de ADN. Qual seria o comprimento deste arame? Ora bem, ele daria 33 vezes a volta ao equador. Alguma vez imaginaria isto?

- Sabia que um programador científico constrói em média apenas 40 sinais (códigos de programação) por dia, incluindo o tempo de concepção até à manutenção do sistema? Olhando para a quantidade de códigos no **genoma do homem**, necessitaríamos de um exército de 8000 programadores que trabalhassem toda a vida nesse único projecto. Nenhum programador do mundo conhece sequer o conteúdo incluído num só metro da estrutura de moléculas de ADN.

- Sabia que a capacidade de memória que existe em todas as células vivas representa a **maior concentração de memória** que há? Contando a quantidade que existe num genoma humano, isso resultaria, em livros com 160 páginas, numa edição de 12 000 exemplares. Recordemos então a capacidade de um chip de 16 megabites (ver *Imagem 3*) e, comparando com a nossa construção de ADN, temos de reconhecer que aqui temos uma capacidade multiplicada por 1400.

Se porventura perguntarmos que volume desses livros pode caber na cabeça de um alfinete, temos uma quantidade impossível de imaginar de 15 biliões de unidades! Empilhando essa quantidade em livros daria uma distância de mais de 500 vezes da terra à lua, que é, pelo menos de 384 mil Kms. Ou explicando de outra maneira: Se repartíssemos por todos os habitantes deste mundo (6 mil milhões de pessoas) esses livros, cada um receberia 2500 exemplares!

Ao observarmos invenções deste tipo apercebemo-nos facilmente do objectivo. Se procurarmos o responsável, o inventor destas concepções, podemos excluir, sem dúvida nenhuma, o homem. Temos apenas uma única resposta satisfatória: **São as obras de um Criador!** (mais no livro [G1])

Este reconhecimento fundamental da existência de Deus, desde a criação ao Criador, está ao alcance de toda a gente, inde-

pendentemente de ter conhecimento da mensagem da Bíblia ou não. Houve uma vez alguém que perguntou a um beduíno como é que sabia da existência de Deus. Ele respondeu-lhe. “Como é que sei se passou um homem ou um camelo de noite à beira da minha barraca? Vejo nos rastos na areia. Quem pode olhar para este mundo sem notar os rastos de Deus?”. Esta forma de transmissão sem palavras, possível de ser compreendida por toda a gente, já é falada no Antigo Testamento: “O céu proclama a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra da sua criação ... não pronunciam discursos nem palavras, nem fazem ouvir a sua voz.” (Sl 19,2-4). Neste ponto ninguém tem desculpa porque “eles sabiam que Deus existe ...” (Rm 1:21). Todos os povos comprovam, de qualquer maneira, essa existência. Também os filósofos pagãos do tempo antigo confirmam a verdade da declaração escrita acima:

Aristóteles (384–322 a. C.): “Deus, que é invisível para toda a criatura, torna-se visível nas suas obras.”

Platão (427–347 a. C.): “O mundo tinha de ter uma origem. Essa origem é o Criador eterno.”

Cícero (106–43 a. C.): “O céu e o seu firmamento mostram o mais claramente que são governados por uma divindade, cuja sabedoria ultrapassa todo o espírito humano.”

Neste capítulo vamos conhecer **a segunda espécie de invenções**. O inventor é Deus.

4. As religiões do homem: 1000 caminhos diferentes

4.1 O problema do homem

O nosso maior problema perante o Criador, de cuja existência temos consciência, depois das afirmações precedentes, é a nossa culpa perante Deus e as pessoas. Desde pecado original que o homem está separado de Deus e a nossa consciência indica-o claramente:

“Ora, quando o **gentios** (= *peessoas que não conhecem o Deus da Bíblia*), sem terem a Lei, cumprem naturalmente aquilo que a lei manda, eles são a lei para si mesmos. Mostram pelo seu proceder que trazem escrito no coração aquilo que a lei ordena, e que a sua consciência lhes testemunha, e também os pensamentos, que uns aos outros acusam ou defendem (Rm 2:14-15).

Na Bíblia – “*Gute Nachricht*” (1982) – “*Boa Notícia*”, os seguintes versos explicam mais facilmente:

“Os outros povos não têm a lei de Deus mas existem alguns entre eles que, por sensibilidade própria, fazem aquilo que a lei manda. Mesmo sem ninguém lhes ter explicado trazem-na com eles. As suas acções mostram o que lhes é exigido e está escrito nos seus corações. O mesmo comprova a sua consciência, cuja voz os acusa ou defende.”

O criador deu-nos com a consciência, não só aos cristãos como a todos os pagãos (não crentes), um indicador que nos diz que existe o bem e o mal. A palavra grega para consciência no Novo Testamento é “syn-eidesis” e quer dizer “com-saber”. É então uma instância que vive tudo connosco, com o que o homem faz ou pensa. Com esta parte, Deus concebeu-nos,

dentro da sua ordem de criação, à sua imagem e semelhança. Deus criou-nos, incluindo muitos outros factores, em absoluta diferença do animal que não consegue julgar a sua obra. Mas o homem sabe que tem de se responsabilizar algum dia pelas suas obras. As más obras (a Bíblia chama-lhes pecados) pesam-nos e mostram a ruptura entre Deus e o homem. Durante todo o tempo da humanidade foi conhecida esta situação como problema fundamental, por isso se inventaram maneiras

- de chegar a um acordo com Deus
- e de acalmar a própria consciência.

Para alcançar esta meta houve muitas experiências por parte do homem. Muitas imaginações por parte de Deus. Em milhares de religiões se encontra o seu sedimento (rasto). Queremos apenas apontar alguns exemplos:

Politeísmo (grego, *poli* + *teísmo* = *muitos deuses*): Alguns ou muitos deuses são adorados.

Monoteísmo (grego, *mon(o)s* + *teísmo* = um só, educação de um só Deus): Aqui existe a imaginação de um só Deus como instância superior (para uma definição mais certa tínhamos de diferenciar entre monoteísmo e uma trindade monoteísta [S4]). Para os representantes da teoria da evolução é o monoteísmo o nível mais elevado do desenvolvimento religioso.

Panteísmo (grego, *pan* = todo, tudo, inteiro): Aponta que Deus estará em todo o universo e na natureza, quer dizer que Deus e o mundo é um. *Schopenhauer* disse que o panteísmo é a forma delicada do ateísmo.

Teísmo (grego, *theós* = Deus, crer em Deus): Aqui quer existir um único Deus pessoal, fora mas incluído neste mundo, conserva e governa tudo mas sem exigir das pessoas um comportamento concreto e sem procurar uma relação com elas.

Deísmo (latim, *Deus = Deus*): Esta doutrina resultante do tempo do iluminismo na Inglaterra fala de um só Deus que tudo criou mas que, ao fim de tudo estar pronto, nos deixou e não quer saber de mais nada. Representantes desta doutrina foram *Voltaire, Rousseau e Lessing*.

Ateísmo (grego, *àtheus = sem Deus*): Esta é uma forma apreciada mundialmente (e assim também uma religião) que não aceita qualquer ente divino. As ciências das religiões distinguem entre religiões teístas e ateístas (p.ex. o budismo hinayana e o antigo taoísmo). Em países “cristãos” compreendia-se o ateísmo como forma de movimento contrário ao cristianismo: “Não existe nada do outro lado, não existe um reencontro”. O marxista *August Bebel* apontou: “Se existe, porém, um Deus, quem são os prejudicados somos nós.”

New Age (ingl. *Tempo novo*): É a experiência de combinar as formas religiosas do leste com o progresso da fé moderna.

Sincretismo (grego antigo, *synkretismós = união de dois contra um terceiro*): Mistura entre diferentes religiões, ideologias mundiais e ensinamentos filosóficos numa nova doutrina.

Segundo as *religiões primitivas* vivem na natureza seres e poderes que o homem, com sacrifícios e costumes rituais, tenta acalmar e experimentar desviá-los com feitiço e bruxarias. Imaginações destas chamam-se:

Animismo (latim, *anima = alma, crença na existência de almas*): A natureza completa é vista como um ponto cheio de almas. O animismo apresenta-se pela crença numa grande quantidade de fantasmas, espíritos dos antepassados e espíritos da natureza. Também aparece em religiões mono-teístas.

Feiticismo (port. *feitiço = bruxaria*) Objectos são honrados e adorados por terem, segundo se diz, forças misteriosas. A fé do

homem moderno em amuletos e talismãs pertence a esta categoria.

Totemismo (indiano): Aqui formou-se a crença numa ascendência familiar entre um grupo de pessoas (ou uma só) e um objecto da natureza. Segundo se diz, existem grupos de pessoas que são descendentes de um animal, uma planta, um astro ou um aparelho, sendo parentes deles. O *totem* é uma personificação que é honrada como protector poderoso e adorada como símbolo de uma união interior.

4.2 O que é uma religião?

Quando utilizamos a noção “religião” temos de fixar o que queremos dizer ou explicar daqui em diante. É uma necessidade por causa de existirem várias definições. As numerosas interpretações deste tema levam-nos a encontrar uma certa complexidade [B3,5]: a palavra “*religio*”, criada pelos romanos, é compreendida por *Cícero* como uma forma de ter atenção sobre uma coisa importante, de cumprir a sua obrigação em relação aos deuses. Em grego aplica-se a expressão “*eusebeia*” (temor a Deus, piedoso), equivalente à palavra romana. A palavra árabe e neo-persa “*din*” acentua a parte judicial. A palavra indiana “*dharmā*” (sânscrito) ou “*dham*” (pali) quer dizer “o que devemos cumprir” na lei. A palavra chinesa “*chiao*”, a japonesa “*kyo*” e o “*hak*” coreano, porém, explicam simplesmente “a doutrina”.

Definições actuais para “religião” segundo as explicações da ciência da religião: no seu livro “Marxismo – ópio para o povo” [S2], *Thomas Schirrmacher* ocupa-se de diferentes definições sobre “religião” como a ciência da religião as criou. O resultado é que não existe uma definição determinada para esta disciplina, pelo contrário. O cientista de religião *Christoph Elsas* tem uma colecção de centenas de definições e comparou-as umas com as outras. Na ciência das religiões não existe nenhuma definição que se possa escolher para servir de modelo

para todas as outras definições de religião. O espectro das religiões é tão longo que se encontram poucas características em comum. Apresentamos aqui quatro delas como suas representantes [S2,46-47]:

- (1) “A função específica da religião está fundada no pôr à disposição das últimas reduções fundamentais, que deixam descobrir a incerteza e a indeterminação do horizonte mundial, na certeza ou determinação do estilo proposto” (*Niklas Luhmann*).
- (2) “Um sistema religioso é toda uma conexão de elementos mentais (um conjunto de acções, representações e objectos) que preencham a função de dar ao homem uma explicação básica do seu mundo e de normas fixas para o seu comportamento” (*Ulrich Berner*).
- (3) “Toda a religião reduz a vida e a história do mundo a pontos centrais. O que forma o ser da religião são as últimas grandezas e valores que são aceites e que não deixam recuar na história até ao princípio” (*Thomas Schirrmacher*).
- (4) “A religião é uma forma de existência humana com relação a uma razão mental, que deixa aceitar essa razão mental ultra ou intra-mundana” (*H.R. Schlette, G.J. Bellinger [B3,5]*).

Destas vastas versões que avançam muito mais do que apontado no ponto 4.1, resulta uma frase significativa:

Religião é uma necessidade fundamental de cada pessoa!

O russo *Nicolai Berdjajew*, crítico de religião, aponta de maneira parecida: “O homem é incuravelmente religioso.” Aceitar uma criatura poderosa ou praticar orações e rituais são, segundo os pontos 1 a 4, condições sem necessidade de uma religião. A sua existência basta para chamar a um tal sistema religião.

Toda a pessoa necessita de uma última explicação sobre o mundo em que vive e precisa de normas pelas quais se possa dirigir. Este é o ponto de partida para a religião [B3,5]: “Desde o momento em que as pessoas tiram consequências do estilo de vida que levam, em que têm uma noção de valores e objectivos em comum que deixam criar um carácter mental de como dirigir a sua vida, aí começa a religião.” Com este significado não só pertence o cristianismo a uma religião, como também o marxismo é uma forma dela. O marxista acredita em normas incapazes de se poderem analisar até à base, que a matéria é eterna, que o trabalho foi criado pelo homem e, assim, acredita que a sociedade comunista é criada da base contrária à história. Uma tal convicção também existia no nacional-socialismo, formando-se também numa religião [S3]. *Hitler* falava sempre de uma “providência” como criatura superior. Pensando no credo do líder da juventude nazi, conhece-se facilmente a forma de rezar [R2,42]:

“Muitas vezes ouvimos tua voz e som,
ouvíamos sem ruído e com as mãos juntas,
toda a palavra entrava nas nossas almas.
Sabemos todos: um dia vem o fim
que nos liberta da miséria e obrigação.
O que é um ano de mudança de época!
O que é uma lei que queira travar
a fé pura que nos deste
nos governa a nossa vida jovem com pulsos.
Meu líder, tu só és o caminho e a meta!”

A arte também pode ocupar o lugar de uma religião. Assim escreveu *Richard Wagner* (1813–1883) a sua confissão de fé que, à primeira vista, se apresenta de uma forma cristã mas que nada tem a ver com ela [W1,62-63]:

“Creio em Deus, Mozart e Beethoven, do mesmo modo em
seus discípulos e apóstolos;
creio no Espírito Santo e na verdade da arte única e indivi-
sível;

creio que a arte é enviada por Deus e que vive nos corações de todas as pessoas inspiradas;
creio que quem se deixou apaixonar por esses sabores grandiosos da arte, para sempre a terá e nunca a consegue negar;
creio que todos se sentem glorificados por essa arte e que por ela estão autorizados a morrer de fome;
creio que poderá ser feliz pela sua morte;
creio que nesta terra fui um acorde dissonante que, pela morte, se tornará glorioso e puro;
creio num juízo final que condenará terrivelmente aqueles que tiveram coragem de praticar usura com este mundo com a ajuda da arte, que o desonraram com a maldade de coração, cobiça reles e prazeres;
creio que, os que são condenados para toda a eternidade, irão ouvir a sua própria música;
creio que os discípulos fiéis desta arte serão transfigurados numa esfera celestial cheia de raios solares inundados de luz e eternamente unidos numa harmonia divina.
Que este destino me encontre cheio de graça! Amén.”

A definição de “religião” tirada da Bíblia: Nas próximas observações não nos dedicamos às muitas interpretações e definições das ciências de religião. Decidimos dedicar-nos às explicações que nos dá a Bíblia. Fazemo-lo porque não queremos criar uma definição subjectiva própria, mas sim apreciar a definição do ponto de vista da Bíblia (ver Cap. 5.3). A palavra “religião” não existe directamente na Bíblia mas o tema é descrito com precisão. Uma declaração importante nesta conexão está no Sl 96:5:

“Esses deuses não valem nada¹,
Foi o Senhor quem criou os céus.”

1 (outra tradução: “Todos os deuses dos povos são ídolos, Mas o Senhor fez os céus”)

Também considerando o que se diz na Bíblia podemos definir “religião” da seguinte maneira:

Definição de religião (D1) (explicada pela Bíblia):

Do ponto de vista bíblico definimos religião como

- toda a representação criada pelo homem em relação a Deus
- todos os sistemas de pensamento com doutrinas de fé analíticas e normas de comportamento

que ocupam consciente ou inconscientemente o lugar do Criador divino que a Bíblia representa.

Com a nossa definição **D1**, como explicamos nas páginas seguintes, deixa de existir, dentro da rubrica “religião”, a fé no Deus da Bíblia e a fé em Jesus Cristo. O Evangelho de Jesus Cristo não pode de maneira nenhuma ser confundido com religião. Simplesmente se pode apontar que na história do cristianismo se representou como religião. Assim, as 95 teses de *Lutero* são uma chamada de separação da prática de uma igreja cheia de rigidez e uma chamada para a conversão ao evangelho. Também as “seitas” cristãs seguem o caminho, mais ou menos, de religião.

Quais são os sistemas que se podem chamar de religião? Os três apontamentos que se seguem querem dar uma explicação simples:

1. Religião no sentido principal: Sistemas chamados em geral como religião por existirem oficialmente deuses e espíritos, padres e templos. Orações e rituais desempenham um papel importante (p.ex. islão, hinduísmo).

2. Sistemas filosóficos, nos quais em geral não se honram deuses, mas que ocupam o lugar em vez do Criador da Bíblia (p.ex. marxismo, nacional-socialismo, antroposofia). Segundo a definição D1, também a teoria da evolução ocupa o lugar de uma religião porque não se vê o Criador como causa da vida,

trocam-na por outras explicações. Assim escreve o biólogo *Sir Julian Huxley* [U1]:

“Para mim pessoalmente é o desvio de um Deus sobrenatural um enorme alívio espiritual. O darwinismo eliminou a ideia de um Deus criador de discussão racional.”

Nesse sentido, *Eduard Ostermann* escreveu, devido a grandes quantidades de citações de representantes da teoria da evolução, o seguinte credo dessa religião: “Na teoria da evolução a mutação e a selecção, o acaso e a necessidade e o espaço de tempo sem limite os deuses substitutos da pessoa do Criador. Jr 10:11 aponta para ídolos desse género: “Estes deuses não fizeram nem os céus nem a terra; por isso devem desaparecer desta terra e debaixo deste céu.”

3. Religiões discretas que, à primeira vista, não nos parecem como religiões, mas sim um modo de viver individual. A esta categoria pertence, p.ex., o que por Jesus foi chamado de Mamom. Mamom é uma expressão da língua aramaica que quer significar riqueza e luxo.

Em Lc 16:13 diz Jesus: “Não podem servir a Deus e ao Mamom.” O Mamom apresenta-se como alternativa a Deus. No lugar da fé no Deus da Bíblia está o amor ao dinheiro e o materialismo. Assim, este sistema pertence, sem dúvida, à definição **D1**, às religiões. Religião é, explicando de outra maneira, tudo o que se apresenta em concorrência à fé bíblica. Em que posso confiar completamente? Qual é a fonte do sentido da vida? Onde está o meu coração? Onde obtenho ajuda para as decisões da vida? O que adoro mais que tudo? Em que me oriento para a minha forma de agir? Jesus diz: “Onde tiverem a vossa riqueza, aí estará o vosso coração” (Mt 6:21).

A religião do Mamom já é falada no Antigo Testamento. Job faz as seguintes perguntas:

“Não pus a minha confiança no ouro nem considere que ele fosse a minha segurança, mesmo o ouro mais fino? Não me enaideci da minha fortuna, de ter conseguido uma grande riqueza?” (Jó 31:24-25).

Também ele reconheceu o Mamom como substituto do Deus verdadeiro quando diz: “... pois estaria a renegar o Deus que está no Céu”.

4.3 Origem das religiões

Não existe nenhuma cultura ou civilização conhecida em que não exista alguma forma de religião. Para explicar a sua origem temos que distinguir entre dois pontos de vista:

1. Observação pelo ponto de vista evolucionista: Segundo esta opinião, a origem das religiões é igual à origem da vida, como um processo de desenvolvimento. Que no início havia, na fé em espíritos e poderes, um simples politeísmo e que, com o passar do tempo, se transformou num monoteísmo (judaísmo, cristianismo, islamismo). A aplicação do desenvolvimento da origem das religiões obedece aos princípios dos rascunhos da evolução que afirma que esta é um princípio universalmente válido. Esta condição proposta não é justificável historicamente, pois que religiões politeístas não existem só em culturas simples, elas encontram-se também na história de muitos povos politeístas ou monoteístas, independentemente da posição cultural (p.ex. Egipto, Ninive).

2. Observação pelo ponto de vista da Bíblia: Segundo a Bíblia, todo o homem dispõe de três informações básicas que lhe foram dadas com a criação (ver *imagem 8*):

- Deus castiga-os porque eles conhecem aquilo que se pode conhecer a respeito a Deus. Pois também Deus se deu a conhecer a eles. De facto, desde a criação do mundo, Deus, que é invisível, mostrou claramente o seu poder eterno e

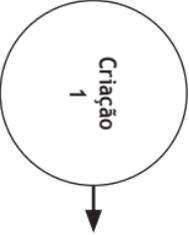
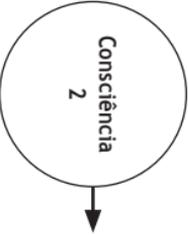
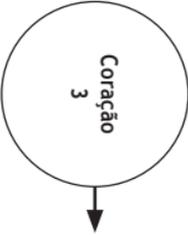
Três fontes de informação Extra bíblicas	Indicação pagã (fonte: homem)	Afirmção bíblica (fonte: Deus)
 <p>Criação 1</p> <p>Existência de Deus</p>	<p>Aristóteles: Deus que para todos é invisível, torna-se visível nas suas obras.” Cícero: “O céu e as suas estrelas mostram com clareza que são dirigidas por uma divindade.”</p>	<p>Romanos 1:19: “Deus castiga-os porque eles conhecem aquilo que se pode conhecer a respeito de Deus. Pois Deus também se deu a conhecer a eles.” Salmos 19:1-2: “O céu proclama a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra da sua criação. Cada dia o transmite ao dia seguinte e cada noite o repete à outra noite.”</p>
 <p>Consciência 2</p> <p>Existência da lei de Deus</p>	<p>As muitas religiões do homem</p>	<p>Romanos 2:15: “Mostram pelo seu proceder que trazem escrito no coração aquilo que a lei ordena. A voz da sua consciência ensina-lhes o que devem fazer e acusa-os ou defende-os, conforme os casos.”</p>
 <p>Coração 3</p> <p>Existência da eternidade</p>	<p>Índios: localidades de caça eterna Gregos: ilha dos bem-aventurados Babilônios: país do céu de prata Muçulmanos: vida de luxo</p>	<p>Eclesiastes 3:11: “Deus fez tudo.”</p>

Imagem 8: Três fontes de informação que estão à disposição de toda a pessoa: criação, consciência, coração.

a sua divindade nas suas obras. Por isso não têm desculpa (Rm 1:19-21).

- Ora, quando os que não são judeus, sem terem a Lei de Moisés, cumprem naturalmente a lei, eles são a lei para si mesmos. Mostram pelo seu proceder que trazem escrito no coração aquilo que a lei ordena (Rm 2:14-15).
- Deus fez tudo muito bem e na altura própria. Até colocou a eternidade no coração dos homens, mesmo se eles não conseguem compreender a obra que Deus fez do princípio ao fim (Ec 3:11).

Esta sabedoria geral motivou o homem a inventar milhares de caminhos e formas de realizar religiões. Já na história de *Caim e Abel* se vê a diferença entre o caminho humano de religiões e o caminho divino. *Caim* foi o primeiro que queria, segundo a sua própria idéia, servir Deus. Ele foi assim o primeiro fundador de uma religião. *Caim* não representava o politeísmo, como se explica várias vezes do ponto de vista evolucionista. O seu irmão actua com orgulho à vontade de Deus e é um exemplo de fé que agrada ao Senhor (Hb 11:4). A nossa corrente de fé chega assim por *Abraão, Noé e Henoc* até ao primeiro homem. Assim se mostra: O caminho que agrada a Deus existiu desde o princípio (o monoteísmo não é resultado evolucionista) e, em paralelo, criaram-se religiões como ideias humanas. Apesar de *Caim* se querer dirigir a Deus com a sua oferta, não foi visto com satisfação (Gn 4:5). Segundo Hebreus 11:4 faltava a *Caim* a fé em Deus. Podemos diferenciar dois caminhos de origem das religiões:

2A. Origem colectiva: Depois do dilúvio, a humanidade aumentou a quantidade da família de *Noé* pelo mundo fora (ver povos descendentes de *Noé* em Génesis 10). Por decadência, descida sociocultural e modificação colectiva da relação original com Deus, e também o crescente de invenções individuais formou-se um isolamento e distância dos povos com a sua religião (*religião popular, religião de tribo*). O Antigo Testamento dá-nos impressões eloquentes das numerosas religiões pagãs e

suas características. Os cananeus (nem só eles) tinham uma religião tão terrível que até queimavam os seus próprios filhos para servir aos seus deuses à medida dos seus sacrifícios (Dt 12:31).

2B. Origem através de fundadores de religiões: Outras religiões têm a sua origem em fundadores individuais, como por exemplo o islamismo ou o budismo, que integraram as suas doutrinas na sua religião natal. Também as seitas cristãs, com as suas falsas doutrinas e desfigurações do conteúdo da Bíblia, se baseiam sempre num fundador (*religiões fundadas*).

As *religiões primitivas* (religião de tribo) não têm fundadores concretos nem escrituras fixas. A vida religiosa concentra-se simplesmente em ilusionistas, curandeiros, feiticeiros e padres, imaginações transmitidas verbalmente que se declaram, às vezes, como sabedorias misteriosas. Nas religiões populares é aceite que outros povos honrem outros deuses e que pratiquem também outras religiões. As religiões criadas por fundadores reclamam que têm validade para todos.

4.4 Características das religiões

Em todo o tempo e em todos os lugares do mundo houve a intenção do homem de utilizar a sua capacidade mental e força para inventar religiões. O resultado é que não existe só uma, pelo contrário, existem centenas delas. Declaramos a origem das religiões à força de invenções, mas há também que incluir mais um ponto importante: Neste mundo perdido temos de contar com a influência do diabo, cujo maior desejo é ver as pessoas o mais longe possível de Deus, traí-las e mentir. Assim foram as mentiras “Será que Deus terá dito que não podem comer do fruto de todas as árvores do jardim?” (Gn 3:1) e “vocêis vão ser como Deus e ficarão a conhecer o mal e o bem!” (Gn 3:5) que nos levaram à queda em pecado. Quão maior é a tentativa dele para que as pessoas caminhem por vias religiosas que não têm a direcção de Deus, o que só pode resultar em perdição.

As mil religiões indicadas no título deste capítulo ainda me parecem uma quantidade pequena. Nestas condições coloca-se a seguinte pergunta: será que, numa quantidade tão grande de religiões, não existe pelo menos uma certa, ou são todas falsas? A resposta queremos dá-la mais tarde.

Queremos dar uma vista de olhos às características essenciais de uma religião. O conhecido evangelista *Wilhelm Pahls* aponta três particularidades que se podem aplicar em quase todas as religiões [P3]:

Religiões têm a ver:

- com pessoas;
- com regras humanas;
- com objectos.

Seguimos com uma visão de cada característica em particular:

1. Com pessoas: os fundadores das religiões, assim como os seus proeminentes representantes, gozam de grande louvor e autoridade. São honrados de mil e uma maneiras: por imagens, estátuas e através da propagação das suas leituras pelos seus seguidores. É assim no caso de *Maomé e Buda*, tal como, p.ex. *Joseph Smith*, o fundador dos mórmones. Nas religiões primitivas, este papel é desempenhado pelos curandeiros e padres.

2. Com regras humanas: As regras, ritos e cerimónias inventados pelo homem para agradar a Deus são incalculáveis e de muitas classificações. Sacrifícios de crianças eram normalidade nos *cultos de fertilidade*. Arqueólogos americanos descobriram em Cartago mais ou menos 20 000 crianças que foram mortas e oferecidas a Baal em sacrifício perto de Tophet, no tempo entre 400 e 200 a.C. Os *fariseus* de Israel tinham inventado tantas regras que apenas sabiam oprimir e acorrentar o seu povo, em vez de o proteger como os mandamentos de Deus mandam. Jesus foi obrigado a avisá-los: “Dessa

maneira vocês deixam de dar valor ao mandamento de Deus ao trocarem-no pelos ensinamentos que vão passando de pais para filhos. E há muitas outras coisas deste gênero que vocês fazem” (Mc 7:13). Outros ditavam sacrifícios de penitência inumanos que escravizavam o povo, deixando este de ter dignidade. Também existe o uso religioso de castigar o povo com conteúdo bíblico falsificado pelos responsáveis que os fazem rezar uma certa quantidade de *Pais-nosso*. Nós temos de recusar isso porque a Bíblia traz a oração a Deus como adoração, louvor, pedido, intercessão e agradecimento, nunca como castigo ou lei ritual.

3. Com objectos: Em nome da religião construíram-se objectos enormes que ainda hoje pertencem à repartição da superlativa mundial. Em Kyoto e Nara (Japão) temos uma impressão dos enormes esforços humanos. Em Nara (710–784 capital japonesa) está o *templo de Todaiji* com 58m de comprimento, 51m de largura e uma altura de 49m, *o edificio em madeira maior do mundo (imagem 9)*. Neste edificio colocou-se a *maior estátua do mundo em bronze* (16,2m de altura, moldado com 437 toneladas de bronze, 130kg de ouro e 75kg de mercúrio). É a maior figura moldada de Buda (*imagem 10*). No *templo de Horyuji*, em Kyoto, está o *kannon de mil braços* que é adorado juntamente com mais 1000 figuras budistas (*imagem 11*).

No Japão existem 220 000 edificios religiosos (santuários, templos budistas) e cerca de dois milhões de pessoas passam o tempo exclusivamente com actividades religiosas. O culto religioso no Japão ocupa um papel enorme que abrange a maioria da povoação japonesa. Em frente a estes lugares vê-se como as pessoas queimam varetas, colocam velas acesas e se inclinam perante eles.

Também no nosso mundo ocidental cristão, a religião desempenha um papel importante. Assim querem acalmar a consciência com a colecção de lascas da cruz ou viajando a um lugar onde se guardam ossadas de pessoas importantes (se juntássemos as



Imagem 9: *Maior edifício em madeira do mundo: o templo budista Todaiji em Nara (Japão).*

lascas de madeira das quais é dito que são da cruz, tínhamos mais que um pinhal).

Todas as religiões (em sentido directo) reconheceram o problema principal – o desvio entre o homem e Deus – e procuraram uma resposta humana. A resposta é: **Religião!** É o caminho iniciado pelo homem. Quando a religião cria raízes num povo, desenvolve-se uma exigência de integrar a religião como uma tradição. *Heinrich Kemner*, conhecido pastor evangelista e fundador do *centro de edificação espiritual de Krelingen*, Alemanha, disse: “Religião e tradição têm poder protector (em sentido ético) mas não tem poder de salvação (em respeito à eternidade)”. A tradição religiosa difere muito nos diferentes países:

- os japoneses têm uma tradição budista e xintoísta
- os indianos têm uma tradição hinduísta
- os muçulmanos têm uma tradição islâmica
- os animistas têm a tradição da sua religião de tribo
- e no mundo ocidental temos uma tradição cristã

Existe então uma religião cristã e esta também tem rituais e mecanismos desenvolvidos para atordoar a consciência. Se alguém, por exemplo, transgredir os mandamentos de Deus durante o carnaval, sabendo que não o deve fazer, e depois for na quarta-feira de cinzas à missa receber a cruz de cinza, atordoou assim a sua consciência com religião (até com a ajuda da religião cristã!). Perante Deus, isto só pode ser um falso acto com um toque piedoso sem mudança profunda do coração.



Imagem 10: *Maior estátua em bronze do mundo: figura de Buda no templo de Todaiji em Nara (Japão).*



Imagem 11: *Uma parte de 1000 figuras de Buda no templo de Sanjusangendo em Kyoto (Japão).*

4.5 As religiões são de Deus ou dos homens?

Queremos seleccionar algumas religiões para dar uma vista de olhos às práticas.

Japão: Nas casas japonesas existem altares para honrar e praticar rezas aos mortos. Acreditam que, no dia da morte, o espírito regressa à sua antiga casa. Para serem bem tratados põem-lhes grãos de arroz à disposição como recompensa da má situação no inferno. Só lhes é autorizado voltar no dia da sua morte. Depois da celebração colocam barcos de palha a arder na água. Os espíritos dos mortos abandonam assim a terra e regressam ao inferno.

Índia: Dos 1.140 milhões de indianos, 82% são membros do hinduísmo. Nesta religião existe o hábito de honrar vários deuses, espíritos e demónios. O hindu crê numa metempsicose, quer dizer que na próxima vida ocupa um corpo diferente. Quem não se sabe comportar nasce na próxima vida como ser

inferior, tal como uma aranha, mosca, sapo, ratazana ou vaca. Um missionário que trabalhava na Índia contou-me de pessoas pobres que andam pela noite à procura de passadiços para peões para poderem dormir com os seus filhos. Porque procuraram um lugar tão desagradável? Será que gostam do ruído dos automóveis ou dos gases de escape? Claro que não! Nos passadiços para peões não há ratazanas. Noutros lugares têm um alto risco de mordidelas de ratazanas. Na Índia existem oito vezes mais ratazanas que pessoas. Estes animais cheios de voracidade (grande vontade de comer) não se podem matar porque podem ser uma reencarnação de uma pessoa humana. Estas ratazanas esfomeadas atacam especialmente crianças a dormir e mordem-lhes as extremidades. É horrível o que é possível dentro de uma religião. Não encontramos a maior quantidade de gado em Pampas, na Argentina, o recorde mundial é batido, com 30 milhões de vacas, pela Índia. Vacas que se podiam utilizar para combater a fome nesse país mas, por motivos religiosos, é proibido matá-las.

Norte dos Camarões: Para tranquilizar os maus espíritos, molham-se crianças com água quente. As crianças são presas e é-lhes deitada água pela boca abaixo. Esta tortura terrível acaba com queimaduras na boca e garganta e, muitas vezes, com a morte das crianças.

Nestes poucos exemplos apresenta-se a natureza terrível das religiões que nos leva a perguntar se essas regras podem vir de Deus. Ora bem, estas ideias nunca podem vir do Deus da Bíblia, o Pai de Jesus Cristo, “pois o Senhor é todo misericórdia e compaixão” (Tg 5:11) e “Deus é amor” (1 Jo 4:16).

Segundo a nossa definição D1 (ver cap. 4.2), as outras religiões tampouco resultam de Deus. Por isso afirmamos:

Todas as religiões são invenções do homem!

Dos quatro tipos de invenções apresentadas na introdução conhecemos entretanto o **terceiro tipo de invenções**. Dois tipos são, sem dúvida, de origem humana (invenções técnicas e religiões) e a outra, também sem dúvida, de origem divina (obras da criação). Nos próximos capítulos vamos-nos dedicar à quarta invenção: **O Evangelho!**

4.6 O islão do ponto de vista bíblico

Hoje em dia todo o mundo fala do islão. Nos estados europeus ocidentais vivem muitos muçulmanos. Parece que as igrejas, em muitos lugares, aceitam o islão como outro caminho para Deus. O padre da catedral de Braunschweig e o imã celebraram uma missa na catedral evangélica. Quando o papa visitou a mesquita de Damasco no dia 6 de Maio de 2001, beijou o alcorão. Quando foi inaugurada uma das maiores mesquitas na Alemanha, a igreja evangélica ofereceu os candeeiros do edifício. O leitor normal que lê diariamente os jornais pode concluir das seguintes notícias: “No final de contas, todas as religiões são iguais. Não faz diferença nenhuma em quem acreditamos e para quem rezamos.” Mas será que é verdade?

Queremos avaliar o islão do ponto de vista da Bíblia. Fazemos isto unicamente com a condição que apenas a Bíblia nos transmite a verdade. Jesus testemunha de si próprio em João 14:6: **“Eu sou a verdade.”** E em João 17:17, Jesus ora ao Pai: **“Tua palavra é a verdade.”** Paulo confessa em Actos dos Apóstolos 24,14: **“Creio em tudo o que está escrito.”** Isto são armas fortes nas nossas mãos, as quais devem ser utilizadas com toda a clareza.

4.6.1 Ataques terroristas islâmicos

Desde o 11 de Setembro de 2001 que se pensa muito sobre o islão. Isso vê-se na televisão, em revistas e muitas conversas pessoais. No dia 11 de Setembro de 2001, dois aviões colidiram com as torres gémeas do World Trade Center e um ter-

ceiro com o pentágono. Às 8.47 horas, a Boeing 767 da American Airlines perfurou a torre norte a cerca de 850 km/h. Explodiram 63 000 litros de combustível. Às 9.02 horas chega o segundo avião desviado pelos terroristas à torre sul, mais ou menos à altura do 60º andar, ficando em brasa como uma enorme bola de fogo. Mais de 350 bombeiros subiram ligeiramente pelas torres, só poucos voltaram. A torre sul, destruída na sua estrutura, ainda se segura durante 56 minutos num inferno de 1000 graus célsius; por fim, a torre parte-se à altura do 80º andar.

Nos dois arranha-céus utilizaram-se na sua construção mais de 192000 toneladas de ferro, uma quantidade que dava para construir 27 torres de Eiffel. Um acontecimento que provocou quase 3000 mortos. Um economista fez um balanço materialista dos estragos e chegou a uma soma de 1000 biliões de dólares. Nunca se provocou tanto estrago com um só acontecimento. Uma quantia que é equivalente ao prejuízo da segunda guerra mundial. Um bombeiro de Nova Iorque disse: “Sabemos onde ficaram as vítimas. Nas nossas pás, nas solas dos sapatos, nos filtros das nossas máscaras de oxigénio.”

Num relatório de Israel estava escrito: “As pessoas utilizam o autocarro como meio de transporte apenas com um máximo de atenção, fixam todas as pessoas e ficam felizes por sair dos autocarros sãos e salvos. A vida tem de continuar, as pessoas têm de ir para o trabalho, têm de ir às compras. Mas a próxima bomba de duas pernas disfarçadas de soldado, judeu ortodoxo ou mulher grávida pode explodir a qualquer hora.”

No dia 11 de Março de 2004 realizou-se mais um inferno pelas mãos de muçulmanos na estação de caminhos-de-ferro Atocha em Madrid. Pelas 7.40h explodiram dez das bombas preparadas em malas precisamente ao mesmo tempo. Em segundos, quatro comboios regionais transformaram-se em fontes de fogo a rebentar de calor e em armadilhas mortais. Morreram 192 pessoas e mais de 1000 ficaram feridas. Foi o maior aten-

tado terrorista da história espanhola. Na imprensa espanhola repetia-se: “O que para os americanos foi o 11 de Setembro, para nós é o 11 de Março.”

Rapidamente se tentam desculpar os actos de terroristas islâmicos com o argumento de que os cristãos também cometem erros. Fala-se das cruzadas e dos ataques terroristas na Irlanda do Norte. Os actos dos terroristas islâmicos, tal como os dos terroristas cristãos, são terríveis mas existe uma diferença enorme: aqueles que mobilizavam as cruzadas e queimavam as bruxas agiam totalmente contra o Evangelho. No dia do juízo do Senhor irão ser chamados à responsabilidade. Os terroristas do dia 11 de Setembro de 2001 ou do 11 de Março de 2004 agiram de acordo com o alcorão. O mesmo se pode dizer da quantidade inumerável de autores de atentados suicidas em Israel, cuja única meta é a de matar o maior número possível de pessoas.

Mohammed Atta guiou um dos aviões da American Airlines contra a torre norte do World Trade Center. Como título da sua licenciatura, escreveu o seguinte verso do alcorão: “Minha oração e meu sacrifício e minha vida e minha morte pertencem a Alá, o senhor dos mundos.” Concretizou exactamente isso no dia 11 de Setembro. O alcorão promete o paraíso àqueles que morrem na guerra santa. Que engano, foi um voo para o inferno!

O autor do atentado suicida *Mohammed Atta* escreveu no seu testamento: “Não quero seres impuros no meu enterro, ou seja animais e mulheres ... E também não quero seres impuros à beira da minha campa. Muito menos as mais impuras de todas: mulheres grávidas.” Que ideia terrível se encontra aqui. Os terroristas do dia 11 de Setembro de 2001 tinham um manual de instruções de 180 páginas sobre terror em nome de Alá. Nas primeiras páginas pode ler-se: “Nunca no passado se realizou nem no futuro se irá construir um reino islâmico com a ajuda de acordos amigáveis e a colaboração de grémios. Os reinos

islâmicos são construídos com o lápis e a arma. E com a palavra e a bala. E com a língua e o dente.” (Origem: *Der Spiegel*, nº 49 de 03.12.2002, pág. 128).

Serão os atentados suicidas coisa para apenas alguns? O Djamal-al-Islama proclama: “Mil milhões de muçulmanos estão dispostos a transformar o seu corpo numa bomba.” (Origem: *ethos*, nº 5/2002, pág. 19).

Em Janeiro de 2002 houve uma conferência com guias espirituais islâmicos na capital do Líbano, Beirute. Na sua declaração final foi afirmado: “Atentados suicidas praticados por guerreiros santos contra o inimigo sionista são legítimos. Eles baseiam-se no alcorão e nas leituras do profeta Maomé.” Na declaração exigiram a eliminação do estado de Israel. Em seguida lê-se: “Atentados suicidas são a maior forma de martírio e levam ao paraíso.” (Origem: *Mitternachtsruf*, nº 5/Maio de 2002, pág. 14).

4.6.2 O que é a guerra santa do islão?

(Origem: Movimento de confissão “Kein anderes Evangelium”, Westfalen-Lippe, *Informação regional* nº 97, Janeiro de 2002, pág. 15-32)

Em árabe existem cinco palavras diferentes para “luta e guerra”. Uma delas não existe no alcorão, que é *kifah*. *Kifah* quer significar a *luta ideológica* apenas com a utilização de palavras e argumentos. Esta foi a batalha combatida pelo apóstolo Paulo quando disse em 2 Timóteo, cap. 4, verso 7: “Lutei por esta causa o melhor que pude, percorri o meu caminho, guardei a fé.”

As restantes definições estão no alcorão e significam a luta com armas:

1. Jihad: Quer dizer “esforço para cumprir uma missão por Alá em conjunto com trabalho e sacrifício.” Esta palavra existe 28 vezes no alcorão e tornou-se numa expressão islâmica como forma de luta contra os infiéis. Ela inclui o uso de armas.

2. Qital: Esta palavra existe 33 vezes no alcorão e significa a luta com a arma na mão. O objectivo é vencer o inimigo e, se for necessário, matá-lo em combate. Isto acontece com o risco de também poder ser morto. Por exemplo, Sura 2, verso 191: “E matem-nos à pancada, onde quer que os encontrem, e expulsem-nos de onde eles vos expulsaram; porque tentação é pior que homicídio.”

3. Hiaraba: Esta palavra existe 6 vezes no alcorão e explica o ataque contra Alá e Maomé ou uma declaração de guerra contra aqueles que se opõem à lei do islão. Por exemplo, Sura 5, verso 33: “Vê que o pagamento para aqueles que são contra Alá e seus mensageiros, que apenas fazem estragos nesta terra, seja que os matem ou crucifiquem ou que lhe cortem as mãos e os pés ou que os expulsem do país.”

4. Fi Sabil Allah: Esta expressão existe 45 vezes no alcorão e significa “a caminho de Alá” ou “por causa de Alá”. Por exemplo, Sura 3,13: “Uns lutavam pelo caminho de Alá e os outros eram descrentes.”

Todas estas análises mostram-nos que o alcorão não fala de “luta santa ou espiritual”, mas sim de uma guerra sangrenta: “A luta (com arma; qital) é uma obrigação vossa, mas é também o vosso ódio. Porém, talvez odeiem uma coisa que vos é boa e talvez amem uma coisa que vos será má; e Alá sabe, vós não sabeis.” (Sura 2,216). Pelo que o alcorão diz, os fundamentalistas islâmicos não são grupos de homens extremistas com vontade de acções, os muçulmanos liberais e cidadãos humanistas é que são tratados pelo alcorão como cobardes, desobedientes e rebeldes sobre os quais repousa a ira de Alá.

4.6.3 O objectivo do islão

O objectivo final das guerras dos muçulmanos é conseguir conquistar todo o mundo e convertê-lo ao islão. Essa ordem de missão existe duas vezes no alcorão:

Sura 2,193 (e 8,39): “Lutem com eles (com armas) até não haver mais tentação (de renúncia do islão) e que a única religião (no mundo) seja só a de Alá.”

Sura 48,28 (e 61,9): “Ele (Alá) mandou o seu enviado com a direcção correcta e a verdadeira religião para vos dar a vitória sobre todas as religiões, mesmo que os politeístas (os cristãos) não gostem.”

4.6.4 A recompensa dos guerreiros islâmicos

Depois da morte espera-os um paraíso com prazeres terrestres. Esses jardins são citados 124 vezes no alcorão. Por exemplo, Sura 55,54+56+70: “Eles que se encostem a camas trabalhadas em brocado e as frutas dos dois jardins estarão perto ... neles haverá moças com olhar casto que nem homem, nem Dschann chegaram a tocar ... haverá boas e bonitas.”

Os múltiplos assassinos que voaram no dia 11 de Setembro de 2001 com os aviões carregados de passageiros para o centro do comércio mundial em Nova Iorque e para o Pentágono em Washington fizeram precisamente aquilo que o alcorão diz, por Alá e justamente. Estes autores até podiam contar, segundo as promessas do alcorão, com uma grande recompensa pelos delitos. Nisto está mais que claro: o Alá do alcorão não pode ser o pai de Jesus Cristo.

4.6.5 Comunismo e islão – uma comparação

O século passado foi abalado por duas ideologias, pelo nacional-socialismo e pelo comunismo, porque ambas queriam alcançar o domínio mundial. Parece que o islão quer ser esse sistema dominante no séc. XXI. Com o dia 11 de Setembro de

2001, o islão declarou inequivocamente guerra ao mundo ocidental. *Walter Rominger* escreve sobre o tema:

“O islão promete àqueles que morrem uma morte de herói, como mártires (que o não são!) nessa “guerra santa” (não são heróis, apenas fanáticos possessos!), o prazer do paraíso ... Por esta razão, o islão é mais perigoso que o comunismo porque oferece uma ilusão da eternidade que leva à criação de motivações fora de ser. O comunismo apenas trata de todas as suas actividades neste mundo.” (origem: *Walter Rominger*: Mais perigoso que o comunismo, revista *Erneuerung und Abwehr*, nº 3, Março de 2002, pág. 17-18).

4.6.6 Oram cristãos e muçulmanos ao mesmo Deus?

Numa festa de aniversário disse-me há pouco tempo um muçulmano: “Nós oramos ao mesmo Deus.” Eu disse-lhe que podíamos fazer rapidamente a prova. Perguntei-lhe: “É Deus o pai de Jesus Cristo?” – “Não, de modo nenhum! Alá não tem filho. Isso seria uma terrível blasfêmia!” – “Está a ver, o meu Deus é pai de Jesus. Assim, o seu Deus não pode ser o meu Deus!”

John Ashcroft, o ministro da justiça dos EUA disse: “O islão é uma religião com um Deus que exige que o seu filho morra por ele. O cristianismo é uma fé num Deus que é tão cheio de Amor que enviou o seu Filho para morrer por ti. Nunca poderá ser o mesmo Deus!” (origem: revista *Perspektive* 05/2002, Christliche Verlagsgesellschaft Dillenburg).

4.6.7 É o islão uma religião pacífica?

Três versos do alcorão serão aqui apontados para esclarecer este ponto:

“ O Paraíso pertence àqueles que, no caminho para Alá, lutam, matam e se deixam matar” (Sura 47,5).

”Digo-vos (Alá) que ponho medo no coração dos não crentes. Assim, batam-lhes nos pescoços e cortem-lhes todos os dedos” (Sura 8,12).

“Os não crentes que não querem crer são tratados por Alá como o pior dos animais” (Sura 8,56).

Pelo contrário, Jesus ensina no sermão do monte: *“Mas eu digo-vos mais: tenham amor aos vossos inimigos e peçam a Deus por aqueles que vos perseguem. É deste modo que se tornarão filhos do vosso Pai que está nos céus porque ele faz brilhar o sol, tanto sobre os bons, como sobre os maus e faz cair a chuva, tanto nos bons, como nos maus.”* (Mt 5:44-45).

4.6.8 Quem é Alá?

Antigamente, Alá era honrado pelos habitantes de Meca como um de 360 espíritos do deserto e tinham-no como Deus da lua. O símbolo de todas as mesquitas e de muitas bandeiras árabes ainda hoje é a meia-lua. *Maomé* declarou Alá como único Deus. Islão quer dizer subjugar-se. Um muçulmano é, por consequência, um indivíduo que se subjugou toda a vida.

A Bíblia diz que o homem foi feito à imagem de Deus, ele é portanto semelhante a Deus: “Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade. Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, colocaste tudo sob o seu poder (Sl 8:6-7). Jesus apresentou-nos Deus como o Pai que nos ama. O islão é completamente diferente: Alá não é de maneira nenhuma semelhante ao homem. Ele é e fica inacessível. Isso vale para a vida aqui, assim como no paraíso. Por isso, *Maomé* também não pode ter recebido uma revelação de Alá porque ele é inacessível. Por essa razão, *Maomé* diz que recebeu o alcorão como uma revelação do anjo Gabriel. Mas, na Bíblia, Deus fala sempre com o homem. Aí encontra-se sempre a expressão: “O Senhor disse a Moisés” (Êx 14:1) ou “O Senhor disse-me: ...” (Ez 7:1).

A Alá apenas podemos ir como escravos, numa atitude de repressão. Mas nós podemos ir a Deus como um filho vai ao pai: “E o Espírito que recebestes não vos torna escravos nem medrosos, mas torna-vos filhos de Deus. É ele que nos faz exclamar: “Abba” que quer dizer “meu Pai” (Rm 8:15).

4.6.9 O alcorão nega Jesus como Filho de Deus

A divindade de Jesus é um dos dogmas centrais da fé cristã. No batismo de Jesus, uma voz dizia do céu: “Este é meu filho querido. Tenho nele a maior satisfação” (Mt 3:17). À pergunta de Jesus “quem acham que eu sou?”, Simão Pedro respondeu: *“Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”* (Mt 16:16).

A Bíblia diz claramente que toda a doutrina que nega que Deus tem um filho é anti-cristã. Assim se lê em 1 João 2:22-23: *“Quem é, então, o mentiroso? É aquele que afirma que Jesus não é o Cristo. Esse é o inimigo de Cristo, aquele que nega o Pai e o Filho. Quem nega o Filho fica também sem o Pai. E, quem aceita o Filho, tem também o Pai.”*

A nossa salvação depende única e exclusivamente da fé no Filho de Deus: “E o testemunho é este: Deus deu-nos vida eterna e essa vida é-nos oferecida por meio do Filho. Quem tem o Filho de Deus tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.” O alcorão nega Jesus como Filho de Deus, por exemplo em Sura 9,30: “Os cristãos dizem: “Cristo é Filho de Deus.” Não têm medo de se atrever desta maneira. Maldita gente de Deus. Alá os mate à pancada! Como podem ser tão malucos.” Qual é a consequência mental? O espírito do anti-cristo fala a partir do alcorão!

4.6.10 O alcorão nega a crucificação de Jesus

Segundo 1 Coríntios 2:18, a palavra da cruz é uma força divina que nos salva. Paulo explica a importância fundamental da crucificação para a nossa salvação em 1 Coríntios 2:2: *“Eu não*

pretendia fazer-vos ver mais nada a não ser Jesus Cristo e, sobretudo, o valor da sua morte na cruz.” Esta frase central do Evangelho é negada pelo alcorão. Na Sura 4,156 Maomé ensina o seu ponto de vista sobre a crucificação de Jesus: “Eles não o mataram nem o crucificaram, só lhes pareceu assim. Todos os que têm outra opinião estão cheios de dúvidas e sem conhecimento.” Segundo a interpretação islâmica houve uma pessoa parecida com Jesus que foi crucificada, enquanto Jesus foi levado para fora conseguindo, assim, escapar da morte na cruz.

4.6.11 A negação da ressurreição de Jesus

Como a doutrina islâmica diz que Jesus não foi crucificado, também não pode ter ressuscitado. Segundo a Bíblia, a ressurreição de Jesus é a base fundamental da fé. Lemos isso em 1 Coríntios 15:14 + 17-19: *“E, se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e a vossa fé é inútil também. E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé não tem fundamento e vocês ainda são escravos dos vossos pecados. E, então, os que morreram com fé em Cristo perderam-se. Se a esperança que temos em Cristo não vai para além desta vida, somos os mais miseráveis de todos.”*

Em diálogo com muçulmanos, estes dizem-me que o alcorão fala também de Jesus. Mas ele é apenas um profeta e, assim, um homem mortal. O que a Bíblia nos transmite centralmente sobre Jesus é negado no alcorão ou indirectamente recusado. Para os cristãos, Jesus é absolutamente a pessoa central da fé. Jesus é Filho de Deus (Mt 16:16), ele foi crucificado (Mt 27:31), ele ressuscitou (Lc 24:34), ele é o único Salvador (At 4:12), ele é Salvador (Lc 2:11), ele é o único caminho para o Pai (Jo 14:6), ele é a única porta para o céu (Jo 10:9), ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29), ele é o Criador de tudo (Jo 1:1-3, Cl 1:16-18), ele é o Senhor de todos os senhores e Rei de todos os reis (Ap 21:6), ele é o Primeiro que ressuscitou dos mortos, ele vem dos tempos da eternidade (Mq 5:2) e vive para toda a eternidade.

No Salmo 96:5 está escrito que o Deus da Bíblia é o único: “Esses deuses não valem nada, foi o Senhor quem criou os céus.” Isto vale para todos os deuses que o homem criou e assim também vale para Alá. É um ídolo que existe apenas na imaginação das pessoas, ele não pode ajudar nem salvar. O profeta Isaías diz: “Os seus ídolos são pura ilusão e vazio” (Is 41:29).

5. O caminho de Deus para o homem: O Evangelho

O **Evangelho** (do grego *euaggélion* = *boa-nova*, *boa mensagem* da salvação de Jesus Cristo, a *boa-nova* de Jesus Cristo) é a oferta de Deus para nos dar a salvação através de Jesus Cristo. A religião é, pelo contrário, uma invenção humana que não passa de uma ilusão. O caminho humano leva-nos à perdição, o caminho de Deus leva-nos à casa do Pai. Deus amamos e quer salvar-nos segundo o seu plano. Assim, o Evangelho também se pode considerar uma invenção. O inventor não é o homem, o inventor é o próprio Deus. Conhecemos assim **quatro tipos de invenções** que ilustramos na imagem nº 12.

Ao significado, alcance, originalidade e aceitação do evangelho queremos dedicar-nos com rigor. A única condição é a de ouvir o diagnóstico que Deus tem a fazer .

5.1 O diagnóstico de Deus: um inventário divino do homem.

Talvez possamos ter uma boa opinião de nós próprios, e alguns poetas ainda nos apoiam nisso. Assim disse Goethe: “Nobre seja o homem, amigo de ajudar e bondoso.” A visão mundial do humanismo representada por Lessing, Kant, Hegel e outros explica-nos que o homem no fundo é bom. O filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712–1778) não influenciou só a imagem do homem com o seu pensamento, ele também deixou raízes na psicologia, pedagogia e sociedade de hoje. Dele é a seguinte frase: “O Homem é por natureza bom e daí resulta que ele assim continuará enquanto não encontrar algo que lhe seja estranho e o estrague.” Esta ideia do homem também se encontra na filosofia marxista. Aqui se supõe que o homem pode criar a sociedade perfeita com as condições ideais, quer dizer, condições comunistas. Desde o dia 9 de Novembro de 1989 que somos testemunhas da destruição dramática das ideo-



Imagem 12: Ilustração dos quatro tipos de invenções e seus autores.

logias comunistas na antiga DDR (Alemanha Democrática). O comentarista *Heimo Schwilk* do jornal *Rheinischen Merkur* descreveu os acontecimentos com grande precisão no seu editorial de 6 de Abril de 1990:

“Quando os erros se esgotam temos apenas o nada como companhia”, diz *Bert Brecht* fazendo troça dos próprios erros políticos que se transformam agora em nada. No

final do século, ao vermos todas as doutrinas de salvação e utopias políticas gastas, encontramos-nos perante uma nova corrente de pensamentos: do ponto de vista ideológico parece não haver à vista nenhum suporte libertador do conhecimento. Onde todas as batalhas foram vencidas e em que só a realidade triunfou, toma lugar uma nova simplicidade intelectual. ‘Já que tenho que jurar por alguma coisa, então o melhor é não jurar por nada’, pensou *Martin Walser* desiludido, cujos sonhos de uma nova identidade nacionalista se desfizeram sob o ataque profano do marco alemão.”

Quanto mais nos apercebemos que ideologias e filosofias nos proporcionam uma falsa imagem humana, mais urgência temos em procurar a verdadeira imagem humana. De quem poderemos esperar uma resposta senão daquele que nos criou? O mesmo acontece no âmbito técnico: o construtor de uma máquina complicada é quem melhor consegue descrever as suas características e funcionamento. O “Construtor” do homem é Deus. Ele criou um parceiro, um interlocutor, um ser “à sua imagem” (Gn 1:26). O Homem foi munido de inúmeros dons, foi-lhe transmitida responsabilidade (Gn 1:28) e, como parceiro de Deus, foi-lhe concedido um grande raio de liberdade. Ele tinha uma relação directa com Deus e era perfeito e sem pecado.

Quando nos observamos a nós próprios e ao nosso próximo temos que reconhecer sinceramente: nós já não trazemos as feições ornamentadas de brilho e glória, já não reflectimos os traços característicos de Deus que o homem originalmente tinha após a ordenação do universo. *Karl Barth* descreveu uma vez o carácter do homem do seguinte modo:

“Ele chega sempre, ou muito cedo, ou muito tarde,
ele dorme sempre, quando deve estar acordado,
ele exalta-se sempre, quando devia ficar calmo.
Ele cala-se sempre, quando devia falar,
e ele está sempre a falar,

onde o silêncio seria somente a parte boa.
Ele ri sempre, quando devia chorar,
e ele chora sempre, quando devia rir sem medo.
Ele quer criar uma excepção,
onde devia vigorar a regra,
e ele submete-se sempre a uma lei,
quando devia escolher a liberdade.
Ele trabalha, quando só orar ajuda,
e reza sempre, quando só as acções ajudam.
Ele discutem sempre, não quando é necessário,
mas sim prejudicial,
e ele fala sempre de paz e amor,
quando uma vez seria importante atacar.
Ele tem sempre a fé e o evangelho na boca,
quando seria justo
trazer à baila um bocado de bom senso;
e ele usa de má fé,
quando havia e devia
encomendar-se a si e aos outros às mãos de Deus –
este Homem completamente errado
que o Senhor Deus tanto ama, como ao seu próprio filho
Jesus Cristo
e que ele nos deu à morte,
para que tudo tivesse novamente a sua veracidade.”

Aconteceu algo muito grave e, ao mesmo tempo, terrível: o homem abusou da liberdade que lhe foi dada e deu ouvidos à enganadora oferta do diabo: “passam a ser e saber como Deus” (Gn 3:5). O homem caiu no pecado e perdeu a relação com Deus, assim como os dons que o Criador lhe tinha oferecido. A descrição da situação actual do homem é-nos transmitida em numerosas passagens da Bíblia. É bom que nos deixemos ilustrar com alguns textos sobre a nossa defeituosa situação:

Génesis 8:21: “É certo que eles têm más inclinações
desde a infância.”
1 Reis 8:46: “Porque **ninguém está livre de pecar.**”

- Esdras 9:6: “Ó meu Deus, eu sinto-me muito envergonhado e confundido para levantar o meu rosto para ti, porque os nossos pecados se multiplicaram acima das nossas cabeças e **as nossas faltas foram aumentando até ao céu.**”
- Esdras 9:15: “Reconhecemos diante de ti as nossas faltas, sabendo que não podemos estar na tua presença por causa disso.”
- Job 14:4: “Quem pode vir puro de um impuro? **Absolutamente ninguém!**”
- Job 15:15-16: “Deus não considera nem os seus anjos **absolutamente fiéis** ...
... Quanto mais o homem detestável e corrompido que bebe maldade como bebe água?”
- Salmos 14:3: “Mas **todos seguiram maus caminhos**, todos também **se perverteram**. Não há quem faça o bem, nem um sequer!”
- Salmos 38:5: “Estou **afogado no mar dos meus pecados**, eles são uma carga demasiado pesada para mim.”
- Salmos 53:4: “Mas **todos seguiram maus caminhos**, todos também **se perverteram**. Não há quem faça o bem, nem um sequer!”
- Salmos 90:8: “Tu conheces as nossas culpas e todos os nossos segredos.”
- Salmos 143:2: “Diante de ti **ninguém está inocente.**”
- Eclesiastes 7:20: “Não há **ninguém** tão bom neste mundo que faça somente o bem e nunca o mal.”
- Isaías 1:5-6: “Toda a vossa cabeça está com chagas ... Desde a planta dos pés até à cabeça, **não há nada são** em vós.”
- Isaías 64:5: “**Todos** somos pessoas impuras, todas as nossas melhores acções são como um **pano manchado de sangue.**”

- Jeremias 17:9: “Quem pode entender o coração humano? Não há nada mais enganador.”
- Jeremias 30:12-13+17: “Não há ninguém que cuide de vós, **não há remédio para as vossas feridas nem esperança de restabelecimento** ... mas quero restabelecer-vos de novo, **curarei as vossas feridas.**”
- Naum 1:3: “Não deixa de **castigar o culpado.**”
- Mateus 15:16: “Porque do coração das pessoas é que vêm os maus pensamentos que as levam a matar, cometer adultério, viver em devassidão, roubar, jurar falso e injuriar a Deus.”
- Romanos 3:23: “**Todos pecaram** e ficaram longe de Deus.”
- 1 João 1:8: “Se dizemos que não temos pecado enganamo-nos a nós próprios e falta-mos à verdade.”

A **imagem humana da Bíblia** que Deus nos mostra não inclui todas as interpretações humanistas, marxistas e algumas mais, e declara-as como erro, mostrando-nos o homem como ser à sua imagem, com alta dignidade, liberdade e grande responsabilidade. Desde a queda do homem no pecado que se encontra num estado em que tende a fazer injustiça em frente a Deus e ao homem.

5.2 O resultado do pecado: A tripla morte

Deus é santo. Ele é absolutamente puro. Ele é luz e, por isso, a sentença geral de Deus sobre o homem é: MORTE. Ao primeiro homem Deus disse: “No dia em que comeres dela ficas condenado a morrer (Gn 2:17). O homem foi desobediente e, daí, encontrou-se na linha mortal: “A paga que vem do pecado é a morte” (Rm 6:23). Podemos ver essa linha mortal desenhada na parte inferior da imagem nº 13. Esta tripla morte afecta toda a humanidade.

1. A morte espiritual: Como consequência imediata do pecado, o homem sofreu a *morte espiritual*. Quer dizer, a separação da comunhão com Deus, causada por um único homem, até chegar a nós: “Por **um só** homem entrou o pecado no mundo e com o pecado veio a morte. Foi assim que a morte

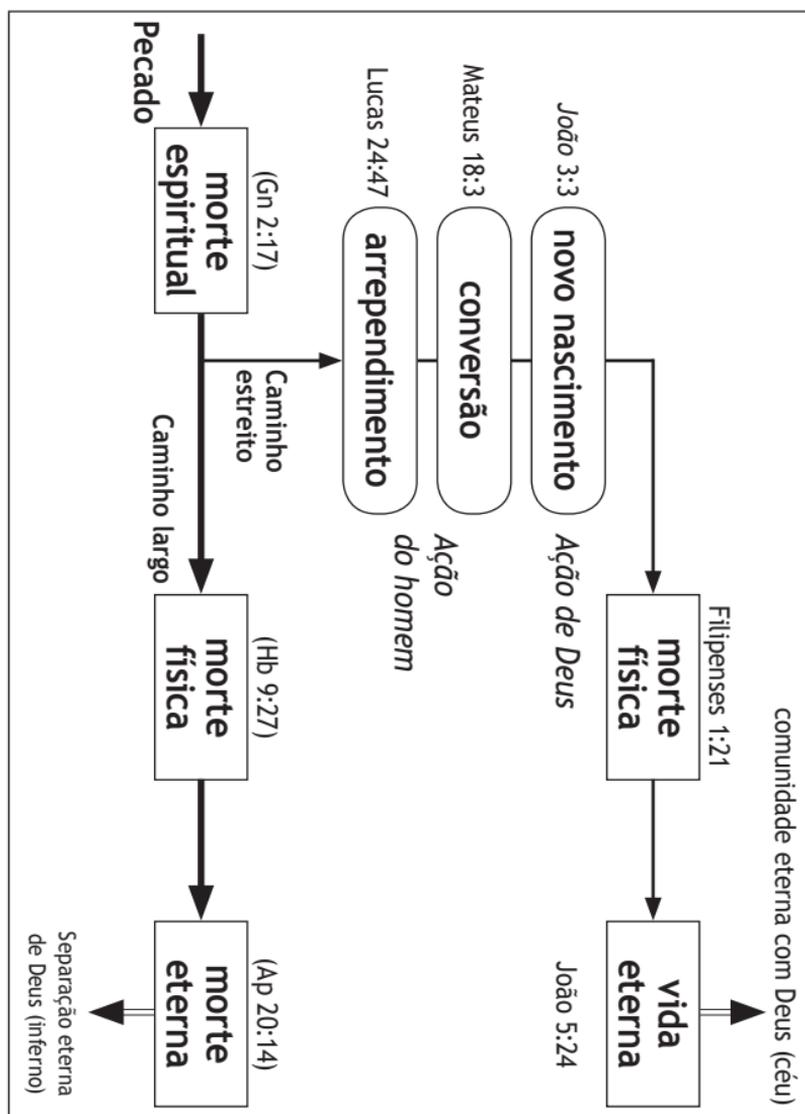


Imagem 13: A tripla morte (caminho largo) e linha da vida (caminho estreito)

atingiu **toda a gente**, já que todos pecaram” (Rm 5:12). Desta morte fala o Senhor Jesus em Mt 8:22: “Segue-me e deixa lá os mortos (espirituais) enterrarem os mortos (físicos)!”

Paulo escreve: “Outrora, vocês estavam mortos por causa das vossas culpas e pecados” (Ef 2:1) e significa a morte espiritual que *todos* encontram por natureza.

2. A morte física: A consequência seguinte é a morte física: “... te venhas a transformar de novo em terra pois dela foste formado” (Gn 3:19). A palavra inicial em Romanos 5:12 indica a *morte física* como consequência da morte espiritual. A morte física ocorre com o fim das funções biológicas do corpo. Porém, assim não termina a existência (Lc 16:19-31); está-se vivo mas separado de tudo o que é terrestre, porque os mortos “nunca mais voltam a tomar parte naquilo que se faz neste mundo” (Ec 9:6). Segundo as teorias da evolução, a morte é uma condição para o desenvolvimento. Sobre este assunto diz *W. Tanner* [T1]: “A invenção da morte acelerou o processo da evolução. Será um conhecimento pouco consolador mas, sem a morte, talvez nunca tivéssemos existido.” A razão para um argumento destes é-nos dada pelo microbiólogo *R. W. Kaplan* [K1,236]: “A morte programada dos organismos com processos sexuais tem mais outra função: a duração limitada da vida, e assim também de uma sexualidade limitada, trava o intercâmbio dos genes entre as gerações, entre antepassados “antiquados” e os descendentes “progressivos”. O envelhecimento e a morte impedem a possibilidade de cruzamento com seres menos progressivos e adiantam o progresso evolutivo. O envelhecimento e a morte trazem ao indivíduo, principalmente ao humano, uma carga de sofrimentos, no entanto é o preço e a condição para a evolução nos ter conseguido criar”. Que erro terrível existe nesta interpretação, à vista do testemunho bíblico.

3. A morte eterna: A opinião materialista que, depois da morte física, tudo termina, é desmascarada à luz do testemunho da

Bíblia. O marxista *August Bebel* ainda não estava muito certo da sua opinião: “Se existir um Deus, nós é que somos o problema”. O terceiro elo da corrente mortal é a *morte eterna*. A carta aos Hebreus descreve-nos a passagem da morte física ao juízo (Hb 9:27): “Está determinado que os homens morram uma só vez e que depois sejam julgados por Deus”. Quando a pessoa que não se deixou salvar por Jesus Cristo for obrigada a reconhecer: “E é terrível cair nas mãos de Deus vivo” (Hb 10:31), a ira de Deus fica em cima dele porque “como o pecado de **um** só homem trouxe a condenação a **todos**” (Rm 5:18). A Bíblia descreve em muitas palavras o estado da existência perdida: segunda morte, lago de fogo (Ap 20:14); fogo eterno (Mt 25:41); perdição eterna (2 Ts. 1:9); é um lugar de martírio (Lc 16:28); e um lugar onde os vermes não morrem e o fogo nunca se apaga (Mc 9:44); é o lugar do inferno (Mt 11:23).

5.3 As religiões sob o ponto de vista da Bíblia

A pergunta que coloca é se existe uma saída da corrente mortal. O homem pensou muito sobre este assunto, como já explicámos, e criou religiões com milhares de variações. Existe uma amplamente divulgada mas falsa opinião, de que todas as religiões nos levam à meta. *Lessing* assimilou essa ideia no seu drama “Nathan, o sábio”. A *parábola* muito conhecida de um cristão, um judeu e um muçulmano que entram em diálogo quer fazer-nos crer que todas as religiões possuem a mesma força salvadora.

Uma falsa parábola: Esta equiparação de todas as religiões pode também explicar-se com a seguinte imagem: Deus mora no cume de uma alta montanha e as pessoas encontram-se no sopé da mesma. Tentam subir a serra por lugares diferentes para chegar ao pé de Deus. Tomam-se muitos caminhos. Num lugar tentam pelo caminho budista, noutra o caminho do islão, outros ainda optam pelo caminho do hinduísmo. Experimentam-se muitas possibilidades. Um observador tolerante diz: Não

importa por que lado se sobe a montanha. Algum dia todos chegarão ao cimo dela. Estará correcta esta imagem? Dar-nos-á alguma descrição da realidade? Para ficar neste exemplo, Deus diz assim: Nenhum homem pode subir esta montanha só com o seu próprio esforço, seja por que lado for. “Ele vive rodeado de uma luz que ninguém consegue penetrar” (1 Tm 6:16). Deus pôs-se Ele próprio a caminho e, em Jesus Cristo, desceu a montanha até ao sopé. Dele lemos em Lucas 1:78-79: “... porque o nosso Deus é cheio de misericórdia. Ele fará brilhar entre nós uma **luz que vem do céu**. Essa luz iluminará os que se encontram na escuridão e na sombra da morte, e guiará os nossos passos pelo caminho da paz”.

Se existisse alguma religião que nos pudesse salvar, então Deus tinha-nos dito qual delas seria. Mas em nenhuma parte da Bíblia nos é transmitido isso. Pelo contrário, a Bíblia fala sobre práticas ocultas, *adoração de imagens* em todas as religiões, de *idolatria* e *feiticeira*. Em vez do Deus invisível e vivo, são idolatradas imagens em forma humana ou animal, ou todo o conjunto dos astros (Dt 4:16-19). Deus não quer dar a sua glória a nenhum ídolo (Is 42:8), por isso toda a idolatria é condenada:

“Não devem fazer ídolos nem levantar estátuas, nem outro monumentos, nem colocar na vossa terra pedras com relevos para se inclinarem diante dessas coisas. Pois eu é que sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 26:1).

Em Isaías 41:29 também se declara todo o esforço religioso como acto escusado:

“Todos juntos não valem nada. O que eles fazem vale menos que nada. Os seus ídolos são pura ilusão e vazio”.

Thomas Schirrmacher resume precisamente a posição bíblica sobre as religiões com a seguinte frase [S2,28]: “Segundo a Bíblia, todas as religiões são ateístas porque os seus deuses não passam de uma invenção e, na realidade, nunca existiram”.

A vida dos casados representa no Novo Testamento o segredo da íntima comunhão entre o Senhor Jesus e a comunidade cristã (Ef 5:23-25). A inversão e deturpação da relação da vida de casado são adultério, luxúria e prostituição. Do mesmo modo a idolatria é qualificada como uma perversão do comportamento perante o Senhor como o adultério e a luxúria (Ez 23:27) e a prostituição (Os 5:4; Ap 17:5). Então para onde nos levam as religiões com as suas idolatrias, para o céu? O Novo Testamento trata a idolatria como pecado que nos expulsa do Reino de Deus:

“Não sabem que os injustos não têm lugar no Reino de Deus? Não se deixem enganar! Nem os imorais, nem os adoradores de falsos deuses, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os homossexuais, nem os ladrões, nem os gananciosos, nem os bêbedos, nem os caluniadores, nem os gatunos terão parte o Reino de Deus” (1 Co 6:9-10).

“São bem conhecidas as obras dos maus instintos ... idolatria, feitiçaria ... , os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5:19-21).

“Mas ficarão de fora todos os ... feiticeiros, ... os adoradores de falsos deuses” (Ap 22:15).

“Mas todos os cobardes ... os feiticeiros, os idólatras ... terão o seu lugar no enxofre ardente que é a segunda morte” (Ap 21:8).

“Nela não entrará nada de indigno ... só lá entrarão os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro (Ap 21:27).

Assim, todas as religiões são apenas actos de bruxaria a brilhar no deserto de uma humanidade perdida. Para alguém que esteja a morrer de sede, não ajuda a simples imaginação de uma fonte de água. Do mesmo modo, toda a imaginação tolerante sobre fantasias religiosas nos leva à perdição: “Há caminhos que ao

homem parecem rectos mas que, no fim, conduzem à morte” (Pv 14:12). Porque é que o homem prefere o caminho falso? *Peter Bamm* responde assim [B1]: “O homem ama adorar o que o leva à perdição”.

Lutz v. Padberg faz o seguinte balanço sobre as religiões [P2,44]:

“Pela análise bíblica será um engano atribuir a outras religiões ‘um caminho de salvação extraordinário’ porque são baseadas numa concepção anti-cristã ... A rebelião do homem contra o posto que lhe foi dado, por ser homem e não um super-homem semelhante a Deus (veja-se Gn 3:22), leva-o à perversão da imagem bíblica de Deus e do homem. O homem não quer aceitar a verdade do Criador e inverte por isso, no mais verdadeiro sentido da palavra, o acto da criação: ele não quer ser semelhante a Deus, quer que Deus seja semelhante ao homem. Esta é a origem das religiões, que incluem alguns componentes da fé cristã porque a sua argumentação está baseada naquilo que Paulo disse ‘aquilo que se pode conhecer a respeito de Deus’ (Rm 1:19).

Acentuemos: À luz da Bíblia, todas as religiões (ver definição **D1**, cap. 4.2) mostram-se como Perpetua móvel do ponto de vista da salvação da morte eterna. O homem tentou dominar a lei da *conservação da energia*² com a ajuda do *perpetua móvel* técnico mas isso nunca será possível. Como os *perpetuum-mobilistas*, o homem tenta o mesmo com as religiões gastando muito tempo e esforço em dominar o evangelho, sem impor-

2 **A lei da conservação da energia:** Esta importante lei natural foi formulada em 1842 pelo médico alemão *Julius Robert v. Mayer* (1814–1878). Segundo essa lei não é possível criar ou destruir neste mundo observável. Esta lei não é um axioma, é uma *experiência* como todas as leis naturais. Em todo o processo químico ou físico, a energia total do sistema e envolventes ficam constantes, assim como a energia total do universo. A energia não pode, então, ser destruída nem criada, apenas se deixa transformar noutras formas. A lei da conservação da energia pode ser formulada como impossibilidade dum *perpetuum mobile*: É impossível construir uma máquina que, uma vez em movimento, trabalhe sempre sem se lhe dar nova energia.

tar se tem ou não conhecimento daquilo que faz; o que também é impossível porque a palavra de Jesus é que vale: “Ninguém pode chegar ao Pai sem ser por mim” (Jo 14:6).

5.4 A decisão de Deus: A oferta de amor

Observando a *criação* podemos concluir que há *um Deus*. Prestando um pouco de atenção podemos ver que, entre utilidade e riqueza em ideias realizadas, este Deus tem de ser cheio de sabedoria e força. A natureza não nos dá mais informações sobre as características de Deus. Aqui temos de analisar se Deus nos deu mais informações. Essa informação existe realmente: É a palavra de Deus revelada sob a forma da Bíblia. É a **única** informação escrita que Deus nos deu e só por ele autorizada (2 Pe 1:20-21; 2 Tm 3:16). A *imagem 14* explica como o grande abismo que existia entre o santo Deus e o homem pecador pode ser fechada por ele próprio. A informação de Deus responde-nos a perguntas importantes sobre Deus e sobre nós. Aqui, e só aqui, nos é transmitida a verdade: **donde** viemos, **porque** vivemos e **para onde** vamos. A informação divina culmina no evangelho de Jesus Cristo. Do outro lado estão as informações humanas sob a forma de religiões. Nenhuma religião tem o alcance para tapar a distância até Deus. A *imagem 14* mostra a diferença entre religião e evangelho com as diferentes direcções das setas de informação. Deus informou-nos que é um Deus de justiça, que odeia o pecado e impôs a morte eterna como juízo inevitável sobre o pecado. Mas também é um Deus do *amor* (1 Jo 4:16), da *bondade* (Lm 3:22) e da *misericórdia* (Ef 2:4), pelo que não quer que o homem se perca eternamente. Deus comunica-nos, assim, a sua intenção em vários lugares da sua escritura:

“**Hei-de** arrancá-los do poder do inferno e da morte. Morte, **quero** ser teu veneno; inferno, **quero** ser tua pestilência” (Os 13:14).

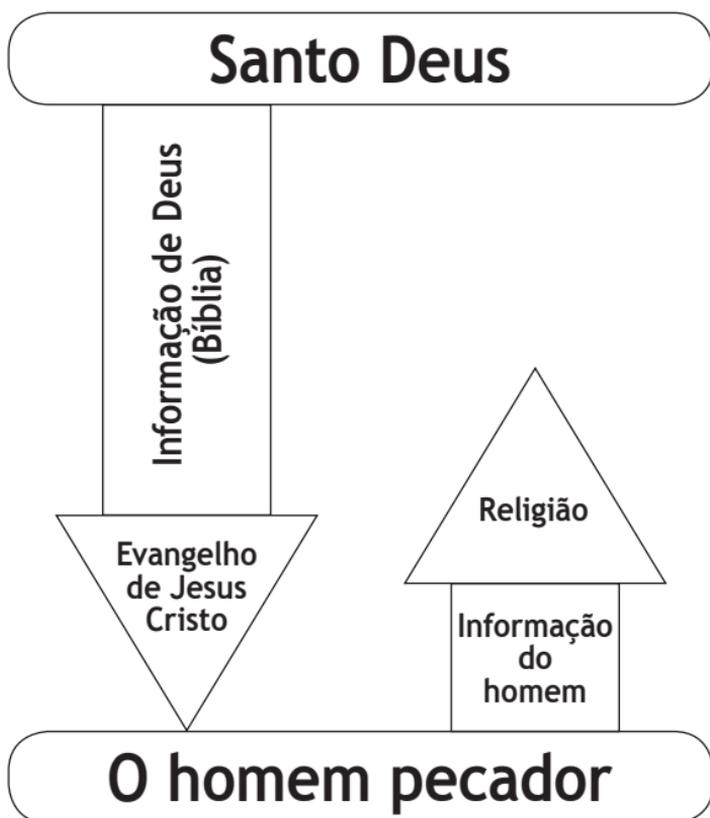


Imagem 14: *A grande diferença entre religião e evangelho. A fonte de informação do evangelho e das religiões são fundamentalmente diferentes.*

“Pensam que me alegro ao ver um homem mau morrer? Pelo contrário, preferia vê-lo arrepende-se e viver. Palavra do Senhor!” (Ez 18:23).

“Ele quer que todos se salvem e tenham conhecimento da verdade” (1 Tm 2:4).

“Na verdade, o Filho do Homem veio buscar e salvar os que estavam perdidos” (Lc 19:10).

São intenções claras as que Deus explica. Como nenhum remédio pôde vencer o inferno, a morte e o diabo, foi o próprio Deus que o fez com um amor indescritível e abnegação. O julgamento dos nossos pecados foi executado na cruz no Gólgota. Jesus Cristo, o Filho de Deus, colocou-se ele próprio na brecha entre Deus e o homem. Ninguém mais poderia tê-lo feito, só ele era sem pecado e só esse sacrifício corresponde à justiça de Deus. O preço do pecado não pôde ser pago com barras de ouro, jóias de prata e diamantes ou com acções humanas, o preço foi imensamente alto: *o sangue de Jesus Cristo!* Se fosse possível salvar-nos sem o acontecimento do Gólgota, de certeza que Deus o tinha feito. Se houvesse uma solução mais barata, Deus não tinha sacrificado o seu amado Filho (Mt 3:17). Aqui podemos ver que não existe religião nenhuma que possa substituir a obra de Deus. Com a morte e ressurreição de Jesus, Deus fez tudo o era necessário para a nossa salvação. A vitória **é ganha** por Jesus: “A morte foi destruída numa vitória completa. Ó morte, onde está agora a tua vitória? Onde está o teu poder de matar?” (1 Co 15:55).

Em qual das circunstâncias calculamos que o amor de Deus tem de ser maior, quando por oferta de seu Filho

- se deixassem salvar todas as pessoas ou
- se deixasse salvar apenas uma pessoa?

Sem dúvida, o amor de Deus tem de ser maior no segundo ponto, é claro que Deus já antes sabia quantas pessoas se decidiriam (Ef. 1:4). Estamos de acordo com *Bezzel* que uma vez disse que o amor de Deus é imenso, que também teria deixado sofrer o seu Filho mesmo com o conhecimento de que apenas *um só* se teria convertido. A bíblia indica que a quantidade de salvados é bastante grande (Ap. 7:9) porém é apenas uma pequena parte da humanidade (Mt. 7:14). Outra coisa não se deixa ler do testemunho da Escritura. A Bíblia fala nisso com toda a clareza. Muitos pregadores escondem-se atrás desse ponto e explicam-no com pouca certeza para não limitar

o “amor de Deus”. O amor de Deus parece-nos maior, porém, Deus iniciou o programa de salvação sabendo que a percentagem daqueles que aceitam o evangelho iria ser baixa. A lógica da reconciliação universal de que a morte de Jesus na cruz não valeu a pena não nos parece razoável.

A intenção do amor, a obra do amor e a ligação incondicional do nosso domicílio eterno com a decisão pessoal por Jesus Cristo estão em resumo em João 3:16. Por isso, *C. H. Spurgeon* chamou a este verso estrela polar da Bíblia: “Deus amou de tal modo a humanidade que lhe entregou o seu Filho único para que, *todo aquele que acreditar no Filho de Deus*, não se perca mas *tenha a vida eterna.*” Ao lado da linha mortal na *imagem 13* existe também a linha da vida que o próprio Deus criou. A questão que se põe é se existem mais linhas da vida que depois, de qualquer modo, podem chegar a Deus, ou se existe apenas um só caminho. Para desligar esta questão das especulações humanas e dos nossos desejos, temos de prestar atenção ao que Deus nos deu.

5.5 O caminho da salvação para a vida: Um caminho sem caminhos secundários

A Bíblia é um testemunho do caminho da salvação aberto por Jesus Cristo, mostrando este como o único possível de caminhar dentro da fé e marcando todas as concepções de salvação humanas como caminho da perdição. Esta exclusividade da salvação em Cristo sempre levou à reflexão das seguintes argumentações:

- As pessoas das outras religiões são sinceras. Realizam as suas orações e sacrifícios e confiam com firmeza nas suas religiões. Deus também tem de ver isso. Se Deus é um Deus de amor, não reconhecerá Ele isso?
- Esforçamo-nos pela compreensão entre as religiões e defendemos o que Frederico, o Grande (1712–1786) já disse:

“Cada um deve ser bemaventurado à sua maneira.” Mas o evangelho é extremamente intolerante quando rejeita todos os outros caminhos e mantêm a exigência da sua exclusividade.

Estes e outros pensamentos são apenas imaginações humanas que não passam, sem dúvida, de um “*good will*”³. Mas aqui *não conta a boa intenção*, mas sim o *conhecimento da matéria*. Queremos ilustrar a situação com o exemplo de um doente que vai ao médico com dores de barriga. O médico apresenta um diagnóstico de apendicite e ordena uma operação como única terapia de cura. O que diríamos se o doente pedisse ao doutor para aceitar também outras alternativas como chá de camomila, aspirinas, três dias de descanso, férias para repousar ou uma boa massagem na barriga? Não será intolerante rejeitar as sinceras propostas do doente? Sem dúvida que o doente estará condenado à morte sem a operação, mesmo se beber o chá de camomila com confiança. Aqui só o salvará a terapia ordenada pelo conhecimento profissional do médico.

Também com Deus é assim. Ele é o único perito no que toca ao pecado. Como Senhor e médico, ele comunica-nos que existe apenas um remédio para a salvação, o Evangelho de Jesus Cristo. Sobre esta singularidade e exclusividade lemos em várias passagens:

“Eu, e só eu, é que sou o Senhor” (Isaías 43:11).

“Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Marcos 16:16).

“Aquele que acredita no Filho tem a vida eterna. Quem não acredita no Filho não tem parte nessa vida, pois sofrerá o castigo de Deus” (Jo 3:36).

3 (explicação do tradutor: “apenas uma boa intenção”)

“Só por meio dele se consegue a salvação. Em todo o mundo **não há outro nome** dado por Deus à humanidade, pelo qual nos possamos salvar” (At 4:12).

“Quem tem o Filho de Deus tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus não tem vida” (1 Jo 5:12).

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. **Ninguém** pode chegar ao Pai sem ser por mim” (Jo 14:6).

“**Ninguém** pode colocar outro alicerce além daquele que já existe e que é Jesus Cristo” (1 Co 3:11).

Se pregássemos outros caminhos, apesar destas expressões claras e exactas, pecaríamos contra Deus. A exclusividade de Jesus é a consequente continuação do primeiro mandamento no Antigo Testamento (Êx 20:2-3). Deus diz-nos claramente na sua palavra que existe **só um caminho** para a vida. Estando a vida eterna em jogo, seria uma criminosa tolice procurar o caminho largo. Assim queremos agradecer pela oferta desta possibilidade única de poder entrar nesse caminho de obediência e fê.

5.6 O caminho para a vida: Uma ordem de Deus

É vontade declarada de Deus ajudar-nos para a vida eterna. Vida eterna ou morte eterna estão, assim, à nossa escolha, no entanto não há nada que Deus mais deseje do que escolhermos a vida em vez da morte: “O céu e a terra são testemunhas de que coloco diante de vós as bênçãos e as maldições. Se queres ter vida, para ti e teus descendentes, deves escolher a vida, ...” (Dt 30:19). Resumido: trata-se do céu e do inferno. A chamada para a vida eterna é uma “chamada santa” (2Tm 1:9) e é uma ordem: “Faz por conquistar a vida eterna para a qual foste chamado” (1 Tm 6:12). Com este mandamento, Deus enviou o seu Filho ao mundo: “O Pai que me enviou deu-me ordens sobre o que devia dizer e ensinar ... *dá a vida eterna*” (Jo 12:49-50).

Sobre esse mandamento escreve *Heinrich Kemner* [K3,11]: “Quando Deus chama, não mobiliza a membrana do entendimento, mas sim a do coração”. A chamada de Deus devia ser para nós uma inevitável ordem de mobilização porque estão em debate eternidades. Se o homem tomar aqui a decisão falsa, no outro lado não terá a possibilidade de correcção do percurso. O que se rejeitou num só segundo não traz nenhuma eternidade de volta. Obedecem todas as pessoas à ordem amorosa de Deus? Em João 3:19 é-nos transmitida uma triste situação da decisão da maior parte das pessoas: “Mas o mundo preferiu as trevas porque as suas obras foram más”. Muito mais urgente é a chamada de Deus: “Esforcem-se por entrar pela porta estreita!” (Lc 13:24). A maior parte dos homens caminha pela linha da morte (*imagem 13*, em baixo) que leva à perdição, mas o Senhor chama com toda a insistência e sério aviso: “Entrem pela porta estreita! A porta é larga e espaçoso é o caminho que vai dar à perdição, e são muitas as pessoas que por ali passam. Mas é estreita a porta e apertado o caminho que vai dar à vida eterna, e são poucas as pessoas que o encontram” (Mt 7:13-14). No capítulo 6 queremos tratar a importante pergunta de como passar pela porta estreita.

5.7 O caminho para a vida: Pago no Gólgota

Deus rebaixou-se ao máximo na cruz de Jesus Cristo. Aqui, Deus condenou o pecado e, ao mesmo tempo, aconteceu o maior acto de salvação da história mundial. O Filho de Deus deixou o céu e tomou a condição de escravo: “Humilhou-se a si mesmo, obedecendo até à morte, morte na cruz” (Fp 2:8). *H. W. Beck* descreve bem a situação [B2,61]: “Na cruz não foi qualquer um que fez o papel de um fraco, como exemplo de muitos mártires por ideologias e utopias! Não: O homem na cruz era, sem dúvida, Deus.” Setecentos anos antes desse acontecimento histórico, Deus anunciou-nos tudo pelo profeta Isaías:

“Era desprezado e rejeitado pelos homens, como alguém habituado à dor e ao sofrimento, e para o qual se evita olhar.

Era desprezado e tratado sem nenhuma consideração. Na verdade, ele suportava os nossos sofrimentos e carregava as dores que nos eram devidas. E nós pensávamos que Deus é que o castigava e humilhava assim duramente. Mas ele foi ferido *por causa das nossas faltas*, aniquilado por causa das nossas culpas. *O castigo* que nos devia redimir *caiu sobre ele*; ele recebeu os golpes e *nós fomos poupados*. Todos nós vagueávamos como rebanho perdido, cada qual seguindo o seu caminho, mas o Senhor carregou *sobre ele as consequências de todas as nossas falhas*” (Isaías 53:3-6).

Aqui vimos a profundidade do abismo que o pecado produz entre Deus e o homem. Só um foi capaz de se colocar sobre esse abismo e – Deus seja louvado – também o fez por amor a nós. Na cruz, Jesus identificou-se com o pecado do mundo, carregando-o sobre ele. Aqui vemos que não há possibilidade mais barata de deixar o pecado. Contra o pecado não existe remédio que se possa inventar, tal como contra a queda de cabelo ou dores de cabeça. Contra os nossos pecados só há uma solução: Deus carregou todo o pecado sobre Jesus e criou a possibilidade de podermos ser absolvidos. “Cristo não tinha cometido pecado mas Deus, para nosso bem, tratou-o como pecador para que nós, em união com ele, pudéssemos ser bem aceites por Deus” (2 Co 5:21). Ao contrário do Filho de Deus, nós não só conhecemos o pecado, como também o cometemos. Mas Jesus foi transformado em pecado na cruz, quer dizer, nele se carregou todo o pecado e foi punido em nosso lugar. Por ter acontecido aqui a única liquidação do pecado, perante Deus só conta a justiça oferecida pela cruz de Jesus. A cruz do Gólgota é, assim, a última oferta de Deus para todas as pessoas. O preço de Deus por nós foi imensamente alto, ele deu-nos o mais precioso: seu Filho Jesus Cristo. Aqui não está em debate nem ouro nem prata como meio de pagamento, a salvação foi possível “pelo sangue precioso de Cristo como o de um cordeiro sem mancha nem defeito” (1 Pedro 1:19). Por causa da singularidade do acto de salvação, tudo se decide na pessoa de Jesus. Pode ser explicado de uma simples forma: “No SIM a

Jesus Cristo ganhamos a eternidade. No NÃO perdemo-la. Duas palavras que abraçam o nosso destino eterno.” Existe **um só lugar** neste mundo onde o juízo de Deus não nos alcança – ele é por baixo da cruz:

- Em mais nenhum lugar existe salvação!
- Em mais nenhum lugar é possível a salvação!
- Em mais nenhum lugar podemos alcançar a bemaventurança!

Só se formos conscientes do nosso pecado, poderemos compreender o alcance da cruz. O Espírito Santo prova-nos a culpabilidade como pecadores (Jo 16:8-9).

Uma imagem pode ajudar-nos a compreender o acto de salvação no Gólgota: Nas savanas de África e nas pradarias americanas acontecem ocasionalmente, na estação seca, incêndios devastadores. O fogo avança com enorme velocidade e destrói tudo, animais e pessoas. O que fazer quando se vê o fogo a aproximar-se? Acendemos propositadamente outro fogo. Assim se produz uma área queimada que, quando o fogo se aproximar, passará a constituir uma área segura onde o fogo não pode continuar. As centelhas não têm alimento para reacender as chamas. Em analogia com isto está a cruz como área queimada. Deus julgou aqui o pecado. Ali, o justo sofreu *de uma vez por todas* pelos injustos. Gólgota é o lugar de refúgio. O juízo justo de Deus não pode tocar aquele que ali se refugia.

Na cruz

- Jesus fez-se pobre para que nós ficássemos ricos;
- Jesus ficou sem pátria para nós termos uma;
- Jesus tomou as nossas dores para que ficássemos livres;
- Jesus teve sede para que nós nunca mais ficássemos sequiosos;
- Jesus levou a nossa vergonha para que Ele fosse a nossa justiça.

Na mensagem da cruz, Deus não satisfaz o nosso entendimento nem o nosso desejo de sinais visíveis, mas oferece, pelo contrário, a força de salvação de Deus: “Com efeito, a mensagem da morte de Cristo na cruz é uma loucura para os que não se salvam. Mas, para nós que recebemos a salvação, é a manifestação do poder de Deus” (1 Co 1:18). A nossa sabedoria mundana funde-se debaixo da cruz, aqui se aniquilam todas as experiências humanas de salvação através das religiões e filosofias. *Heinrich Kemner* formulou isto muito exactamente: “Quando nos colocamos por baixo da cruz de Jesus Cristo e, com sinceridade, nos apresentamos a Deus, podemos descobrir mais de Deus num minuto do que toda a ciência deste mundo nos consegue demonstrar. A ciência de Deus não é contra a razão, mas sim acima de toda a razão.” Na cruz de Jesus, Deus criou o único caminho de salvação possível e marcou-o para sempre. Mesmo que o caminho que Deus nos mostra pareça para alguns uma parvoíce, isso não quer dizer que deixe de ter força de salvação para aqueles que o aceitam. Dois acontecimentos do Antigo Testamento pretendem explicar-nos **o único** caminho **possível** de salvação que Deus nos receita e do mesmo modo mostrar-nos que isso não depende da nossa interpretação intelectual.

1. A arca: Antes do julgamento da descrença, que então se aproximava com o dilúvio mundial, Deus ofereceu-nos *uma única* possibilidade de salvação: a *arca de Noé*. Voltemos atrás àquele tempo. As pessoas tinham somente um simples sorriso de pena quando *Noé* dizia que tomava precauções para fugir ao juízo de Deus. Ele não construiu o seu enorme navio à beira-mar, mas pelo contrário perto da floresta. Também não tinha nem leme nem vela previstos na sua extraordinária construção. O motivo desta construção, bem como o lugar e a forma do barco eram vistos como uma loucura pelas pessoas. Mas depois veio o dilúvio. Os que criticavam começaram a tentar salvar-se através dos seus próprios meios: entraram nos seus barcos, subiram às árvores e casas e fugiram para as serras, mas em lado nenhum houve salvação: “Morreram todos os seres vivos” (Gn 7:21). Apenas

no caminho ordenado por Deus foi possível a salvação. Assim também é com a cruz: só este caminho oferece salvação. Em todos os outros caminhos estamos perdidos. Não é significativo o que as pessoas pensam que seja certo. Na arca havia bastante lugar para muitas pessoas mas apenas poucas, quer dizer oito, foram salvas. A força da cruz é tão grande que **todas** as pessoas se **poderiam** salvar. Mas só encontram salvação, **aqueles** que entrarem realmente nesta arca neo-testamentária.

2. A serpente levantada (Nm 21): Durante a sua marcha pelo deserto, o povo de Israel protestou contra Deus depois da sua saída do Egipto. Assim, Deus enviou *serpentes ardentes* para o acampamento. O horror foi grande e muitos morreram porque o veneno era mortal. A mensagem de salvação de Deus para os condenados à morte era muito fácil: “Arranja uma serpente abrasadora e pendura-a no cimo dum pau. Quando alguém for mordido por uma serpente e olhar para esta serpente, será salvo.” (Nm 21:8). Noutras palavras: Não olhes para a ferida ou para o perigo, olha apenas para o sinal que Deus manda que olhes. Só ao olhar para a serpente de metal havia remédio. Nesse sinal havia salvação e socorro porque Deus se comprometeu com a sua palavra. Com certeza que alguns protestaram e acharam que não seria necessária tal acção. Eles tinham as suas próprias alternativas: compressas frias, queimar as feridas, chupar o sangue contaminado, mas nenhum dos “caminhos razoáveis” resultou: eles morreram! Outros obedeceram a Deus, olharam para o sinal posto e viveram.

Uns 1500 anos depois, Jesus fala pela noite a *Nicodemos*. Jesus explica-lhe que a *serpente* de metal foi uma pré-figuração da sua cruz: “Assim como *Moisés* levantou a serpente de bronze no deserto, assim também “é necessário que o *Filho do Homem* seja levantado para que todo aquele que acreditar nele tenha a vida eterna” (Jo 3:14-15).

O que conta para nós: Devemos olhar para a cruz de Jesus! Só nela existe a vida eterna. Aqui foi pago o preço. Só esta

moeda tem validade aos olhos de Deus. É o sinal de salvação proposto por Deus. *Heinrich Kemner* aponta (*Erw. Stimme*, 8/1979): “As mãos de Deus na cruz convidam todos. Mas, só aquele que se põe por baixo do juízo de Deus na cruz do seu Filho, é que chega ao banquete da boda.”

6. O caminho para a vida: Como entrar nele?

Deus não só criou as condições para a salvação, ele também nos diz exactamente como devemos seguir o caminho para a salvação. Também aqui se encontram várias versões de invenções humanas sobre caminhos diferentes:

- Alguns dizem que existe apenas uma igreja que salva; só quem for membro dela e praticar todos os rituais pode ir para o céu. Segundo o Novo Testamento, pertence ao corpo de Cristo, à comunidade real todo o cristão que tiver nascido de novo. Isto não tem nada a ver com o ser membro de alguma igreja. Claro que todo o crente tem o desejo de se juntar a uma comunidade cristã perto do seu local de residência que tente realizar os princípios neo-testamentais. Isto exige usar a Bíblia!
- É uma característica das seitas afirmar nas suas propagandas que só a sociedade deles se pode salvar. Muitos dos que procuram a verdade deixam-se iludir e estão convencidos de ter ganho alguma coisa do céu por ter declarado a sua sociedade com essas seitas.
- Outros dizem que acções como o baptismo, a santa ceia, confirmação ou comunhão sejam bilhetes de entrada para o céu. Isto é um erro fatal. Não dizemos nada contra o baptismo e a santa ceia, pois o baptismo é um acto de obediência para todos os crentes que o próprio Jesus ensaiou e a celebração da santa ceia é uma actividade especial e central na vida da comunidade cristã. No entanto, o baptismo e a ceia do Senhor não servem para conseguir a salvação.
- Boas obras agradam a Deus (2Tm 3:17; Tg 2:17) mas não têm força de salvação (2Tm 1:9). Certo dia alguém estava a morrer e chamou o padre para tomar a comunhão. Depois

deu uma grande quantidade de dinheiro como esmola convencido que não lhe ia acontecer nada de mal relativamente ao seu destino eterno. Aqui existia a opinião de muitos que a comunhão e as boas obras tinham força de salvação.

Estes exemplos, mesmo que tenham indícios cristãos, têm de ser como classificados religião. Não é o caminho da religião que tem força de salvação mas sim o Evangelho. Assim queremos olhar com atenção para o caminho da salvação que Deus nos ordena. O caminho para a vida eterna é marcado, para todo o ouvinte do Evangelho, na *imagem 13*, por três estações que **não** têm desvio **nem** substituto: elas são o *arrependimento*, *conversão* e *renascimento*. Depois de o homem ter reconhecido que está perdido, tem de se arrepender e converter para ser salvo, e Deus responde com a oferta do renascimento. Há muitos membros de igrejas que pensam ser cristãos mas nunca se converteram e nunca tiveram a experiência do renascimento. Segundo o testemunho da Bíblia também não são salvos. Que grande desilusão será quando o Senhor, no dia do juízo, lhes disser: “**Nunca** vos conheci” (Mt 7:23). Queremos, então, olhar com certeza para o caminho de salvação que o Senhor nos dá.

6.1 O arrependimento: Uma mudança radical de pensamento

O conceito de “*arrependimento*” (grego, *metanóia*) no Novo Testamento significa todavia uma mudança radical, um pensar completamente diferente, uma renovação de contemplações, opiniões e noções. Este processo interior torna-se bem claro no exemplo do filho pródigo: “Vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: Pai, pequei contra Deus e contra ti” (Lc 15:18). Para compreender melhor a natureza, o efeito e a necessidade do arrependimento vamos-nos dedicar a várias passagens da Bíblia:

A possibilidade de poder arrepender-se está baseada na bondade de Deus: “Não sabes que é a bondade de Deus que te leva a mudar de vida?” (Rm 2:4). Deus quer-nos salvar da perdição

eterna (2 Pe 3:9; Mt 3:2). No reino de Deus só entra quem se arrepende dos seus pecados. Por isso é o arrependimento uma ordem de Deus (Mt 3:2; At 17:30). Deus enviou o seu Filho ao mundo para chamar os pecadores para o arrependimento (Lc 5:32). Por isso disse-o Jesus quando começou a pregar com as palavras: “Arrependam-se dos pecados e creiam no evangelho!” (Mc 1:15).

O arrependimento é para o homem um acto de livre vontade, de decisão pessoal (Lc 15:18). O arrependimento é um *passo necessário* para poder fugir à perdição: “Digo-vos que se enganam e que vocês morrerão como eles, se não se arrependerem” (Lc 13:3). A vontade de Deus é a vontade salvadora: “... o Senhor é paciente convosco pois *não quer* que ninguém se perca, mas que todos venham a arrepender-se” (2 Pe 3:9). Quem se revoltar tem de ler o que *Ludwig Thimme* disse: “Sem arrependimento e conversão não se pode escapar do inferno.”

O poeta irlandês *C. S. Lewis* descreveu a necessidade de arrependimento da seguinte maneira [L3,18]: “O mais desenvolvido é o que volta primeiro. Quanto mais rápido começar o novo cálculo de um exercício de matemática erradamente começado tanto mais cedo chegarei ao resultado ... Uma vista de olhos sobre a actual situação deste mundo mostra-nos com bastante clareza que a humanidade deve ter cometido um grande erro. Vamos no caminho errado e temos de voltar. Dar meia volta será também aqui o caminho mais rápido para o desenvolvimento.”

O arrependimento é a condição para a conversão, ele é a saída do largo caminho da perdição e é, ao mesmo tempo, a entrada pela porta estreita para o estreito caminho da vida. No arrependimento reconhecemos perante Deus o nosso estado perdido, confessamos ao Senhor Jesus os nossos pecados. (1 Jo 1:8-9) e recebemos o perdão de **toda** a maldade. O arrependimento é a conversão consciente da própria vontade para a vontade de Deus. Se o arrependimento for sincero, leva-nos também à con-

versão: “Portanto, arrependam-se e mudem de vida para que Deus vos perdoe os pecados” (At 3:19).

6.2 Conversão: Voltar conscientemente para Deus

Arrependimento e conversão estão estreitamente ligados um ao outro. São inseparáveis porque a conversão significa voltar pela primeira vez conscientemente para Deus. Na parábola do filho pródigo (Lc 15) podemos ver esse acontecimento precisamente no versículo 20: “Levantou-se e voltou para o pai. Mas ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos”. Quem se virar para o Senhor com um só passo, o Senhor aproxima-se dele com mais de mil. Quando voltamos para Deus, ele recebe-nos sempre. Todos estão convidados. Porque não há exceção, *Heinrich Kemner* pode dizer [K2,11]: “Podes vir tal como és: com fantasia venenosa, com uma vida corrompida, com ... Podes vir do inimigo da tua alma, das borras, como o filho pródigo !”

Por causa de haver muitos mal-entendidos sobre a conversão, queremos explicar este segundo passo para a vida eterna com a ajuda de algumas perguntas básicas:

6.2.1 A conversão será necessária para a vida eterna?

Segundo o testemunho da Escritura, a conversão é uma acção essencial para poder sair da linha da morte. Já no Antigo Testamento vemos:

“Se um homem mau deixar de praticar o mal e obedecer às minhas leis, ... , esse não *morrerá*, antes *viverá*.” (Ez 18:21)

“Pensam que me alegro em ver um homem mau morrer? Pelo contrário, preferia vê-lo *arrepender-se e viver*. Palavra do Senhor!” (Ez 18:23)

“Deixem as *vossas transgressões* e vivereis.” (Ez 18:32)

Também o Senhor Jesus ensina que, sem conversão, **ninguém** irá ver o Reino de Deus: “Reparem no que vos digo: se não se converterem e não se tornarem como crianças, garanto-vos que não entram no reino dos céus” (Mt 18:3). A conversão é, portanto, uma *ação necessária* para a vida. Quem deixar escapar esta oportunidade cai na morte eterna.

6.2.2 Com que frequência pode acontecer a conversão?

Algumas pessoas dizem que devemos converter-nos todos os dias ou uma vez por ano, ou talvez umas poucas vezes durante a vida. Como iremos demonstrar, depois da conversão vem o renascimento. Assim como só existe um nascimento físico, também só acontece conversão e renascimento uma só vez na vida de uma pessoa. Quando alguém se torna fraco na sua fé e nota que precisa de uma volta para Deus, isso acontece em consagração com o Senhor Jesus. Mas isto é um acto de arrependimento, não uma nova conversão. A única conversão de um indivíduo é geralmente um acontecimento tão importante que devíamos saber contar algo sobre ele (Lc 15:20; 1 Ts 1:9; 1 Pe 2:25; At 26:12-18), onde e quando tomamos esse dito passo na nossa vida. Quem tiver sido criado já numa família crente, já conhece desde pequeno o ensino bíblico e, em geral, também o aceita. A necessidade do passo para a **própria** conversão não fica sem efeito porque Deus não tem netos, mas sim filhos. Às vezes, nesses casos, o próprio não poderá dizer que a sua conversão tivesse sido um acto com conseqüências tão revolucionárias, mas o mesmo poderá testemunhar de todo o coração que é pertença de Jesus Cristo.

6.2.3 Quem tem de se converter?

Esta é uma das perguntas decisivas porque é um desafio pessoal. A seguinte opinião é geral: quem tem de se converter são os ateus, os niilistas, os comunistas, os evolucionistas,

os adúlteros, os franco-mações, os espíões, os ladrões, os ilusionistas e os assassinos, mas não os que frequentam as igrejas, os padres, os responsáveis das igrejas, os evangélicos, os católicos, os membros de igrejas livres, os devotos, etc. Mas, segundo a Bíblia, **todos** têm de se converter, quer dizer, tanto os do primeiro grupo como os do segundo. Até aqueles que têm um certo grau de fé em Deus têm de se converter. Também os espíritos maus acreditam e tremem (Tg 2:19), então eles têm um “certo grau de fé”, mas não têm parte na salvação eterna.

Um padre testemunhou perante muitos ouvintes que estudou teologia e que já pregava há alguns anos na sua igreja. Um dia leu a Bíblia para se preparar para um sermão. A palavra tocou-o profundamente, ajoelhou-se e entregou a sua vida a Jesus Cristo. Essa foi a hora da sua conversão. Ele disse que, dali em diante, pregou como uma pessoa salva, completamente diferente e que se via capaz de dar à sua comunidade pão em vez de pedras.

Também aquele que pode testemunhar que Deus ouviu as suas orações não é automaticamente um convertido. O evangelista *Wilhelm Pahls* relatou sobre um jovem homem que era marinheiro. A sua mãe era uma mulher crente e, ao despedir-se do seu filho, avisou-o: “Quando estiveres em perigo, ora!” O jovem já se encontrava há algum tempo em alto-mar. Estava de serviço no convés durante uma tempestade e caiu do navio para o mar sem ninguém o ver. Na sua aflição gritou para Deus o ajudar. Nisto aconteceu o inimaginável: o navio voltou em apenas poucos minutos e iniciou a procura do marinheiro. Ele foi salvo de morte certa. O que causou a salvação? O jovem soube mais tarde que houve um marinheiro que, precisamente no segundo em que caiu, olhou pela vigia e foi, assim, testemunha do desastre. Ele avisou imediatamente o capitão que começou a busca. Deus ouviu a oração maravilhosamente através da acção do outro marinheiro. Foi salvo de morrer afogado no mar, terá sido salvo também para a eternidade? Não! Como se ficou a saber, o jovem converteu-se mais tarde numa evan-

gelização, recebendo assim a salvação eterna. Orações ouvidas por Deus de pessoas não convertidas são uma graça adiantada de Deus, como uma chamada de Deus para o arrependimento e conversão: “Não sabes que é a bondade de Deus que te leva ao arrependimento?” (Rm 2:4). Muitos soldados pediram a salvação quando se encontravam em perigo de guerra. Só poucos se converteram. Quando se encontravam em melhor situação, já não perguntavam por Deus.

Pedro já tinha caminhado um longo tempo com Jesus; ele tinha visto as grandes obras de Deus e acreditava nele mas não era um convertido. Jesus até testou a fé de *Pedro* mas ainda faltava a sua conversão: “E tu, *quando voltares para mim*, encoraja os teus irmãos” (Lc 22:32). A fé é condição para a conversão mas, como nos podemos converter a Deus sem o conhecer e sem ter uma certa confiança nele. Também a palavra em Actos dos Apóstolos 11:21 apoia esta afirmação: “E muita gente acreditou e converteu-se ao Senhor.” Fé e conversão podem encontrar-se num espaço de tempo muito curto. Às vezes vemos, em evangelizações, pessoas que ouvem pela primeira vez o poder do Evangelho e ganham confiança na sua mensagem, procurando converter-se. Mais vezes acontece que as pessoas já vêm preparadas por terem lido a Bíblia, alguns bons livros cristãos, tido contacto com crentes, ido a visitas a serviços religiosos ou a reuniões particulares e assim se converterem, entregando as suas vidas completamente ao Senhor. Também é possível que, alguns que trabalham há bastante tempo nas igrejas, pensem que são “bons” cristãos, mas nunca se converteram. A pessoa que fica neste engano encontra-se num tapete rolante para o inferno.

Fixemos o seguinte: toda a pessoa que queira ver o reino de Deus tem de *se converter uma vez*. *Ernst Modersohn* disse uma vez: “A melhor educação, também a predisposição mais piedosa, não torna a conversão desnecessária. Toda a pessoa tem de se converter uma vez, quer dizer, entregar o seu coração e vida ao Senhor com resolução e determinação.” Só a conversão

verdadeira salva, ela é o passo necessário para o homem obter a vida eterna. Quem se descuidar, cai na morte eterna.

6.2.4 Porque se deve converter?

Já explicamos que a conversão em Jesus Cristo é necessária para poder chegar ao céu. Qualquer um que se tenha convertido pode fazer o importante serviço de mostrar esse caminho a quem o procure. Jesus Cristo não só nos deu esse poder-chave, ele transferiu-o para nós.

A chave para o céu: O Senhor Jesus disse a *Pedro*: “Eu te darei a chave do Reino dos céus” (Mt 16:19). Não vale só para Pedro mas, todos os que pertencerem a Jesus, podem abrir o Reino dos céus a outra pessoa. Podemos mostrar o caminho a quem o procure. Podemos declarar a todo o pecador que há perdão no Senhor: “Àqueles a quem vocês perdoarem os pecados, serão perdoados; e, àqueles a quem não os perdoarem, não lhes serão perdoados” (Jo 20:23). Somos chamados a abrir a outros o portão para o céu. Esse serviço não depende de nenhum posto. Qualquer discípulo de Jesus Cristo tem esse poder-chave. Em Apocalipse 1:18, Jesus fala de outras chaves: “**Eu** tenho as chaves sobre a morte e o mundo dos mortos.” Essas chaves, não as entregou Ele a ninguém. Sobre isto, apenas Ele tem o poder. Não seria bom para nós termos também essas chaves. Porque seríamos capazes de nos meter a nós e a outros no inferno. A nossa missão é, portanto, “levar-nos uns aos outros para o céu”, assim o expressou *Martinho Lutero*.

6.2.5 Quando nos devemos converter?

O Senhor Jesus chamou prudentes àqueles que, depois de ouvir a palavra, também assim obedecem e agem (Mt 7:24). Isto vale especialmente para a conversão. Quando a mensagem nos toca o coração, é quando nos temos de decidir: “Se ouvirem **hoje** a voz de Deus, não se mostrem duros de coração” (Hb 4:7). O *alto funcionário da Etiópia* foi em procura a Jerusalém. Ele

comprou um rolo da Sagrada Escritura mas não compreendeu o conteúdo da mensagem. No entanto, quando *Filipe* lhe pregou o Evangelho de Jesus Cristo com o texto de Isaías 53:7-8, agarrou imediatamente a oferta de salvação de todo o coração: ele acreditou em Jesus Cristo como Filho de Deus, conseqüentemente deixou-se baptizar e seguiu feliz o seu caminho (At 8:26-39). Aqui temos um bom exemplo: uma pessoa ouviu a palavra da salvação e aceitou-a sem demora. Em Actos dos Apóstolos lemos sobre outro homem que deve servir de mau exemplo. Também *Félix* ouviu da fé em Jesus Cristo e outras leituras bíblicas centrais. Mas a sua reacção foi: “Por agora podes ir. Quando eu puder, chamo-te outra vez” (At 24:25). Não nos é transmitido se ele realmente chegou a chamar *Paulo* novamente para se converter. Para *Félix*, esta oportunidade oferecida foi uma desgraça. Muitas pessoas passam, hoje em dia, também por tendas de missão ou outras conferências evangélicas sem agarrar a oportunidade de decisão.

Algumas pessoas acham que podem converter-se pouco antes da própria morte. A graça de Deus para o *criminoso que foi crucificado* com o Senhor Jesus Cristo, que chamou pelo Senhor nos últimos minutos da sua vida e assim se salvou poderia ser uma excepção. O momento da conversão não se deixa manipular da maneira que talvez queríamos. Só nos podemos converter quando Deus nos chamar. *Bezzel* avisou [K2,11]: “A graça de Jesus Cristo é inesgotável no poder de perdoar de hoje mas tem um segundo inevitável. Perto do fim de uma grande fraqueza, dores fortes, grandes ataques de febre ou mesmo em caso de morte repentina, essa esperança desaparece completamente.

O conhecido pastor *Wilhelm Busch* conta (aqui ligeiramente abreviado) sobre a seguinte experiência que dá muito que pensar [B5,25-28]:

“Um homem que estava a morrer desejava a visita de um pastor. Eu fui imediatamente ao hospital. Na cama estava um homem ainda jovem. A sua mulher muito comovida sentada a

seu lado. Quando me vê, levanta-se rapidamente: “Senhor pastor, dê a comunhão ao meu marido, rápido!” A morte está desenhada na cara do doente. Este nem se apercebe que lá estou. Com a minha oração e palavras de graça quero acompanhar o doente para a eternidade: “O sangue de Jesus Cristo lava-nos de todo o pecado ...” Lentamente abre os seus olhos. A mulher insiste novamente na comunhão. Eu digo-lhe no corredor: “Pensa mesmo que uma cerimónia exterior poderá salvá-lo do juízo de Deus? Se o seu marido conhecer o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e também crer nele, estará salvo, mesmo se não tomar a comunhão. E, sem Jesus, também não ajuda nenhuma comunhão!” Ela não deixa de exigir, eu faço-lhe a vontade. Depois de ter tomado os símbolos, repousou tranquilamente na almofada. Eu saí do quarto para o casal se poder despedir. Passada meia hora entro novamente no quarto. Uma imagem surpreendente: o homem encontrava-se sentado na cama e dizia: “Passei o ponto crítico, sinto-me muito melhor!” Peguei na mão do doente: “Caro amigo, quando estava no portão para a eternidade veio o Senhor Jesus com a sua graça. Não deixe mais esse Salvador!” De um momento para o outro a cara do doente muda para um horrível sorriso, tal como um reflexo das chamas do inferno. Com um sorriso de gozo diz: “Ó, eu já não necessito de nada disso. Já vivo novamente!” Chocado ouvi essas palavras incríveis. Ficou-me na garganta cada palavra. Enquanto ainda lá estava, o paciente põe de repente a mão no peito e cai lentamente para trás. Estava morto!

Um missionário de Hamburgo apresentou uma estatística um pouco estranha [L2,81]. Como pastor num grande hospital anotava os nomes de todos aqueles que se tinham convertido pouco antes de contarem com a morte e depois acabaram por melhorar. Ele verificou que quase não houve nenhuma conversão sincera. Apenas foram reles produtos do medo. Pois a “tristeza divina” é que leva à mudança de vida (2Co 7:10). A tristeza de ter afligido Deus leva-nos de volta e, assim, para a vida. A “tristeza o mundo”, o lamento do egoísmo aterrorizado, “provoca a morte”. *Paul Le Seur* avisa do perigo de uma falsa

orientação [L2,81]: “Quem pensar que a morte é um remédio mágico que nos pode salvar sem activar a própria vontade, contradiz completamente o que a Bíblia nos diz, fazendo com que a assistência espiritual, mesmo a história da salvação, seja uma coisa desnecessária.”

6.2.6 Com acontece a conversão na prática?

Na conversão entregamos ao Senhor Jesus Cristo a nossa vida completa em todo o seu domínio. Cedemos-Lhe o direito de dispor sobre a nossa vida. Damos-Lhe acesso a todos os recantos da nossa existência. O Senhor não se impõe a ninguém mas bate à porta dos nossos corações (Ap 3:20) e espera que O convidemos, numa completa oração pessoal, a assumir o senhorio da nossa vida. Em João 1:12 é-nos explicada esta situação como uma filiação divina: “Mas àqueles que o receberam e acreditaram nele, deu o privilégio de se tornarem filhos de Deus.” Como leitor, talvez agora vá dizer: É-me agora claro que me devo converter mas como acontece isso na prática? Queremos explicar isto em seguida, para que possa ter a certeza de alcançar a salvação:

Chame pelo nome do Senhor, quer dizer, ore a Jesus Cristo. Talvez diga agora, o que é que eu posso rezar se nunca falei com Ele antes. Como ajuda ou exemplo pode formular livremente a seguinte oração:

“Senhor Jesus Cristo, tornou-se-me agora claro de que não posso suportar o pecado da minha vida perante Ti e perante o Deus vivo. Mas tu vieste a este mundo para salvar os pecadores perdidos. A Tua morte na cruz foi o preço para que eu também pudesse ser absolvido. Nisso confio. Com a minha vida sou, perante Ti, como um livro aberto. Tu conheces todos os meus erros, todo o batimento falso do meu coração e a minha indiferença até agora para contigo. E então peço-Te: Perdoa toda a minha culpa e retira de mim tudo o que não seja correcto. Agradeço-Te que o faças

agora mesmo. Tu és a verdade em pessoa e, por isso, confio nas promessas da Tua palavra.

Agora Senhor, eu Te peço, preenche Tu a minha vida. Guia-me pelo caminho que me queres mostrar ao ler a Bíblia. Eu sei que és o bom pastor, a quem me entreguei e que só quer o meu bem. Por isso desejo entregar-Te toda a minha vida: meu pensar e fazer, meu ofício, meu tempo livre, meus planos, meus amigos, meu dinheiro ... Dá-me a força de poder romper com a minha vida até aqui pecadora. E se eu às vezes pecar, deixa-me reconhecer o pecado para poder confessar-Te. Oferece-me novos hábitos para contigo que estejam sob a Tua bênção. Modifica a minha atitude em relação a Ti e em relação às pessoas com quem lido todos os dias. Dá-me um coração obediente e abre-me a Bíblia para que possa compreender a Tua palavra. Quero reconhecer-Te como meu Senhor e seguir-Te. Ámen.”

Se esta oração, ou uma parecida com esta, vier realmente do seu coração, é agora um filho/filha de Deus: “Mas àqueles que o receberam (= o Senhor Jesus Cristo) e acreditaram nele, ele deu o privilégio de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1:12). A vida repleta que Deus lhe prometeu tem assim o seu início. Além disso é-lhe oferecida a vida eterna. O céu inteiro participa da sua conversão a Jesus Cristo porque, em Lucas 15:10, ele diz: “Da mesma maneira vos digo que há alegria entre os anjos de Deus cada vez que um pecador se arrepende dos seus pecados (= se converte).”

Agora gostaria de dar alguns conselhos para poder ter um bom início em ser cristão:

1. Ler a Bíblia: Comece a ler a Bíblia diariamente para se informar sobre a vontade de Deus. A Bíblia é o único livro autorizado por Deus. Para a nova vida, a leitura da Bíblia é o alimento que precisa. Melhor seria começar por um dos evangelhos. O Evangelho de João é, para o princípio, o ideal.

2. A oração: Fale diariamente com Deus e Jesus Cristo em oração. Daí irá resultar para si muita força e mudança. Todas as coisas do dia-a-dia, preocupações e alegrias, projectos e ideias, podem fazer parte da oração. Agradeça ao Senhor por tudo o que o deixe comovido. Com a leitura da Bíblia e oração formase uma “circulação espiritual” que é imensamente importante numa vida crente saudável.

3. Comunidade: Procure e mantenha contacto com outros cristãos conscientes. Se tirar uma brasa do fogo, esta apaga-se rapidamente. Também o nosso amor por Jesus irá arrefecer se não nos mantivermos ardentes em comunidade com outros crentes. Junte-se a uma comunidade que esteja em união com a Bíblia e aplique actividades próprias. Uma boa comunidade viva, onde se acredita na Bíblia inteira, é uma condição indispensável no caminho da fé e no crescimento crente saudável.

4. Obediência: Ao ler a Bíblia irá receber muitos conselhos para todos os passos da sua vida e também para a sua relação com Deus. Ponha tudo o que compreendeu em prática, isso vai resultar numa felicidade enorme. Não podemos testemunhar melhor o nosso amor pelo Senhor do que na obediência: “O amor de Deus consiste em cumprirmos os seus mandamentos” (1 Jo 5:3).

5. Testemunho: Conte a outros a importância que Jesus Cristo passou a ter para si. Muitas pessoas ainda não aceitaram o Evangelho como salvação, eles precisam do nosso exemplo e testemunho. Agora tem o prazer de poder ser colaborador de Deus.

Seja agora feliz por se ter decidido conscientemente por Jesus Cristo e poder ser uma pessoa que Deus aceitou.

6.2.7 Qual é a consequência da conversão?

Spurgeon disse uma vez: “Uma conversão verdadeira, tal como a luz num quarto escuro, não se pode esconder.” Com a conversão vem também uma modificação na vida que é marcada por a ruptura radical com o pecado. *Paul Humburg* formulou exemplarmente essa modificação no ramo ferroviário: “Antes da nossa conversão pecamos pontualmente no horário de chegadas mas, depois da conversão, todo o pecado é como um desastre de comboio.” A pessoa convertida não vive sem pecado como alguns pensam, mas o significado do pecado modifica-se radicalmente. Essa nova vida manifesta-se numa modificação. As prioridades da vida têm outra ordem, na qual o desejo do Reino de Deus preenche um significado central. A pessoa convertida tem fome da palavra de Deus e procura a comunidade com outros convertidos. São guiados pelo Espírito (Rm 8:14) e os frutos do Espírito (Gl 5:22) podem ser distinguidos por todas as pessoas. A conversão é assim o *ponto final* da antiga vida mas, ao mesmo tempo, os dois pontos da nova vida. “É que quem vive unido a Cristo torna-se uma pessoa nova” (2Co 5:17). A conversão tem um *efeito duplo*: Esta vida terrestre recebe um novo sentido central e, ao mesmo tempo, recebemos a oferta da filiação divina que nos dá a herança da vida eterna. *Heinrich Kemner* escreve sobre isso [K2,44]: “Assim como vives, também morres. Assim como morres, também vais. Assim como vais, também ficas.” A filiação divina é-nos oferecida no renascimento que queremos explicar a seguir.

7. Renascimento o nascimento para a filiação divina

O terceiro passo para a salvação do homem (ver *imagem 13*) é o renascimento. *Schlatter* disse a seguinte e acertada frase: “A conversão é o último acto da pessoa antiga, o renascimento é a primeira experiência da pessoa nova.” O renascimento é a resposta de Deus à nossa conversão. Assim como fomos trazidos ao mundo, também o renascimento é um acontecimento sem esforço nosso. O acontecimento do renascimento é indispensável para não se perder eternamente. Jesus avisou claramente: “Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” (João 3:3). Então só podemos ser salvos se nascermos de novo.

7.1 Características do novo nascimento

- **É um nascimento feito pelo Espírito de Deus:** “O que nasce de pais humanos é apenas humano, o que nasce do Espírito é espiritual ... O vento sopra onde quer; ouves o seu ruído mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece também com aquele que nasce do Espírito” (Jo 3:6+8).
- **É um nascimento oferecido por Deus:** em contraste com o nosso nascimento natural, não houve nenhum homem que fosse pai, foi uma obra de Deus. “Não se tornaram filhos de Deus por vontade e geração humana, mas sim porque Deus o quis” (Jo 1:13)
- **É um nascimento criado a partir da Palavra de Deus:** “Todos vocês nasceram de novo. Não de uma origem mortal, mas imortal, por meio da Palavra de Deus que vive para sempre” (1 Pe 1:23).

- **É um nascimento para uma filiação com Deus:** Pelo nascimento natural somos filhos do nosso pai *terrestre*, pelo renascimento somos filhos do Pai que está nos *céus*.

7.2 Falsas opiniões sobre o renascimento

1. O renascimento não deve ser confundido com o batismo: Se o batismo de bebês fosse o renascimento, na parte ocidental da na parte ocidental da Alemanha, 95% da população era filha de Deus. Assim, *Hitler*, *Stalin* e *Mussolini* também eram pessoas salvas. O conhecido pastor evangélico *Wilhelm Busch* avisou rigorosamente sobre esta forma de pensamento [B4,141]: “... podemos agradecer isto principalmente à falsa doutrina sobre batizados. No caso de alguma consciência estar inquieta; no caso de alguma pessoa chegar à convicção de ter de voltar tal como o filho perdido; no caso do Espírito de Deus despertar algum coração, é imediatamente narcotizado com a mensagem: já és batizado. Está tudo em ordem. Assim se põe a consciência fraca novamente a dormir.” Esta propagação da doutrina pertencente ao *renascimento pelo batismo* é uma das mais graves heresias dos nossos dias.

2. O renascimento não é uma reencarnação: A palavra de Jesus “ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” (Jo 3:3) tinha sido confundido, no princípio, por *Nicodemus* com um nascimento físico: “como é que um homem idoso pode voltar a nascer? Pode entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?” (Jo 3:4). Influenciados por doutrinas esotéricas e religiões orientais, muitos acreditam num renascimento com outro corpo (reencarnação). Em lado nenhum fala a Bíblia de tal acontecimento. Pelo contrário: “Está determinado que os homens *morram uma só vez* e que depois seja julgados por Deus” (Hb 9:27).

3. O renascimento não se produz pela educação cristã: É uma grande bênção quando os nossos filhos podem ser criados numa família cristã e, desta maneira, aprenderem desde cedo

a Palavra de Deus e os procedimentos bíblicos. Mas, mesmo com estes conhecimentos, ainda não são renascidos. Deus não tem netos, só filhos, que só existem pelo renascimento. O mundialmente conhecido evangelista *Billy Graham* explicou-o uma vez muito bem: “Lá por teres nascido numa garagem não quer dizer que és um carro. Lá por teres nascido numa família cristã não quer dizer que és cristão.”

4. O nascimento não se produz por pertencer a uma igreja:

Segundo a Bíblia, quando pertencemos a Cristo, é completamente normal ser-se membro de uma igreja cristã que seja fiel à Palavra de Deus. Sobre a pergunta de alguém que se tinha convertido há pouco, se poderia ser cristão sem pertencer a uma comunidade cristã, o evangelista respondeu: “Tu podes experimentar atravessar o atlântico com um barco de borracha mas a probabilidade de as ondas te apanharem é grande, com a consequência de não chegares à outra costa. Assim também não chegarás à meta sem uma comunidade viva.”

7.3 O resultado do renascimento

Já falámos das três estações decisivas e necessárias para a salvação de uma pessoa. Quem se entregou consciente e pessoalmente a Jesus Cristo e seguir esse caminho passa a ser uma pessoa rica: à espera dêle está a maior herança que uma pessoa pode receber. Ela vai passar a eternidade em comunidade com Deus. O céu é a herança eterna. Ao contrário da linha mortal na parte inferior da *imagem 13*, aqui a morte física é a entrada para a vida. Na linha da vida conta a realidade de Filipenses 1:21: “De facto, para mim, viver é Cristo e morrer é lucro.”

O Evangelho é a melhor mensagem alguma vez dita. É a mensagem do amor de Deus para connosco, mensagem de alegria e salvação. É o que nos traz o céu. Quem se dirigir pessoalmente a Jesus, em arrependimento e conversão, é salvo. Mas a mensagem também tem outro efeito. Podemos ouvir a chamada de Deus e deixá-la passar sem nos apercebermos. Então, quem

ouve a palavra de Deus e não a aceita conduz-se a si próprio ao juízo. A pessoa fica com a sua culpa e não escapará ao juízo (Hb 9:27; Jo 3:36b). A sentença de condenação dos pecados fica por cima da pessoa não salva. Sem uma entrega a Jesus, ficamos perdidos para sempre, mesmo também com uma tradição cristã. A religião só tem um efeito anestésico mas não tem força salvadora. Se o que explicámos até aqui foi o que *Karl Marx* compreendeu como religião, então tinha razão: “Religião é o ópio do povo.” Se aceitarmos a chamada de Deus e nos entregarmos a Jesus Cristo, encontraremos a salvação, assim nasce o sol da eternidade, assim passamos da morte para a vida (Jo 5:24). Jesus é o fim de todas as religiões! Temos de nos decidir entre religião e evangelho.

Uma parábola: Durante o mês de Maio de 1990 estávamos a caminho da Hungria para uma série de conferências evangelistas e, na Áustria, tivemos de passar o túnel de Plabutsch. Pareceu-nos interminável. É que esse túnel é, com os seus 9 919 metros, um dos mais compridos do mundo (o mais comprido, com 16,32 km, é o túnel de S. Gotthard). À saída havia duas direcções possíveis: uma em direcção a Graz Sul e outra para Viena-Klagenfurt. Isto foi para mim como uma parábola:

A nossa morte é para nós como um túnel escuro e muitos perguntam-se se o túnel tem alguma saída. Pois, depois do túnel da morte do homem existe outro “mundo”. Ou saímos na estrada da vida eterna ou na da morte eterna. E também é assim com o túnel da morte: todos temos de passar por ele, mas a decisão de irmos por um ou outro caminho, temos de a tomar ainda deste lado do túnel.

8. A fé do coração: A corda salvadora

No capítulo anterior falámos sobre os passos necessários para a salvação, ou seja, arrependimento, conversão e renascimento. Até aqui falámos pouco sobre a fé se bem que ela também seja importantíssima para a salvação do homem. Conversão e renascimento são acontecimentos pontuais que, geralmente, se podem documentar por hora e dia; a fé, pelo contrário, é um estado de ser da pessoa salva. Pela fé se recebe a salvação. Este processo foi explicado por *C. H. Spurgeon* com uma ilustração exemplar [S7]:

A criança e a maçã: Aceitar Cristo pela fé é muito fácil. Podemos evidenciar isto com uma comparação: Um pai vai dar uma maçã ao filho. Estende-lhe a maçã e promete dar-lha se ele a aceitar. Este exemplo diz, na verdade, somente respeito a questão da confiança em aceitar uma maçã mas, trata-se também de um princípio comparável ao da Fé, que tem a ver com a salvação eterna. O que a mão da criança é para a maçã, é a Fé para a perfeita salvação em Cristo. A mão da criança não produz a maçã, não a melhora, não a merece, apenas a aceita. Assim é a Fé em Deus, escolhida para agarrar a salvação. Quem aceitar assim a Fé contenta-se em aceitar a salvação humildemente e não pretende tê-la produzido ou contribuído para ela. Deus escolheu a fé como ferramenta porque esta nos une a Ele. Se confiarmos em Deus, assim começa uma relação entre Deus e nós e, essa união, implica bênção. A fé salva-nos porque nos leva à ligação a Deus. Um acontecimento de alguns anos atrás poderá ilustrar esse aspecto:

Um barco virou-se a montante das **quedas de água do Niágara**. A força da água levou os dois ocupantes cada vez para mais perto das quedas. Algumas pessoas conseguiram atirar uma corda aos sinistrados. *Um* deles agarrou-a com toda a força e foi puxado para a margem. O *outro* viu passar na água um tronco de uma árvore. Deixou a corda e agarrou-se à

madeira por ser maior e transmitir-lhe, á primeira vista, mais segurança. Mas o homem foi puxado para o abismo. Não houve contacto entre a pessoa que procurava socorro e a margem salvadora. O tamanho do tronco da árvore não foi suficiente para o poder salvar. Assim também é o homem que confia nas próprias obras, filosofias de vida ou em grandes religiões, não é salvo porque não há contacto com Cristo. O segundo sinistrado agarrou a fina corda e teve assim salvação da morte certa. A fé, mesmo que nos pareça como uma fina corda, dá para chegar até à margem e está nas mãos do grande Deus. A corda que nos foi enviada em Cristo e que temos de agarrar faz-nos justos e traz a salvação da perdição eterna. Só essa justiça vale em frente a Deus porque se refere à própria justiça de Deus.

A carta aos Hebreus eleva a fé como necessidade indispensável para poder encontrar o agrado de Deus: “Sem fé ninguém pode agradar a Deus. Quem se aproxima de Deus deve acreditar que ele existe e que é ele que recompensa os que o procuram” (Hb 11:6). A que fé se quer referir este texto? Temos de distinguir diversas classificações de fé:

8.1 Espécies de fé

1. Superstição: Já no Antigo Testamento nos avisam do perigo desta “forma de fé” que é uma abominação para o Senhor: “... que ninguém pratique encantamentos, adivinhação, magia ou superstição; que ninguém pratique feitiçarias, consulte os espíritos, procure visões ou consulte os mortos. Todo os que praticam essas coisas tornam-se abomináveis para o Senhor” (Dt 18:10-12). O evangelista da rádio *Richard Kriese* avisou bastante no seu livro “Ocultismo em ataque” [K4] sobre essas práticas e descreveu-as como obras de demónios: “A superstição nas suas variadas maneiras, muitas vezes multi-facetadas mas muito conhecidas e espalhadas pelos povos, dá a conhecer os seus poderes diabólicos em diferentes graus de sistemas de ataque ... algarismos da desgraça e algarismos da sorte, símbolos da má sorte e símbolos da sorte têm mais valor para muitos do

que pensamos: toma-se atenção ao gato preto ou ao limpa-chaminés e não se tem nada contra talismãs.” Talismã, horóscopo, ler as cartas, pêndulo e outros mais, são expressões de superstição que é uma fé enganosa que leva à perdição.

2. Idolatria: A Bíblia mostra em muitas passagens que a idolatria dos pagãos não vale para nada mas também mostra como entrou no seio do povo de Deus. Em Isaías 44:9-20 encontramos uma descrição da natureza e do valor do culto dos ídolos:

“Os fabricantes de ídolos nada são; as suas imagens preciosas de nada valem ... Quem fabrica um ídolo ou funde uma imagem fá-lo sem utilidade. Todos os seus devotos serão enganados ... o **ferreiro** trabalha o metal, leva-o à bigorna e vai-o modelando com o martelo, trabalha-o com os braços robustos ... Quanto **ao que trabalha a madeira**, toma as suas medidas, faz o desenho, desbasta a madeira com o cinzel, modela-a com a lima. Dá-lhe o aspecto de uma figura humana e depois coloca-a num templo. Põe um cedro de reserva para cortar, escolhe uma azinheira ou um carvalho que deixa crescer entre as árvores da floresta. Ou então planta um pinheiro que há-de crescer com a chuva. Para **as pessoas**, a sua madeira serve para o lume; apanham-na para se aquecer ou cozer o pão. Ou **então fazem dela um deus** e adoram-no, fabricam uma imagem e inclinam-se diante dela.

Queimam no fogo **metade** da madeira, assam a carne sobre as brasas, comem-na e ficam satisfeitos; ou então aquecem-se e dizem: “Como é bom estar quentinho e ver o fogo a arder!”

Com **a outra metade** da madeira fazem um deus, um ídolo que adoram, inclinam-se diante dele e dirigindo-lhe esta oração: “Salva-me, pois tu és o meu deus!”

Esta gente não vê, tem mente mas não entende. Não reflecte, não tem o bom senso nem a inteligência para pensar: “queimei **metade** no fogo, cozi o meu pão sobre as brasas, assei a carne para comer e vou fazer do **resto** um ídolo abominável, vou inclinar-me diante de um pedaço de madeira?” ... O seu espírito extraviado desencaminha-o. **Não consegue libertar-se**, dizendo: “O que eu tenho na minha mão direita não passa de um falso deus.”

O juízo de Deus sobre todos os cultos inventados pelos homens é o seguinte: “Porque esses deuses de metal são falsos e sem vida. São coisas inúteis e desprezíveis; e serão destruídos quando o Senhor intervier” (Jr 10:14-15). A salvação não se encontra aqui. Como já foi explicado, qualquer fé em religiões faz parte desta categoria. Os ídolos nem sempre são de madeira, pedra ou metal; também são venerados, muitas vezes, como deuses invisíveis (por exemplo no hinduísmo e islão, mas também em países denominados cristãos, na forma do panteísmo, teísmo, deísmo e a antroposofia).

3. Crer na possibilidade de uma coisa: Encontramos alguém e perguntamos: “O teu irmão está em casa?” Ele diz: “Creio que sim.” À pergunta seguinte: “Não sabes se ele lá está?” vem a resposta: Certo não estou mas creio que sim.” No nosso uso diário utilizamos a palavra “crer” como expressão de incerteza e insegurança. Deste modo existe uma classe de fé que continua por aí fora. Nestes casos de incerteza devia dizer-se “não sei com certeza” ou “acho que sim” e não praticar um roubo ao significado da palavra “crer”. A definição bíblica da palavra “crer” (grego *pisteuein* = ser fiel, crer, confiar) quer significar o que está fixo, o que está certo e baseado em confiança mesmo se o objecto de fé não for visível: “A fé é a certeza de já possuir coisas que se esperam e a garantia das coisas que não se vêem” (Hb 11:1).

4. Fé Doutrinal: Nesta espécie de fé só os dogmas são considerados. É tomado por verdadeiro aquilo que é apresentado

como opinião da igreja. Aceita-se um credo, mesmo que se tenha um grande conhecimento da Bíblia, que é aprovado e em caso nenhum criticado. Esta Fé Doutrinal não é, contudo, nem resistente a crises nem salvadora. Lutero conheceu isso pela sua própria e difícil experiência. Ele designou como Fé Histórica o mero aceitar como verdadeiros os ensinamentos e histórias. Disse dela que não ajuda, “é uma obra natural, sem Graça, e que esta também os danados têm”. O diabo é um bom conhecedor da Bíblia. Quando das tentações de Jesus (Mt 4:1-11) ele demonstrou bem os seus conhecimentos bíblicos. O Novo Testamento testemunha que os demónios também têm Fé Doutrinal. “Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demónios o crêem e estremeçam” (Tg 2:19). Não obstante o conhecimento de que Jesus é Filho de Deus (Mt 4:3+6) o diabo já está julgado (Jo 16:11)

Como se vê na *imagem 15*, todas estas classes de fé pertencem à perdição porque nenhuma delas tem força para salvar. Por isso vamos, a seguir, falar sobre a fé salvadora; é a fé de coração em Jesus Cristo.

5. Fé de coração em Jesus: Quando a sabedoria e certas afirmações bíblicas (fé doutrinal) se juntam à relação pessoal com Jesus Cristo (fé de coração em Jesus), então temos a fé salvadora: “Pois quando se crê de coração, ser-se-á salvo; e quando se confessa com a boca, ser-se-á salvo. Pois a Escritura diz: “Quem acredita Nele, não será frustrado ... Então quem invocar o Nome do Senhor, será salvo.”(Rm 10:10-13). Uma fé destas é uma total confiança em Jesus Cristo. Jesus fala exemplarmente do oficial romano de Cafarnaum porque acreditou que a Jesus nada é impossível (Mt 8:5-13). A fé salvadora é a nossa entrega total à confiança. Ele presta honra a Deus reconhecendo as normas divinas, voltando-se para Ele com arrependimento e conversão. A fé salvadora em Jesus Cristo não é uma ideia qualquer, mas sim algo consequentemente fixado na Escritura: “Do coração daquele que acredita em mim há-de nascer rios de água viva, como diz a Sagrada Escritura”

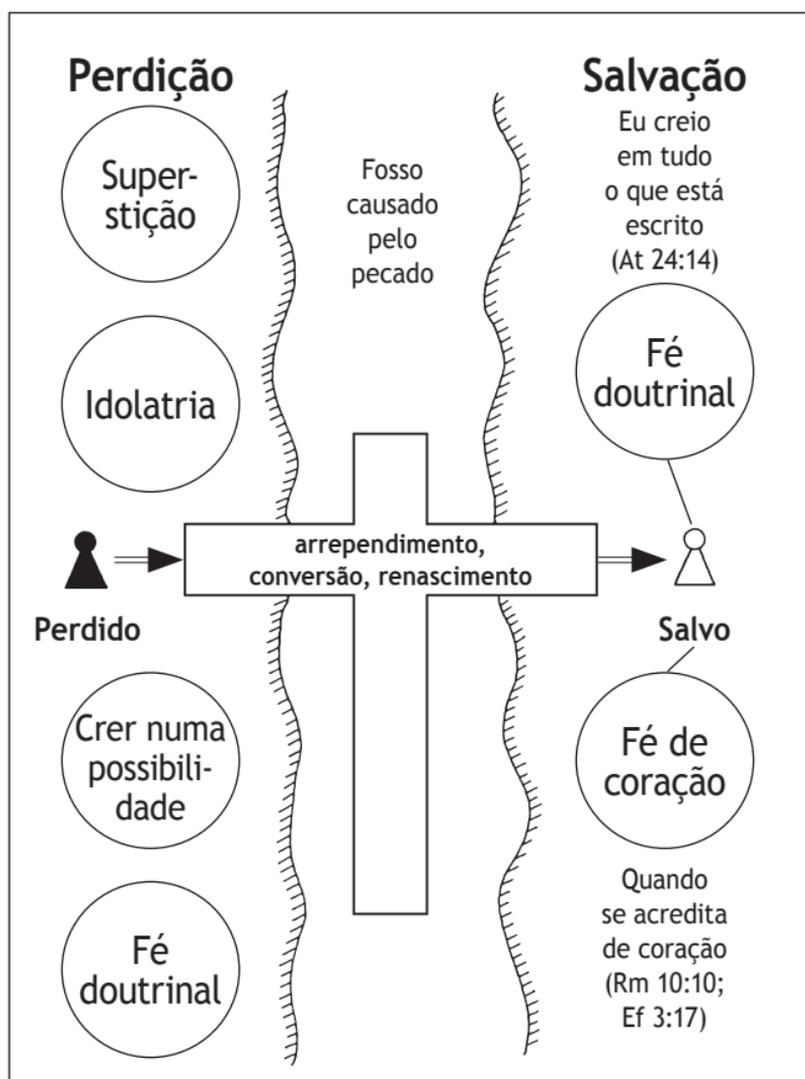


Imagem 15: Tipos de fé no lado da perdição e a fé que salva pela cruz de Jesus Cristo por meio do arrependimento, conversão e renascimento.

(Jo 7:38). A pessoa que disser SIM às afirmações da Sagrada Escritura é salva. Queremos justificar essa fé de coração com diferentes passagens da Bíblia:

- Marcos 16:16: “**Quem crer** e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.”
- João 5:24: “Fiquem certos disto: quem aceita as minhas palavras e **acredita** naquele que me enviou tem a vida eterna.”
- João 3:16: “... para que **todo aquele que acreditar no Filho de Deus** não se perca, mas tenha a vida eterna.”
- João 11:25-26: “**O que acredita em mim**, mesmo que morra, há-de viver. E todo aquele que está vivo e acredita em mim nunca mais há-de morrer.”
- João 20:31: “Estes (sinais) foram aqui escritos **para que acreditem** que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, para que acreditando, tenham vida nele.”
- Actos 13:39: “Por meio dele, **todos os que crêem** recebem a salvação.”
- Actos 16:31: “**Crê no Senhor Jesus** e serás salvo, tu e a tua família.”
- Romanos 3:22: “Deus faz com que as pessoas entrem em boas relações com ele **por meio da fé em Jesus Cristo**. É assim para todos os que crêem em Jesus Cristo sem haver diferença de pessoas.”
- Romanos 3:26: “... pois Deus é bom e faz com que fiquem de bem com ele, **os que crêem em Jesus**.”
- 1 João 5:12: “Quem tem o Filho de Deus tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.”

Estes versículos dizem claramente que não somos salvos por

- crer naquilo em que a maioria das pessoas crêem
- crer em qualquer coisa
- estarmos seriamente a defender qualquer coisa

Mas sim

- em **quem** acreditamos (Jesus Cristo)
- o **que** acreditamos de Jesus (o que a Escritura diz)
- **como** acreditamos em Jesus (de todo o coração)

8.2 O fundamento da fé: Jesus Cristo

Assim como todo o edifício necessita de um fundamento que o segure, assim foi posto Jesus Cristo por Deus como base da fé: “Deus fez com que Cristo, pela sua morte, se tornasse instrumento de perdão para os que crêem nele” (Rm 3:25). Por ser este o único caminho que conduz à salvação, Paulo diz: “Ninguém pode colocar outro alicerce para além daquele que já existe e que é Jesus Cristo” (1 Co 3:11). A fé que se funde em Cristo não é, portanto, fundada na sabedoria do homem, mas sim no poder de Deus (Rm 1:16; 1 Co 2:5). Esta fé, então, não é obra humana nem resulta da criação do homem, mas sim um dom de Deus. A chamada para a fé é, assim, ao mesmo tempo, uma pregação da palavra de Deus (Rm 10:17) e um testemunho de Jesus Cristo: “Ele mandou-nos pregar o Evangelho ao povo e anunciar que Deus fez dele o juiz dos vivos e dos mortos. Todos os profetas falaram a respeito de Jesus dizendo que, todo aquele que puser nele a sua fé, receberá por meio dele o perdão dos pecados” (At 10:42-43).

A pessoa de Jesus é única na história do mundo:

- Ele mesmo nunca escreveu uma palavra e, mesmo assim, as suas palavras nos Evangelhos foram traduzidas mais vezes como nenhuma outra literatura mundial
- Sobre Ele foram escritas mais de 60.000 biografias
- Nenhuma pessoa foi mais vezes retratada na história mundial
- O Novo Testamento fala de 37 milagres que Ele fez
- De todos os caminhos que Jesus percorreu, só um é exatamente conhecido: o seu último caminho para Jerusalém. Foi o caminho para a cruz!

8.3 Estações da fé: Uma vida cheia

A fé não é estática, não é algo que se congela no princípio do arrependimento e conversão. A fé deve ser dinâmica e viva toda a vida. Queremos apontar a seguir algumas estações da fé:

1. Fé em crescimento: É sempre um milagre quando uma pessoa se converte com todo o coração ao Senhor Jesus Cristo e assim encontra a salvação para todo o tempo e eternidade. É incorrecto pensar: “Agora estou salvo! Agora tudo está bem! Já consegui! Pode ficar assim!” Isto seria completamente contrário à Bíblia; porque, quando aceitamos o Senhor Jesus Cristo pela sua graça, somos tal como um bebé. A pessoa que nasceu de novo, independentemente da sua idade natural, é um bebé na fé e tem de aumentar em peso e de crescer. *C.S. Lewis* utilizou a comparação com um ovo [L3,43]: “Para um ovo é simples transformar-se num pássaro, mas seria bem mais complicado aprender a voar e continuar a ser um ovo.” O apóstolo Pedro avisa: “Pelo contrário, continuem a progredir no amor e conhecimento por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3:18). Na fé devemos “ser pessoas adultas, conseguindo aquela medida de perfeição que Cristo nos apresenta” (Ef 4:13), para podermos estar firmes na fé e vida. A nova vida em Deus exige alimento próprio: “Como crianças recém-nascidas, desejem o leite espiritual e puro para com ele crescerem para a salvação (1 Pe 2:2). Também o mais crescido na fé precisa de alimento: “Os adultos, pelo contrário, alimentam-se de comidas fortes” (Hb 5:14). Na Bíblia encontramos as duas coisas, leite e comida forte. Quem quiser crescer na fé, e é isso que Deus quer, tem de ler a Bíblia. Quem o fizer será abençoado. Alguns testemunhos da Bíblia devem ajudar-nos. Martinho Lutero: “A Bíblia não é antiga, também não é moderna, ela é eterna.” Manfred Hausmann: “A palavra de Deus foi escrita por pessoas mas não é originária delas. Também se chama o livro dos livros. Nele está escrito com toda a clareza a verdade sobre o homem, a sua glória e tristeza, a sua nobreza e a sua infâmia, o seu sonho e o seu vício. Porque idealiza o homem de

maneira tão real, descreve-o conforme a verdade, a mensagem que quer transmitir também merece confiança.”

2. Fé em obediência: O nosso amor em Jesus manifesta-se na obediência a Ele. A obediência é o fruto visível da fé de coração. A Bíblia diz-nos: “É mais importante obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29). Esta obediência liberta de todo o medo humano e conduz à “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8:21). A fé e a obediência estão em tão grande combinação que o Senhor até diz que a obediência é a condição para o conhecimento bíblico: “A doutrina que eu ensino não é minha mas daquele que me enviou. Se alguém estiver disposto a fazer aquilo que Deus quer, pode julgar se a minha doutrina vem de Deus ou se falo só por mim” (Jo 7:16-17). Quem não estiver disposto a ser obediente, nunca poderá encontrar a fé. Assim pôde dizer *Dietrich Bonhoeffer*: “Só o obediente tem fé e só o crente obedece”. Se dizemos que amamos Deus e não guardamos os seus mandamentos nem confiamos na sua Palavra, então a nossa existência é uma mentira viva. Deus põe à prova o nosso amor e a nossa fé ao cumprirmos a Sua Palavra: “Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados” (1 Jo 5:3). Na aparição do “evolucionismo teísta” [G2], por exemplo, vê-se a desobediência à Palavra de Deus.

3. Fé na tentação e na luta: O crente encontra-se neste mundo como se estivesse no território do inimigo. O nosso ambiente caracteriza-se pelo seu pensar e agir com descrença porque “são cada vez menos os homens bons e há poucos que sejam sinceros” (Sl 12;2). Assim, a fé tem de resistir contra a tentação: “Sejam prudentes e estejam alerta, pois o vosso inimigo, o Diabo, anda à vossa volta como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Estejam firmes na fé, resistam-lhe” (1 Pe 5:8-9). A tentação em si não é pecado. Feliz daquele que resiste às tentações porque, depois de ter sido posto à prova, recebe como prémio a vida eterna que Deus prometeu aos que o amam (Tg 1:12).

Desde criança que gosto de girassóis. Uma vez chegámos a pôr sementes de girassol em vários lugares do nosso jardim. Ao crescerem, as plantas serviram-me de parábola. Algumas cresceram à beira da casa por baixo de um telhado onde praticamente não apanhavam vento. Essas cresceram rapidamente com um talo estreito e a uma altura de três metros. As outras plantas estavam ao ar livre e tiveram de se adaptar ao vento, formando uns talos grossos e fortes com raízes largas. Quando chegou um vento forte, os girassóis com os talos estreitos partiram ou dobraram-se, mas os girassóis que estavam fora já estavam habituados ao vento e nada lhe aconteceu porque já estavam imunes à “tentação”. Assim se forma a fé imune à tentação com força e profundidade.

As “setas incendiadas do inimigo” (Ef 6:16) mostradas na *imagem 16* podem ser defendidas com o escudo da fé. Paulo dá o conselho: “Luta no bom combate da fé” (1 Tm 6:12). As ideologias batalham uma contra a outra; o combate de fé é de outra natureza. Ele realiza-se no testemunho e serviço neste e perante este mundo.

Durante uma evangelização com *Richard Kriese* em Braunschweig realizámos uma marcha de testemunho até ao centro da cidade. A marcha teve o seu fim no largo do castelo com mais ou menos 300 crentes em frente da catedral de Braunschweig. Quando chegámos ao largo, estavam lá grupos de activistas do NPD e comunistas. Só com a presença forte das autoridades foi possível impedir actividades agressivas. Os gritos e assobios eram, em todo o seu conjunto, uma demonstração de ódio. Ao lado da catedral, os crentes juntaram-se num grande coro. Foram cantadas várias canções sobre o amor de Deus e a força do perdão de Jesus. Assim demos conta que no combate da fé num mundo perdido devemos proclamar e testemunhar o Evangelho.

4. Fé na vitória: Quando falamos da vitória, temos de mencionar em primeiro lugar o vencedor: é Jesus Cristo! A sua pala-

vra na cruz “tudo está cumprido!” modificou completamente a situação deste mundo. Os poderes obscuros estão vencidos. Desde a ressurreição de Jesus vale “ó morte, onde está agora a tua vitória” (1 Co 15:55) e “para que, pela sua morte, destruísse o diabo que tinha o poder de dar a morte” (Hb 2:14). A partir daí vale: a morte de Jesus e a morte da morte. A ressurreição de Jesus dos mortos é o selo da vitória. Porquê? Um acontecimento da história europeia mostra melhor:

No ano de 1815, os aliados na Belle-Alliance conseguiram a vitória sobre *Napoleão*, que dominava quase toda a Europa. Numa carta particular, o marechal do campo *Gneisenau* escreveu sobre essa vitória. No envelope escreveu: “Por favor observem o selo!” Esse selo era uma reprodução do selo de *Napoleão* que foi encontrado no seu carro, capturado na tarde da batalha. Assim, o derrotado *Napoleão*, por assim dizer, foi obrigado a selar a sua própria derrota.

A morte era o selo dos poderes obscuros, um símbolo de poder, um selo do diabo. Pela morte de Jesus e Sua singular ressurreição Ele venceu Satanás. Jesus tem o símbolo do poder; Ele é que tem as chaves do inferno e da morte. Nesta vitória de Jesus está gravada a nossa fé. A vinculação da nossa fé à ressurreição de Jesus é tão forte que Paulo pode dizer: “E, se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e a vossa fé também é inútil” (1 Co 15:14). Mas Ele ressuscitou verdadeiramente e por isso a nossa fé está também na vitória. Alguém disse uma vez: se estamos saudáveis na fé, somos invencíveis. Esta confiança na vitória, que não é originária em nós mas na união com o Filho de Deus, é-nos gritada pelo apóstolo *João*: “Porque todo aquele que nasce de Deus vence o mundo. E a vitória sobre o mundo é a nossa fé” (1 Jo 5:4).

5. Fé na certeza: Continuo a encontrar sempre pessoas (das igrejas oficiais) que dizem que ninguém consegue saber antes da própria morte se estará salvo. É lamentável que as igrejas transmitam essa doutrina. Há pessoas que se esforçam hones-

tamente por passar uma vida agradável a Deus e sejam obrigados, dentro dessa doutrina, a reconhecer que, no fim, podem cair no inferno. Todo o casado sabe com certeza que é casado. Todo o cidadão sabe a sua nacionalidade. Já por razões lógicas não pode estar certo que, relativamente ao assunto mais importante que existe, não se tenha certeza sobre a salvação eterna. Está claro que Deus tem o maior interesse em que estejamos certos da nossa filiação. O apóstolo João escreve por isso: “Escrevo-vos estas coisas para que vocês saibam que têm vida eterna pois crêm no Filho de Deus” (1 Jo 5:13). Se a nossa entrega a Jesus Cristo é feita com sinceridade, a nossa salvação está garantida. Por isso está escrito: “Quem tem o Filho de Deus tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 Jo 5:12).

9. Em que se distingue o Evangelho das religiões?

Indicamos aqui algumas diferenças entre o Evangelho e as religiões sob o ponto de vista bíblico [G3,84-85]:

1. Em todas as religiões existe o esforço do homem em chegar ao alcance de Deus mas nenhum pode testemunhar: “Eu encontrei uma relação pessoal com Deus, tenho paz no coração, a minha dívida está perdoada, tenho a certeza na vida eterna.” No Evangelho de Jesus Cristo, Deus volta-se para nós. Com a cruz vence o abismo do pecado e dá-nos a salvação. Quem o aceitar pode testemunhar: “Com efeito, eu tenho a certeza que não há nada que nos possa separar do amor que Deus nos deu a conhecer por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 8:38-39).

2. As profecias do Antigo Testamento sobre aquele que vem trazer a salvação (por exemplo Gn 3:15; Nm 24:17; Is 11:1-2; Is 7:14) realizam-se palavra por palavra. Em nenhuma religião existem tais profecias com anúncio e realização.

3. (Is 44:20). Deus autorizou unicamente Jesus como Salvador: “Este é o meu Filho querido em quem tenho toda a satisfação. Escutem o que ele diz!” (Mt 17:5). Ao nascer Jesus Cristo, o anjo anunciou: “Pois nasceu hoje, na cidade de David, o vosso Salvador que é Cristo, o Senhor!” (Lc 2:11).

4. Deus certificou o sacrifício de Jesus Cristo com a sua ressurreição dos mortos (Rm 4:24-25). Jesus foi o único que abandonou, vivo, a sua campa para nunca mais morrer: “Porque procuram entre os mortos, aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou!” (Lc 24:5-6). Todos os fundadores das religiões morreram e ficaram na morte.

5. Em todas as religiões existe o esforço do homem em se salvar pelos seus próprios actos. O Evangelho, pelo contrário, é o acto de Deus. O homem não pode contribuir em nada para a obra de salvação no Gólgota: Deus resgatou-nos por elevado preço (1 Co 6:20). A diferença entre religião e Evangelho é a mesma que o acto do homem para a obra de Deus.

6. Em nenhuma religião Deus abandona o céu para salvar o homem. Em Jesus, Deus fez-se homem: “Aquele que é a Palavra fez-se homem e veio morar no meio de nós, cheio de amor e de verdade. Vimos o seu poder divino que é próprio do Filho único de Deus Pai. (Jo 1:14).

7. As religiões apenas resultam na expulsão do Reino de Deus (Ap 21:8), pelo contrário, o “Evangelho de Jesus Cristo é uma força de Deus para salvar todos os que crêem” (Rm 1:16).

10. As pessoas sem Evangelho: salvos ou perdidos?

As exposições dos capítulos anteriores mostraram que apenas existe salvação para aqueles que aceitam o Evangelho. Está definida, sem dúvida, a situação para o resto que não o aceita porque a palavra de Deus é eficaz e mais cortante que uma espada de dois gumes, separando os perdidos dos salvos. Fica uma pergunta inquietante: Então e aqueles que nunca chegaram a ouvir o Evangelho e, por isso, tomaram o caminho para uma religião (ver definição **D1** no cap. 4.2)?

Se existir esperança para os pagãos, também terá de haver uma expressão na Bíblia porque “também o Senhor Deus não faz nada sem primeiro revelar os seus planos” (Am 3:7). Nós confirmamos que existe uma grande quantidade de doutrinas de salvação não bíblicas que saem do caminho descrito nos capítulos 5 até 8. Ficaríamos satisfeitos se Deus nos tivesse aberto mais possibilidades, porque assim poderíamos dar mais alguma consolação e o trabalho missionário não feito pesar-nos-ia menos. Assim temos de comprovar as possibilidades algumas vezes sugeridas, se a Bíblia apoia essas doutrinas e o que são apontamentos humanos, quer dizer, componentes especulativas.

10.1 Pregação no reino dos mortos: Uma oportunidade posterior?

Existe uma opinião forte que diz que haverá mais uma pregação do Evangelho aos mortos. Depois têm a possibilidade de tomar uma decisão que talvez não tivessem tido em vida ou que a tivessem rejeitado. De *Johann Christoph Blumhardt* conta-se que, como padre, pregava aos mortos na sacristia da sua igreja. Alegadamente, como base dessa doutrina listam duas passagens do Novo Testamento: Ef 4:8-10 e 1Pe 3:18-20. No seguimento deste trabalho não podemos explicar em pormenor estes dois difíceis textos. O leitor interessado pode ler algumas expli-

cações no anexo deste livro. Basta citar aqui a passagem principal de Hebreus 9:27: “Está determinado que os homens morram *uma só vez* e que depois sejam julgados por Deus.” Em nenhum lado a Bíblia fala de pregação do Evangelho aos mortos.

10.2 Reconciliação universal: Salvação sem exceção?

Segundo a doutrina da reconciliação universal, por fim todos serão salvos. Enquanto Jesus diz que o caminho largo leva à perdição, a doutrina da reconciliação universal afirma que o caminho do homem conduz à vida eterna, mesmo atitudes de negação em relação a Deus ficarão sem consequências. Jesus diz sobre *Judas*: “Seria melhor para esse homem não ter nascido” (Mt 26:24). Iria Jesus dizer isso se *Judas* tivesse uma eternidade à sua espera no Céu? Na tradução exacta deste verso diz o Senhor ao traidor “Seria bom para *ele* se não fosse nascido, este homem!” Mas os universalistas traduzem de tal maneira: “Seria bom para Ele (Jesus!) se não fosse nascido, aquele homem (Judas!). Com uma mínima modificação (escrever “Ele” em letra maiúscula), troca-se o significado. O apóstolo João testemunha com rigor: “Aquele que acredita no Filho tem a vida eterna. Quem não acredita no Filho, não tem parte nessa vida mas sofre o castigo de Deus” (Jo 3:36). O Senhor Jesus fala sempre de dois lugares eternos, convidando para o Céu (p. exp. Mt 7:13-14; Lc 13:24; Lc 14:16-24) e avisa com vigor do lugar da perdição (p. exp. Mt 5:29-30; Mt 7:21-23; Mt 10:28; Mt 18:8; Mc 9:47-48; Lc 16:19-31).

Os representantes da reconciliação universal utilizam argumentos que se adaptam facilmente às ideias humanas quando dizem que não é justo condenar o homem para toda a eternidade se “apenas” pecaram no tempo. Aqui temos de ter atenção: Quem és tu, ó homem, para discutir com Deus? (Rm 9:20). Só Deus nos pode transmitir a gravidade do pecado diante Dele. *René Pache* diz a esse respeito [P1]: “A queda de *Adão* no pecado e a cruz de Cristo são acontecimentos limitados no tempo mas com consequências eternas.”

O sistema de interpretação na doutrina da reconciliação universal desempenha um papel contrário sobre o significado da eternidade, interpretam-no como período de tempo limitado. No texto básico do Novo Testamento, para o adjectivo “*eterno*” está a palavra “*aionios*” (ou “*aidios*”). Mesmo que, no contexto do Novo Testamento, hajam significados que se devem compreender como limitados num certo tempo (p. exp. Lc 1:70: “... como falou antes do tempo ...”), em geral tem o sentido da eternidade. René Pache [P1] observa que a palavra “*eterno*” se aplica 64 vezes em realidades celestiais (p. exp. o Deus eterno, o reino eterno, a vida eterna, a gloria eterna) e, em sete vezes, a mesma palavra está em contexto com a condenação (p. exp. fogo eterno, castigo eterno). Em Mateus 25:46 o Senhor Jesus utiliza o mesmo adjectivo para a *vida eterna* e para o *castigo eterno* e, em ambos os casos, dá o mesmo significado de eternidade. A reconciliação universal reduz a eternidade do inferno a um castigo de duração limitada aplicando, para casos desses, o termo de éons finitos. Avisamos que é muito perigoso querer interpretar a Bíblia de tal forma.

A doutrina da reconciliação universal proporciona a falsa segurança às pessoas de que, no final e independentemente da fé, todas serão salvas. Ela dispensa os cristãos da sua obrigação pessoal de testemunhar e desvaloriza o empenho dos evangelistas e missionários como sacrifícios superfluos. Tira a gravidade à perspectiva eterna do homem. A Bíblia diz-nos que o juízo final é definitivo e irrevogável, tem carácter eterno. Existe um “tarde demais”! Deus rejeitou Saul por causa da sua desobediência (1 Sm 15:23). Deus não revogou este juízo, apesar de Saul ter pedido perdão (1 Sm 15:24-26).

Tentações: A *imagem 16* ilustra a astúcia do diabo, o pai da mentira, o mentiroso desde o início, o adversário que “anda à vossa volta como um leão a rugir, procurando a quem devorar” (1Pe 5:8). O método básico da tentação “será que Deus terá dito?” (Gn 3:1) nunca foi modificado desde a queda do homem mas o modo de ataque é individual para cada um. Tam-

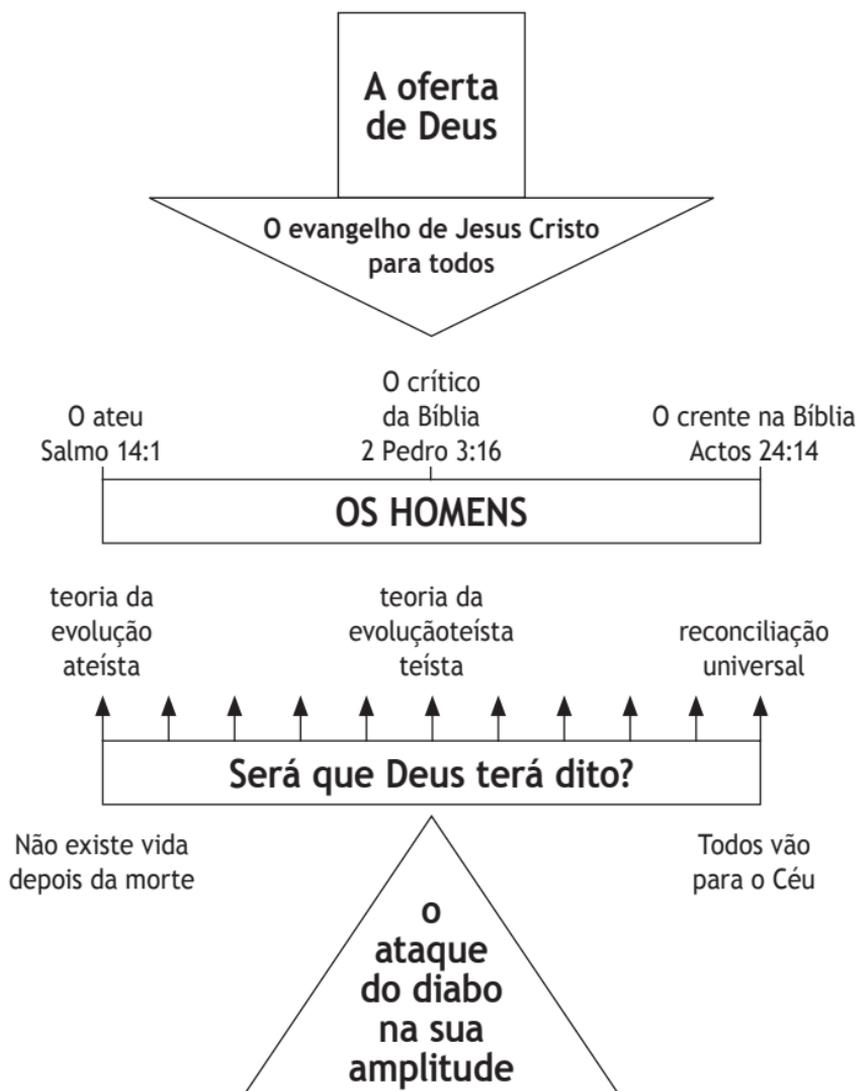


Imagem 16: *A situação do homem na amplitude da impiedade até à fé bíblica. O Evangelho salvador é oferecido a todos e todos se encontram na tentação “será que Deus terá dito?” O homem tem a liberdade da escolha.*

bém Jesus foi tentado pelo diabo. No caso de Jesus, o diabo tentou, entre outras coisas, desafiá-lo na sua qualidade: “Se és o Filho de Deus ...” (Mt 4:3+6). Somente Jesus resistiu à tentação baseando-se firmemente na Palavra de Deus “A Escritura diz!” Assim, o diabo tem um método especial para tentar cada pessoa:

- os crentes, de forma piedosa e às vezes ímpia, incitando a carne natural e religiosa
- os não crentes, para os manter no caminho da perdição e dar-lhes diversão e tentação
- os pagãos, anima-os a seguir a sua idolatria
- os ateístas, apoia-os na sua impiedade por meio de doutrinas correspondentes (p. exp. existencialismo, niilismo, filosofia natural, evolucionismo).

Aos **crentes na Bíblia**, o diabo não a pode tirar, por isso aplica aqui outra tática: a Bíblia tem validade no seu todo, mas o sentido da Palavra sofre uma mudança ou é posto ao contrário. Já no pecado original se pode ver esse princípio claramente. O diabo nunca cita a Bíblia correctamente. Deus deu ao homem autoridade sobre a total criação (Gn 1:28-30), inclusivamente todas as árvores do jardim de Éden (Gn 2:16). Todas excepto uma, a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2:17). O diabo modifica, então, o significado para o contrário e em forma de pergunta: “Com que então Deus proibiu-vos de comer do fruto de todas as árvores do jardim?” (Gn 3:1). O diabo é um crítico da Bíblia por excelência. Assim, é de grande importância prestar atenção nestas situações. *Schirrmacher* aponta [S5,126]: “Se os cristãos pensarem que a atitude a respeito da Bíblia não é uma pergunta de necessidade de salvação, não se dão conta que a sua salvação *só* se encontra na Escritura e que a Palavra de Deus irá ser o nosso juiz sobre a salvação e a perdição! Crítica à Bíblia é uma ofensa de lesa-majestade e é completamente indiferente que se trate de dúvida directa, de obras práticas contrárias às Bíblia ou de métodos religiosos de acrescentar a Bíblia, modificar o seu sentido ou de tentar controlá-la. Crítica bíblica não é um crime de colarinho branco!”

Aos **críticos da Bíblia**, o diabo já roubou partes dela ou completamente. Eles confiam mais nas próprias teorias que na Palavra de Deus. Eles próprios se autorizam a corrigir essa Palavra, criticar, demitologizar e esvaziar. Eles desobedecem à Palavra de Deus (1 Sm 15:23). A essa construção de ideias pertence, p. exp., *a evolução teísta* [G2] segundo a qual o homem deve procurar os seus antepassados no reino dos animais. Eles não marcam a morte como pagamento do pecado, mas sim como um factor necessário à evolução que serve para um desenvolvimento superior. Segundo eles, o “método histórico/crítico” é uma entrada apropriada para a Bíblia. Eles agregam acontecimentos centrais, que a Bíblia nos conta como factos históricos, ao domínio da mitologia, como p. exp., o pecado original das primeiras pessoas, Jonas na barriga do peixe ou a ressurreição corporal de Jesus Cristo.

Aos **ímpios**, o diabo desvalorizou a Bíblia como um livro sem significado. Atribuem-lhe, no melhor dos casos, um certo valor literário, mas negam-lhe a força de Deus. Assim pegam, por exemplo, na oferta da teoria da evolução e pensam ter, com ela, respondido à pergunta, para nós todos super-interessante, da nossa origem e o significado e objectivo deste mundo. *Paulo* diz que este mundo tentador “cegou os seus entendimentos. E assim, a luz maravilhosa do Evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não pode brilhar para eles” (2 Co 4:4).

Aos **pagãos sem evangelização**, o diabo dá religiões em grande abundância. Ele prende-os na fé em espíritos e idolatria para que as pessoas não deixem de adorar os demónios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira que não podem ver, ouvir nem andar” (Ap 9:20).

10.3 A graça de Deus: Alcance sem limitação?

Existem muitas pessoas que, sem culpa própria, nada ou só de uma maneira desfigurada, ouviram alguma coisa sobre Jesus Cristo. Muitos, por isso, fazem a pergunta de como Deus pode

condenar aqueles que nunca estiveram completamente ao alcance do Evangelho? Não, é assim o seu argumento, a porta não pode estar para sempre fechada para aqueles que nunca ouviram o Seu nome. A graça de Deus tem de alcançar aqueles lugares mais além, onde o Evangelho chegou.

O missionário *G. D. Ladds* dá a seguinte resposta a esse assunto [S1]: “Não, nós não fechamos a porta à força aos milhões de pessoas que nunca ouviram o nome de Jesus Cristo ... Mas apontamos que só a cruz e a ressurreição nos podem salvar. Continuamos a apontar que nenhuma religião não cristã tem a verdade salvadora. Mas é possível salvar corações de pessoas que nunca ouviram o Evangelho e que apenas se dirigiram a Deus e, assim, buscaram a vida eterna”. *Ladds* acha possível que Deus deixe essas pessoas fazer parte da salvação por Jesus Cristo. Não se sabe é a quantas.

Esta última opinião parece ter mais fundamento bíblico que a reconciliação universal. A graça de Deus tem alcance sem limites (Sl 108:5), quer dizer, tanto nos podemos converter a bordo de um foguetão como a 1000 m de profundidade de uma mina, mas aquele que a rejeitar (“insulta”, Hb 10:29-31) não encontra aproveitamento. Em Jesus, a graça de Deus manifestou-se pessoalmente (Tt 2:11) e nele se realizou por completo à medida do alcance da graça: “Quem tem o Filho de Deus, tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida” (1 Jo 5:12). Se modificássemos esta marca de aferição, faríamos de Deus um mentiroso (1 Jo 5:10).

Notemos: Da nossa parte, não devemos, não podemos nem queremos pôr limites à misericórdia de Deus. A graça de Deus deve ser, com certeza, maior do que podemos imaginar, mas não maior do que a Escritura testemunha porque a Palavra de Deus permanece inviolável, tanto no juízo como na graça.

10.4 Os pagãos no juízo final: critérios de apreciação

Pagãos a quem não lhes foi transmitida a mensagem da Bíblia têm, segundo a *imagem* 8, três fontes de reconhecimento: A **criação** (Rm 1:20), a **consciência** (Rm 2:15) e a **noção de eternidade** (Ec 3:11). A criação testemunha que Deus existe e a consciência, a voz interior que Deus nos deu, diz: isto é certo e isto é mau. Quando o homem faz algo que não está certo, a consciência cria em nós um sentimento de culpa e condenação. No seu livro “Eternidade no coração” [R1], *Don Richardson* comprova que os povos têm conhecimento de uma vida depois da morte. Assim, Deus não deixou os pagãos sem conhecimento (At 14:17). Actividades contra a consciência são pecado. Quem pecar com insistência insensibiliza a consciência cada vez mais. Até ao ponto da consciência morrer e ser incapaz de reagir. Existem pessoas assim, têm de tal forma o costume de mentir que são incapazes de reconhecer esse grande defeito.

Vivem, então, os pagãos com base na sua consciência? O poeta romano *Q. H. F. Horaz* (65–8 a. C.) testemunhou: “Eu vejo um caminho melhor mas sigo o pior.” O conhecido missionário na China *Hudson Taylor* (1832–1905) apontou, ao fim de uma vida cheia de experiência com pagãos chineses, que não encontrou nem um que dissesse que viveu totalmente de acordo com o seu reconhecimento. Esta situação também foi descrita por *Paulo* em Romanos 3:

- Todos estão debaixo do pecado
- Não há um que seja justo
- Não há um que tenha entendimento
- Não há um que pergunte por Deus
- Todos se desviaram
- Todos são inúteis
- Não há um que faça algo de bom
- Não há temor a Deus diante deles

Assim estão todos os pagãos, tal como todas as pessoas demasiado desviadas de agir de acordo com os seus conhecimentos. O conhecimento da existência de Deus e a realidade da sua consciência responsabiliza-as pelas seus actos. Queremos, então, considerar o critério que a Escritura nos manifesta, segundo o qual Deus nos vai julgar um dia. O principal princípio é: “A verdade é que Deus não pratica o mal e nunca distorce a justiça” (Jó 34:12).

À medida do conhecimento: Está claro que os pagãos que nunca tiveram conhecimento do Evangelho têm menos responsabilidade que aquelas pessoas que receberam a luz do Evangelho. Mas aquele que ouviu a mensagem tem uma situação diferente: ele teve a possibilidade de salvação. Para quem não aceitar essa oportunidade, o juízo será mais grave. O Senhor diz em Lucas 12:48: “Porém, o empregado que, sem saber, fez coisas erradas será menos castigado. A quem muito foi dado, muito se exigirá e a quem muito for confiado, mais ainda se pedirá.” Jesus fala de graus diferentes de juízo. Também *Paulo* faz uma diferença entre aqueles que pecaram “*debaixo* da lei” e aqueles que pecaram “*sem* a lei”. Deus julga sem considerações pessoais e tem em conta todas as circunstâncias atenuantes.

À medida das obras: Deus tem conhecimento das obras de todos e “dará a cada um conforme as suas obras” (Rm 2:6). Obras são as que foram feitas (Mt 25:34-40), assim como aquelas que se deixaram por fazer (Mt 25:41-46). As obras das pessoas estão escritas nos livros de Deus e representam a base de apreciação no juízo de Deus aos não crentes (Ap 20:12-13).

Sem considerações pessoais: Nós julgamo-nos a nós próprios com diferentes medidas: segundo a proveniência, a educação, a reputação vista pelos outros, os títulos e dignidade, os seus bens, a popularidade, a nacionalidade e até mesmo a pertença a uma igreja. Todos estes critérios não existem para Deus; o princípio válido é “*sem considerações pessoais!*” (1 Pe 1:17; Rm 2:11; At 10:34).

Em justiça: O Senhor é o juiz justo (2 Tm 4:8). Em Apocalipse 16:7 lemos: “Na verdade, Senhor Deus todo-poderoso, as tuas sentenças são verdadeiras e justas!”

Em muitas oportunidades do dia-a-dia as pessoas estão divididas em dois grupos. Na seguinte lista queremos mostrar:

Comboio:	fumadores e não fundadores
Piscina:	nadadores e não nadadores
Desporto:	vencedores e vencidos
Trabalho:	trabalhadores e patrões
Médico:	saudáveis e doentes
Demografia:	homens e mulheres
Polícia de trânsito:	com carta de condução e sem carta de condução

No juízo de Deus também vai haver uma divisão da humanidade em dois grupos mas de acordo com outras categorias:

Bom e mau	sem meio-termo
Luz e escuridão	sem meia-luz
Salvos e perdidos	sem semi-salvos
Filhos de Deus e filhos do diabo	sem neutros
Pecadores perdoados e pecadores sem perdão	sem estado intermédio
Herdeiros do Céu e perdidos do inferno	sem purgatório
Justos e injustos	sem medida intermédia
Abençoados e malditos	sem semi-abençoados

O escritor irlandês *C.S. Lewis* fixou-o pela seguinte fórmula [L3,64]: “No fim só existem duas classes de pessoas: aqueles que dizem a Deus ‘Seja feita a Tua vontade’ e aqueles a quem Deus dirá no fim ‘Seja feita a tua vontade’.” Embora a Bíblia descreva claramente a divisão do destino eterno em duas partes, existem também várias subdivisões para os salvos, assim como os perdidos:

Salvos: O Senhor Jesus fala do menor e do maior no Reino dos Céus (Mt 5:19). Uns são salvos mas “poderão salvar-se como quem passa através do fogo” (1Co 3:15) porque a sua vida, apesar da salvação, ficou vazia e sem frutos para Deus, e as suas vaidades e fachadas da vida (“madeira, feno, palha”) não resistiram ao fogo purificador do juízo, sem valor para a eternidade, para Deus. Para os outros é válido: “Os governantes sábios resplandecerão na limpidez do céu. E muitos dos que ensinaram o povo a ser fiel cintilarão para sempre como as estrelas” (Dn 12:3). Cada um receberá a recompensa conforme o seu esforço (1Co 3:8; 1Co 3:14; Ap 2:10; Ap 3:21; etc). Esse aspecto vê-se com clareza na parábola de rendimento dos nossos dons (Lc 19:11-28). Enquanto a “glória” do Reino de Deus tem diferenças, a “felicidade” (a salvação) é para todos igual. Este último aspecto é-nos ensinado pelo Senhor na parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20:1-15).

Perdidos: Também na perdição há diferentes graduações. O Senhor Jesus revelou-se como Filho de Deus de uma maneira especial nas cidades de Corazim e Betsaida mas as pessoas não se arrependeram. Então pregou-lhes o juízo. Em relação às pessoas que não ouviram a chamada para o arrependimento, a estas vai-lhes acontecer um juízo mais duro: “Se os milagres que em vós se fizeram, tivessem sido feitos nas cidades de Tiro e Sidón, há muito que os seus habitantes se tinham arrependido vestindo-se de luto e com cinza na cabeça. Por isso vos digo: no dia do juízo, haverá mais tolerância para Tiro e Sidón do para que vós” (Mt 11:21-22). Também os habitantes de Sodoma vão ser tratados com resultado diferente dos de Cafarnaum. Um castigo ainda maior está à espera dos doutores de lei e dos fariseus fingidos (Mt 23:13-33). O juízo sobre um assassino múltiplo será diferente do de um cidadão “ordinário” (normal) que também pouco teve a ver com Jesus. E as pessoas que ouviram o Evangelho e não o aceitaram também têm uma outra posição que os pagãos que nunca o ouviram.

10.5 Quando os pagãos se perdem: Qual a razão?

Quem ouvir a mensagem do Evangelho e não a aceitar está perdido na mesma. Encontra-se, por natureza, na mesma posição que *todas as outras pessoas*:

- “mortos por causa das vossas culpas e pecados, filhos da irritação por natureza, no mundo sem esperança e sem Deus” (Ef 2:1+3+12)
- por baixo do “poder do diabo” (At 26:18)
- vivendo na escuridão (At 26:18)
- “sem perdão” (At 26:18)
- “sem parte da herança” (Ef 5:5)
- “o que não acredita já está condenado” (Jo 3:18)

Quando se trata de responder à pergunta sobre os pagãos que não ouviram o Evangelho, não podemos deixar estas declarações sem consideração. Então, os pagãos estão perdidos por

- viverem num país sem alcance ao Evangelho?
- não terem ouvido o Evangelho de nenhuma forma?
- não terem a oportunidade de decisão para Jesus Cristo?
- não terem aceitado uma mensagem sem ter conhecimento dela?

A resposta é NÃO! O missionário *J. O. Sanders* dá-nos uma argumentação bíblica [S1,63]: “Se os pagãos se perderem, é pela mesma razão que todas as outras pessoas: por serem pecadores. Todas as pessoas, sejam religiosas ou civilizadas como as que, geralmente, são chamadas pagãs, estão perdidas por serem pecadoras. Toda a pessoa nasce com uma natureza pecadora. ‘Todos pecaram e ficaram longe de Deus’” (Rm 3:23).

A “*peessoa natural*”⁴, sendo um pagão selvagem ou morador num mundo industrializado, não pergunta pelo Deus vivo com a sua santidade e luz porque a atitude dessa pessoa é: “Deixa-nos em paz! Não queremos saber dos teus caminhos!” (Jó 21:14). Assim o homem começa a formar ídolos à sua imagem, tal como *Goethe* descreve em “*Prometeu*”. Ele segue o caminho de uma religião à sua maneira de querer e pensar. A Bíblia diz-nos sobre isso: “Há caminhos que ao homem parecem rectos mas que, no fim, conduzem à morte” (Pv 14:12). *R. E. Speer* aponta [S1]: “O homem não está numa situação triste por nunca ter ouvido o Evangelho, mas sim por ser homem. São pecadores, não por não terem ouvido o Evangelho. O Evangelho poderia salvá-los, se ouvissem e aceitassem.

O missionário e autor do livro com grande êxito “*Glühende Retterliebe*” – “Paixão de um Amor Abrasador” escreve [S6,109]: “Se os pagãos não se perdessem enquanto não ouvissem o Evangelho, seria melhor deixá-los na sua ignorância. Se fossem condenados só aqueles que rejeitam consciente e voluntariamente Jesus Cristo, seria melhor nunca lhes ter levado a mensagem Dele. Seria muito melhor deixá-los na sua ignorância do que levá-los para baixo do juízo de condenação. Mas toda a Bíblia nos ensina que o homem está perdido sem Jesus Cristo e a única esperança está fundamentada **apenas** no Evangelho. Em todo o caso, está correcto pregar o Evangelho a

4 O Novo Testamento divide as pessoas em três grupos:

1. **psychikos** (grego): É a *peessoa natural* dominada pelos sentidos, quer dizer, a pessoa sensual, psíquica, natural, que nada percebe do Espírito de Deus (Tg 3:15; 1 Co 2:14). Vive nos seus desejos terrestres sem Deus. Não nasceu e não está salva. Todos se encontram naturalmente neste andamento desde Adão. A pessoa natural pode ser sábia, amigável, delicada, eloquente e amiga de ajudar mas o conteúdo da Bíblia fica-lhe escondida.

2. **pneumatikos** (grego): É a pessoa natural renovada pelo renascimento. É a *peessoa espiritual* que está cheia do Espírito Santo e que vive em comunidade intensa com Deus (Ef 5:18-20). Ela é “em Cristo” uma nova criatura, tem vida eterna (1 Jo 5:12), compreende a dimensão espiritual da Bíblia (1 Co 2:15-16) e tem fome da Palavra de Deus.

3. **sarkios** (grego): É a *peessoa carnal*, quer dizer, a que é renovada pela fé mas “quer agora seguir pelas próprias forças” (Gl 3:3). Ela fica uma criancinha em Cristo (1 Co 3:1-4) que apenas sabe aceitar as verdades simples (“leite”) (1 Cor. 3:2).

quem não o conhece porque Jesus disse: “Portanto, vão e façam com que os povos se tornem meus discípulos ... ensinando-as a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado” (Mt 28:19-20).

10.6 As pessoas antes da vinda de Jesus a este mundo: Viveram cedo demais?

Se o Novo Testamento diz claramente que não existe salvação sem Jesus Cristo, coloca-se a seguinte pergunta: O que acontece às pessoas que viveram no tempo do Antigo Testamento? Viveram cedo demais ou foi Jesus que veio atrasado como salvador a este mundo? Aqui, como também já foi referido acima, vale o mesmo argumento: ninguém se perdeu por viver cedo demais, mas sim por causa do pecado e de não obedecer à sua consciência nem à mensagem proclamada por Deus.

Os contemporâneos de *Noé* foram condenados pelo dilúvio por causa das suas maldades. Não ouviram a chamada de Deus: “Não vou proteger o homem por muito tempo” (Gn 6:3). Sobre Sodoma e Gomorra, Deus diz: “As queixas contra Sodoma e Gomorra são numerosas e os seus crimes são muito graves” (Gn. 18:20) e esta foi a razão da sua ruína. E assim Deus também salva quando as pessoas se arrependem, como fez ao povo de Nínive (Jn 3:5-10). Mas qual era a base da salvação no tempo do Antigo Testamento, antes de Jesus Cristo ter adquirido a Salvação no Gólgota. Para podermos compreender a história da Salvação de Deus com o homem temos de seguir o princípio de interpretação que a Bíblia nos mostra:

Sem o Antigo Testamento (ver indicações de Jesus sobre o AT: Mt 21:42; Mt 22:29; Jo 5:39) não conseguimos compreender o Novo Testamento e, sem este (indicações de Deus sobre a nova aliança em Jr 31:31), não podemos pôr os acontecimentos do Antigo Testamento em ordem.

Já depois da desobediência do homem a Deus, lemos sobre as primeiras indicações do futuro Salvador (Gn 3:15). A continua-

ção de promessas sobre Jesus não se interrompe (p. exp. Gn 49:10; Sl 22; Is 53:1-12; Zc 9:9) até ao “Tudo está cumprido” na cruz no Gólgota em que o plano de salvação de Deus se cumpriu. A Bíblia permite-nos uma vista do céu, sobre o qual se encontram testemunhos no Antigo Testamento: “... quando virem *Abraão, Isaac, Jacob* e todos os profetas no Reino de Deus” (Lc 13:28). A sua base de salvação também é a morte de Jesus Cristo, em sacrifício, porque o sangue de touros e bodes nunca poderá perdoar os pecados (Hb 10:4). E, como sem derramamento de sangue, não há perdão dos pecados (Hb 9:22), os sacrifícios de animais na antiga aliança serviam como indicador a Jesus, o Cordeiro de Deus, o sacrifício perfeito e sem mancha. Em Hebreus 9:15 está escrito que, em Jesus, se realizou a herança de salvação da antiga (primeira) aliança: “Portanto, Cristo é mediador de uma nova aliança. Por ela, os que foram chamados recebem os bens eternos que Deus lhes prometeu como herança.”

Paulo também testemunha o efeito abrangente da morte em sacrifício de Jesus: “Mostrou assim como é bondoso. *Outrora* tinha sido paciente e não tinha castigado os pecados dos homens. Agora mostra como põe as pessoas em boas relações com ele, pois Deus é bom e faz com que os que crêem em Jesus fiquem bem com ele” (Rm 3:25b-26). Assim, antes de Cristo, a salvação tornava-se possível do mesmo modo por Jesus se se arrependessem e fossem obedientes a Deus, tal como hoje se realiza. Também em Hebreus 4:2 é-nos referido que, antes da vinda de Jesus, a mensagem de salvação se manifestou para que os homens pudessem decidir: “Na realidade, recebemos a Boa Nova (no tempo do Novo Testamento) exactamente como eles (os que viveram antes de Cristo). Porém, a mensagem que eles ouviram não lhes serviu de nada (para a salvação) porque a ouviram mas não a receberam com fé.”

Em três personagens bíblicas, que viveram em épocas de salvação diferentes, se explica como foram salvas por sua obediência a Deus:

1. Job: No seu tempo ainda não existia a lei de Moisés (os dez mandamentos). *Job* agia de acordo com a sua consciência: “Job ... era um homem bom e honesto, com temor a Deus, e não fazia nada de mal (Jó 1:1). A sua confiança em Deus comprovou-se em tempos de grande aflição: “Deus deu-mo, Deus tirou-mo. Que o Senhor seja louvado!” (Jó 1:21).

2. David: No seu tempo, a salvação era dada ao cumprir a lei e aceitar o perdão. Uma conversão em Jesus ainda não existia mas, mesmo assim, *David* era uma “pessoa do meu agrado” (At 13:22) por ser humilde, se arrepender e voltar à lei depois de falhar.

3. Lídia: No seu tempo, a salvação dependia em aceitar o Evangelho de Jesus Cristo. Visto que a história da salvação é cumprida por Jesus Cristo, só existe um caminho para o Pai (Jo 14:6). *Lídia* tinha temor a Deus, procurava-o e adorava-o mas a nova mensagem ainda era desconhecida. Quando ouviu o Evangelho por Paulo, aceitou-o imediatamente e foi, assim, salva (At 16:14-15).

Estas três personagens bíblicas tinham uma fé amável em Deus. Elas faziam o que Deus lhes dizia no seu tempo e, por isso, foram salvas. A verdadeira base de salvação de todos eles, como acima explicado, está fundamentada em Jesus Cristo.

10.7 Muitos bebês e crianças: Morreram cedo demais?

A Bíblia fala sobre um tempo de paz no reino milenar, no qual todos chegam a uma idade abençoada: “Não haverá lá criança que morra de tenra idade nem adulto que não chegue à velhice, pois será ainda novo aquele que morrer aos cem anos ... nunca mais se hão-de fatigar em vão nem hão-de gerar filhos para os ver morrer porque serão a descendência bendita do Senhor, tanto eles como os seus filhos” (Is 65:20+23).

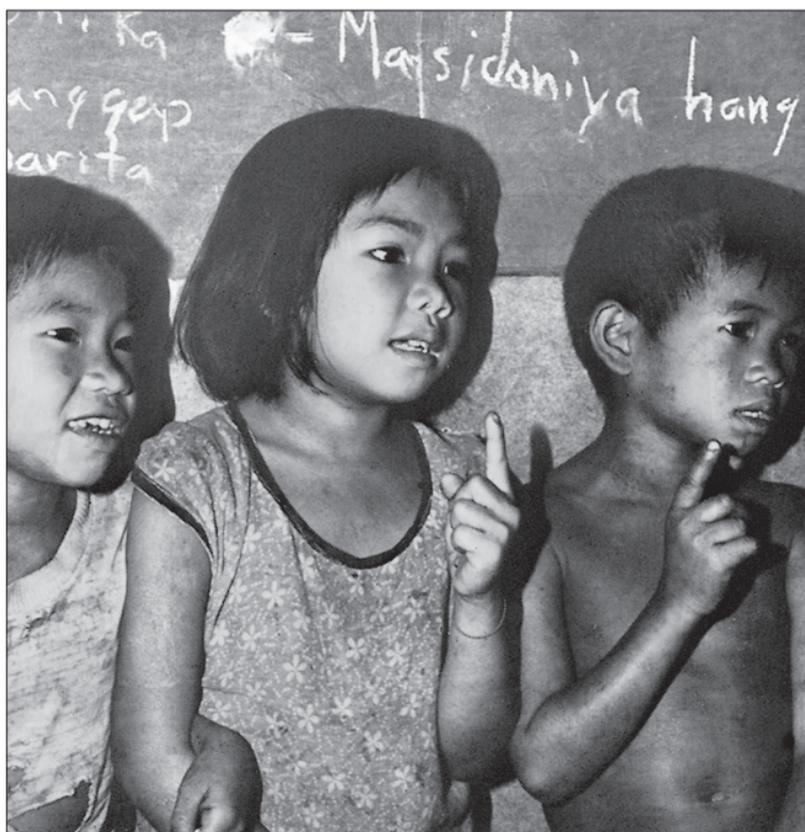


Imagem 17: Mateus 18:14: *Da mesma maneira, o vosso Pai que está no céu não quer que nenhum destes pequeninos se perca.”*

Vivemos presentemente num mundo que é caracterizado por mortes de bebês e crianças antes de chegarem à idade de poder tomar decisões e poder distinguir entre o bem e o mal. Acontece por doença, fome, guerras, acidentes, abortos, quer dizer, por todas aquelas causas de sofrimento existentes no mundo actual.

Onde estão as almas dessas crianças depois da sua morte antecipada? Existia na idade média uma doutrina que dizia que as crianças não baptizadas iam para a perdição. Existe nessa doutrina algum fundamento bíblico? Em primeiro lugar, mais

uma vez será dito que não é o batismo que tem força salvadora, mas sim a fé em Jesus Cristo. O compromisso em relação às crianças, diz-nos o próprio Jesus: “Então, Jesus mandou trazer as criancinhas e disse: “Deixem-nas vir ter comigo! Não as estorvem porque o Reino de Deus é dos que são *como elas*” (Lc 18:16). Foram levadas bebês e criancinhas a Jesus. Os discípulos estavam convencidos que estorvavam o Mestre nas suas pregações. Mas Jesus manifesta de maneira especial as crianças como herdeiros do Reino do Céu. Daí chegamos à conclusão que, crianças falecidas “cedo demais”, estão com o Senhor.

11. Que devemos fazer? Conversão e missão!

A Bíblia diz-nos claramente que não há mais ninguém dado por Deus à humanidade que nos possa salvar (At 4:12). Sem Jesus Cristo não existe esperança. Todas as religiões se cristalizam na luz da Bíblia como invenções da categoria (3) segundo o capítulo 4, quer dizer, lamentavelmente como falso caminho da humanidade. Se qualquer pessoa fosse capaz de ganhar a graça paterna de Deus, não seria necessário o Filho de Deus morrer. O caminho da religião não nos guarda da perdição, por isso, Deus ofereceu a sua solução em vez da incapacidade da humanidade e esse é o único caminho que nos pode salvar da perdição eterna: é o Evangelho de Jesus Cristo! Se nós rejeitarmos o que a Bíblia nos diz sobre o inferno, assim nem podemos chegar a um resultado certo para compreendermos o glorioso Evangelho do nosso Deus, nem dar-lhe o valor suficiente. Também as possibilidades de salvação dadas com boas intenções como na doutrina da reconciliação universal, pregação do reino dos mortos e outros, são semelhantes a cheques com uma soma elevada que simulam um valor extraordinário mas com falta de confirmação de cobertura no banco de câmbios de Deus.

Imaginações humanas ou caminhos de Deus: Em muitas situações somos enganados e não reconhecemos a realidade. Confundimos as próprias imaginações com os caminhos de Deus. Se nos enganarmos na questão da salvação, as consequências serão da maior gravidade. Por isso, a Bíblia também está cheia de exemplos que nos querem guardar do engano, esperanças ilusórias e falsas aparências. Sobre o exemplo de *Naamã*, o comandante dos exércitos do rei Arameu da Síria (2Rs 5:1-27) que encontrou salvação em Israel, o evangelista *Paul Meyer* falou com vigor e avisou sobre as possibilidades de falsas aparências. Vamos considerar sete personagens:

- *Naamã*, o comandante dos exércitos do rei arameu da Síria, gozava de grande prestígio e respeito junto do seu rei e povo. As numerosas medalhas e símbolos de condecorações na sua farda eram um sinal de poder e honra, elogio e popularidade. Aparentemente não lhe faltava nada *mas a aparência engana*: ele era leproso!
- A *israelita* que *Naamã* ofereceu à sua esposa como “oferta especial” e que trouxe de Israel como boa ajudante foi raptada da sua pátria quando era nova. Sem contacto com a sua família e pátria e sem os cultos que tinha com frequência no templo, tem de viver a fazer trabalhos indignos. Nessa situação pensamos que ela talvez se encontrasse cheia de raiva e ódio para com os seus superiores *mas estamos enganados*: cheia de alegria testemunhava o Deus vivo e falava do seu grande profeta, através do qual a ajuda é possível.
- O *rei da Síria* ouve falar das possibilidades de cura através do profeta de Deus e podemos pensar que manda *Naamã* ter com ele *mas a aparência engana*: ele simplesmente confia na sua diplomacia e escreve ao *rei de Israel* para que ele cure o seu comandante. E procura cura no lugar errado.
- *Naamã* vem ao *rei de Israel* em grande cortejo e cheio de ricos tesouros. Ele deveria ficar contente com esta apresentação de cumprimentos, *a aparência engana*: o rei interpreta isso tudo como um ataque contra ele.
- *Naamã* espera de *Eliseu*, o profeta de Deus, que ele ponha as suas mãos sobre ele e que diga uma oração *mas a esperança engana*: *Eliseu* nem se deixa ver. Ele manda um mensageiro à porta para lhe dar um recado incompreensível: para ele se ir lavar sete vezes ao sujo rio Jordão para o seu corpo ficar limpo e são.
- Os *serventes* vêem o seu superior muito furioso por esperar cura através da oração do profeta mas ter agora de fazer

algo degradante. Os serventes estavam habituados a aprovar sempre o que dizia. Parece que os seus serventes aprovam novamente a sua opinião *mas a aparência engana*: eles puseram-se do lado do profeta e tentaram convencer Naamã a fazer o que lhe foi pedido. Parece-lhe lógico pagar uma grande quantidade de dinheiro como condição para a sua cura mas desconfia receber gratuitamente a salvação por um acto de obediência.

- *Gueázi* já é há bastante tempo estudante da lei do grande profeta de Israel. Ele tem os melhores conhecimentos sobre a Sagrada Escritura e sabe o que agrada a Deus. Ele é testemunha do regresso do *Naamã* curado à casa do profeta, a quem quer pagar com dinheiro e bens. Apesar da grande pobreza da escola do profeta *Eliseu*, este deixa-o partir para lhe ensinar uma grande lição: a salvação de Deus é gratuita e baseada em graça; aceita-se na obediência. *Gueázi* devia ter sido o primeiro a compreendê-lo *mas a aparência engana*: Por conta própria, foi a correr atrás da caravana para ver se consegue apanhar alguma da riqueza de *Naamã*. Cobiça e avareza são a sua fatalidade: o juízo de Deus apanha-o com lepra.

Nestes exemplos fica claro que as pessoas são capazes de actuar, em situações diferentes, de forma totalmente inesperada. Muitas vezes estamos convencidos de estar no caminho certo mas a aparência engana. A situação mais trágica é a do homem que pensa ir no caminho de Deus mas encontra-se muito enganado (Pv 16:25). Ele pensa ser crente mas é apenas aparente.

Ele é aquele que:

- se intitula “homem de honra” e, segundo a sua opinião, “actua correctamente e sem temer ninguém”. Gaba-se de nunca ter matado ninguém, nunca ter cometido adultério e, assim, um “Deus de Amor” não o irá condenar. *Mas a apa-*

rência engana, o sermão da montanha reconhece esse comportamento como perdição em justiça própria;

- vive numa segurança feita por si mesmo. Ele até fez muita coisa em nome de Jesus *mas a aparência engana*: a porta para o Céu fica fechada porque, em vez de perguntar pela vontade do Senhor, só se produziu a si mesmo. Por isso, Jesus é obrigado a dizer-lhe: eu não te cheguei a conhecer, *nunca* te conheci (Mt 7:23);
- confessa ter fé em Deus. Se alguém o contrariasse, ele tentaria defender-se com toda a força. *Mas a aparência engana*: ele nunca se converteu e, por isso, está perdido.
- ouviu a mensagem do Evangelho e tem o cristianismo como algo bom. Ele oferece-se para ir imediatamente em missão *mas a aparência engana*: sem conversão, ninguém pode servir o Senhor como missionário. O segundo passo não pode ser feito antes do primeiro.

Somos vencidos facilmente por cálculos errados, por isso vamos analisar a qual dos seguintes grupos pertencemos e como poderemos agir:

O que ainda não está convertido: As palavras de Lamentações 3:40 têm validade aqui: “Examinemos bem o nosso comportamento e voltemos para o Senhor!” A mensagem da Bíblia tem em vista a salvação. Por isso, cada um está convidado a aceitar a salvação de Jesus Cristo. “Por intermédio Dele, todos os que crêem recebem a salvação” (At 13:39). Sobre a pergunta do *carcereiro* “Senhores, que é que eu devo fazer para ser salvo?” (At 16:30), recebe uma só resposta que também para nós tem validade: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo!” (At 16:31). A dedicação a Jesus Cristo em arrependimento e conversão, a fé de coração no Filho de Deus salva da própria perdição e realiza vida eterna. Quem aceitar Jesus Cristo realiza a maior modificação na sua vida, ele passa da mudança

de ponto de vista para a mudança de direcção. Sobre o *carcereiro* e a sua nova situação, lemos: “Tanto o carcereiro como a sua família ficaram muito contentes por terem acreditado em Deus” (At 16:34). Se não formos crentes, a palavra de Jesus para nós é: “Então vai e faz o mesmo!” (Lc 10:37).

O convertido: Se somos pessoas convertidas, Deus confiou-nos a maior e mais bela missão que pode existir: Então “somos mensageiros em nome de Cristo” (2 Co 5:20). Este serviço caracteriza-se por três coisas:

a) **Agradecimento pela salvação no Gólgota:** Visto que fomos salvos, não podemos deixar de agradecer e ganhar outras pessoas para a fé. Pessoas que têm razão para agradecer a Deus trabalham de maneira diferente daqueles que pensam não ter nada para agradecer. As possibilidades são diferentes para cada um de nós mas Deus quer utilizar todos.

b) **Serviço por amor:** Todo o serviço no Reino de Deus só pode ser feito em pleno poder no amor por Jesus Cristo (Jo 21:16). Tudo o que seja feito para o Senhor tem de ter esse amor como motivação.

c) **O serviço de mensageiro é uma ordem de Deus:** o Senhor chamou-nos para colaboradores: “Nós somos companheiros de trabalho ao serviço de Deus” (1 Co 3:9). O que significa esta colaboração? O comitente e o colaborador estão em relação de dependência um com o outro. O outro não pode sem mim e eu não posso sem ele. Uma coisa é certa: Nós nada podemos sem Deus. Será que, por outro lado, também é assim: Deus não pode sem nós? É para nós inconcebível pensar que o Deus todo-poderoso seja dependente do homem. Será que ele necessita da nossa colaboração? Deus não necessitou do homem para criar do nada o universo imensamente grande apenas com a sua poderosa palavra (Hb 11:3); e criou a vida mas colocou o homem para preencher a terra, para a guardar e dominar. Deus cumpriu **sozinho** a obra de salvação. Jesus esteve

na cruz com todo o abandono de Deus. Ele levou **sozinho** o pecado do mundo e cumpriu a salvação mas agora utiliza-nos como colaboradores para transmitir a todos a mensagem da salvação (Mt 28:19-20; Mc 16:15-16; At 1:8).

O que nós (com a ajuda Dele!) não fazemos, fica por fazer porque:

“Mas como poderão chamar por aquele em quem não acreditam? Ou como podem acreditar se não ouvirem falar dele? E como hão-de ouvir se não há quem lhes anuncie a boa mensagem?” (Rm 10:14).

“Assim, a fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Num prospecto dos tradutores da “*Bíblia-Wycliff*” está o seguinte diálogo entre um índio e um missionário que nos devia dar que pensar:

“Quando eras um menino, já sabias de Jesus Cristo?” perguntou-me o índio.

“Sim”, respondi ao índio.

“Então já o teu pai tinha conhecimento?”

“Sim”.

“E o teu avô?”

“...”

O índio guardou algum tempo em silêncio.

Por fim diz ele:

“Meu pai e meu avô também teriam gostado de ter conhecimento. Porque vieram só agora?”

Nós somos seus colaboradores, seus mensageiros, seus encarregados. Ele dá-nos a sua força, Ele dá-nos motivação com o seu amor e dá a vontade de salvação àqueles que estão perdidos. Deus não utiliza anjos ou outros seres para espalhar o Evangelho. Segundo o seu desejo, esse encargo foi-nos entre-

gue a nós. É o maior encargo que alguma vez foi dado ao homem.

Quando visitei a muralha da China durante uma viagem ao extremo oriente, fiquei admirado. Essa construção tem aproximadamente 5000 km de comprimento e é o único projecto deste mundo que pode ser visto da lua a olho nú. Foi um imperador chinês quem deu a ordem de construção. Depois de mais ou menos um século estava terminada a obra que se encontra apenas na fronteira norte. Hoje em dia, o muro não tem significado nenhum, é apenas uma atracção turística.

Totalmente diferente é a ordem de Deus:

- **É a ordem com a maior extensão:** Ela tem início no nosso próximo e tem validade até ao fim do mundo. Em todo o lado existem pessoas que precisam do Evangelho. Seja onde for, dentro do país ou no estrangeiro, somos também mensageiros de Cristo. Nós temos a possibilidade de testemunho vivo como “carta de Cristo” (2 Co 3:3), diálogos pessoais ou literatura espiritual que possamos receber. (Também é possível pedir literatura em língua estrangeira nos centros de missão.)
- **É a ordem com maior duração temporal:** Nunca foi formulada uma tarefa de tal dimensão temporal como a pregação do Evangelho. Enquanto a terra existir, Deus irá enviar pessoas com a sua mensagem. Nas palavras da ceia do Senhor diz-se: “Estão a anunciar a morte do Senhor até que Ele venha” (1 Co 11:26). Só a segunda vinda do Senhor anulará a ordem da missão.
- **É uma ordem com efeitos eternos:** As ordens humanas são marcadas pela sua transitoriedade. O que chegou a ter grande importância passa a ter um significado mínimo após algumas gerações ou, às vezes, depois de alguns anos e chega até a ser esquecido. Totalmente diferente é o Reino

de Deus. Até um copo de água fresca que demos em nome de Jesus a um discípulo tem importância eterna (Mt 10:42). Maior será a felicidade se tivermos contribuído para que pessoas encontrem o caminho para a casa do Pai.

Todos os serviços são importantes. A Bíblia mostra-nos isso com exemplos na agricultura e construção: lavrar, semear, plantar, regar, fazer a colheita, construir fundamento, construir, unir. É dada uma mão cheia de actividades onde podemos aplicar os nossos talentos. Não devemos fazer esse serviço com desmazelo (Jr 48:10), Deus espera a nossa disponibilidade em entrar em acção com toda a nossa personalidade e com todos os meios que temos à nossa disposição. O missionário e investigador de África *David Livingstone* (1813–1873) testemunhou sobre si: “O que tenho e for meu só deve ter valor para mim se servir à extensão do Reino de Deus.” Todas as capacidades, actividades e possibilidades são precisas. Deus procura a nossa fidelidade e também a nossa criatividade. *Oswald Smith* definiu a nossa actividade com os três “ós” [S6]: oferta, oração, obra. Ou somos dadores para colaborar nas necessidades financeiras das obras missionárias no país ou estrangeiro, ou somos ajudantes praticantes na extensão do Evangelho. Em todo o caso, seria bom que a extensão do Reino de Deus fosse motivação para a oração. Os três “ós” não são ordens de exclusão, mas sim factores complementares.

Karl Lagershausen (comunidade missionária ultramarina) comenta sobre a oração em favor da missão [O1,59]: “A oração que se estende por todo o mundo é muito melhor que dar voltas sobre si mesmo. Como cristãos devemos ser realistas. Eu, por mim, não quero ficar fora da comunidade mundial de oradores.” Ele salienta, em compensação, que a acção pessoal não perde importância: “Dinheiro e orações não são substitutos das obras. Lá fora também se reza. Só depois do sacrifício da vida é que se torna aceitável o sacrifício do dinheiro.”



Imagem 18: *Missão entre os Dumagats na floresta filipina da ilha principal Luzon (missionário Helmut Keller, DMG).*

Se não trabalharmos nessa missão de Deus, tornamo-nos culpados: “Temos hoje boas notícias e ficamos calados. Se esperarmos pela manhã para dar a notícia, Deus vai castigar-nos” (2Rs 7:9).

Se aceitarmos a missão de Jesus neste mundo e a preenchermos com todos os dons que nos foram entregues, podemos ficar contentes à espera do dia da sua gloriosa vinda, quando disser: “És um empregado bom e fiel. Já que foste fiel nas coisas pequenas, eu te confiarei as grandes. Vem tomar parte na felicidade do teu patrão!” (Mt 25:21).

12. O Céu: A nossa meta!

Nos capítulos anteriores ocupamo-nos com a questão de **como** se chega ao céu e **quem** irá para o céu. Compreendemos que a carnavalesca reconciliação universal “Vamos todos para o céu” se apresenta à luz bíblica como grande mentira. Agora vamos ocupar-nos sobre **aquilo** que aqueles que recebem a herança do céu **podem esperar**.

A Bíblia não nos deixa sem explicações sobre o lugar do nosso destino eterno. Ela é a **única** fonte de informações sobre o céu. Também aqui temos de recusar, em primeiro lugar, todas as imaginações humanas antes de tomarmos em atenção a revelação de Deus.

O céu não é:

- a “zona de caça eterna” dos índios
- o “país do céu de prata” dos babilônios
- o “reino dos mortos” ou a “ilha dos bem-aventurados” dos gregos
- a “vida no luxo” dos muçulmanos
- o “reino das sombras dos mortos” dos egípcios
- a “nirvana” dos budistas

Não obstante as múltiplas diferenças – a começar nos povos primitivos até aos povos cultivados – há, na observação de todas as religiões, uma coisa que têm sempre em comum: todas elas têm a percepção da eternidade. Uma pequena história contada por *Richard Wurmbrand* vai-nos dar a entender porquê [W2]:

“Num dia de outono, uma gralha teve uma conversa com uma andorinha jovem. A gralha disse para a andorinha: “Vejo que te preparas para uma longa viagem. Para onde vais?” A andorinha respondeu: “Está a ficar frio. Poderia

arrefecer. Vou para um país de mais calor. A gralha contrariou: “Pensa no teu nascimento. Ainda foi há poucos meses que cá nasceste. Como podes saber que existe um país mais quente no tempo em que aqui está frio?” A andorinha respondeu: “Aquele que me plantou no coração o desejo de um país com clima quente não pode ter-me enganado. Eu tenho fé nele e vou partir.” E a andorinha encontrou aquilo que procurava.”

O homem é mais que uma andorinha! O Salmo 8:6 descreve a situação do homem na ordem da criação de Deus: “Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade.” Mesmo depois da queda do pecado do homem, a percepção de eternidade ficou. Ela está programada em qualquer um de nós, como já nos diz o Antigo Testamento: “Deus fez tudo muito bem e na altura própria. Até colocou a eternidade no coração dos homens mesmo se eles não conseguem compreender a obra que Deus fez, desde o início ao fim” (Ec 3:11). O testemunho dos povos deste mundo confirma esta palavra da Bíblia [R1]. Mas fica muitas vezes apenas uma percepção. As pessoas ilustraram essa percepção com imaginações dentro do seu espaço vital. Para os índios existe, depois da morte, uma zona de caça eterna com um recheio imensamente rico em toda a espécie de caça. A imaginação sobre o céu de *Maomé* é completamente do gosto de um habitante árabe do deserto. Até o revolucionário comunista do norte do Vietname *Ho Chi Minh* (1890–1969) acreditava numa vida depois da morte. Quando o seu testamento foi lido perante a celebridade comunista, encontraram a seguinte frase: “Eu vou para me encontrar com os camaradas *Marx*, *Lenine* e *Engels*.” O poeta do norte da Alemanha *Hermann Loens* (1866–1914) testemunhou, à sua maneira, a percepção da eternidade:

“Eu sei de um país onde nunca estive;
A água corre, é cristalina e clara,
As flores florescem com perfume puro,
E as cores são tão tenras e finas ...

Também canta um pássaro naquele país desviado,
Ele canta uma canção que me é desconhecida;
Eu nunca a ouvi mas sei como é o seu som,
E também sei o que o pássaro me canta;
Ele canta a vida e canta a morte,
A maior felicidade e a mais profunda dor,
Todo o prazer e toda a dor de coração,
O prazer do tempo, a dor da eternidade ...
Chego àquele país desviado e estranho,
Florescerá a marca da vida na minha mão;
Se não, o pássaro apenas cantou a morte,
Cantou-me uma vida amarga e cheia de pena.”

A riqueza real do céu está bastante longe da nossa capacidade de imaginação, por isso, *Paulo* escreve sobre o conhecimento divino: “O Senhor preparou para os que o amam coisas que nunca ninguém viu nem ouviu (1 Co 2:9). Tanto maior vai ser a surpresa de todo o herdeiro do céu quando vir a passagem do crer para o ver. Quando a *rainha de Saba* viu a riqueza e o fausto de *Salomão*, ficou admirada e disse: “Não me tinham contado nem metade” (2 Cr 9:6). Isto ainda tem mais validade para os que seguem Jesus e que um dia irão ver e herdar. Mas Deus abriu-nos com a sua palavra um pouco das portas do céu para podermos ter uma ideia da glória. Alguns pormenores irão seguir-se:

12.1 O Céu: A casa do Pai

Quando o Senhor Jesus explicou aos seus discípulos que ia à frente para lhes preparar o lugar, disse: “Na casa de meu Pai há muitos lugares” (Jo 14:2). O Céu é a moradia de Deus, como a Bíblia nos diz em bastantes passos:

Gênesis 24:7: “O SENHOR, Deus dos Céus.”
Neemias 1:5: “Ó SENHOR, Deus do Céu.”
Salmos 115:3: “Mas o nosso Deus lá do Céu.”
Salmos 115:16: “O Céu pertence apenas ao SENHOR.”
Mateus 6:9: “Pai-nosso que estás nos Céus.”

A morada de Jesus também é o céu: de lá do céu veio para o mundo (Jo 3:13; Jo 6:38) e, depois de ser elevado ao céu, aí novamente recebido (Lc 24:51; At 1:11). No último encontro disse aos seus discípulos que ia para o Pai. No seu regresso, virá de lá para buscar os seus.

A situação do homem é assustadora quando não tem onde ficar, quando lhe tiram o abrigo. Até o filósofo niilista *F. Nietzsche*, que declarou “Deus está morto”, lamentou a falta de uma pátria como ninguém:

“O mundo – um portão
De mil desertos mudos e frios!
Quem o perdeu,
O que tu perdeste, nunca pára.
Agora estás aí pálido,
Condenado à marcha de Inverno,
Semelhante ao fumo,
À busca de céus cada vez mais frios ...
Pobre daquele que não tem pátria!”

Mesmo se alguém juntasse todos os tesouros e riquezas do mundo e possuísse honra, títulos e dignidade e se preparasse com tudo isso, no fim não lhe ficaria nada. Nada consegue encher o coração, ele fica vazio, mesmo com todos os tesouros terrestres, enganado e sem pátria, se não tiver encontrado Jesus no seu meio. Deus instalou-nos uma pátria no coração. A pátria final está em Deus. De facto não temos aqui na terra uma morada permanente (Hb 13:14). Somos “peregrinos e forasteiros” (1 Pe 2:11) neste mundo porque somos cidadãos do Céu” (Fp 3:20). O Céu é a nossa pátria eterna. É o lugar da vida eterna, a morada dos salvados. O Céu é onde Jesus está. O desejo expresso de Jesus é: “Onde eu estiver também ele estará” (Jo 12:26). Na oração conhecida em João 17, o Senhor pede: “Pai! Que todos aqueles que me deste estejam onde eu estiver para que possam ver a glória que me deste” (Jo 17:24).

12.2 O Céu: O lugar do amor eterno

A natureza de Deus é amor e, por isso, o Céu também é um lugar de amor eterno. *Fé, esperança, amor*, estes são os três desejos centrais de um cristão, “mas o mais importante é o amor” (1 Co 13:13). A *fé* vai terminar quando terminar na visão. Também a *esperança* vai terminar na eternidade porque esta se cumpriu, mas “o amor é eterno” (1 Co 13:8). O maior amor foi realizado pelo próprio Senhor que, sendo Deus, se tornou homem e morreu na cruz em vez de nós, pecadores: “Ninguém ama tanto como aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15:13). Também nos deu o mandamento de amar. O espectro é grande, vai dos irmãos aos inimigos. Ninguém pode ser cristão sem amar Jesus de todo o coração. O Senhor dá-nos um sinal de reconhecimento: “Quem me tem amor, vive segundo aquilo que eu digo” (Jo 14:23). Ele não perguntou a *Pedro* sobre a sua sabedoria nem sobre os seus conhecimentos eloquentes, mas sim pelo seu amor: “Tu amas-me?” (Jo 21:17). As pessoas abandonam muitas vezes aquilo de que gostam mas nunca o que amam. Podem negar aquilo que têm mentalmente por convicção, mas nunca aquilo que têm no fundo do coração. *C. H. Spurgeon* apontou: “Enquanto viverdes, fazei tudo por amor a Cristo. Deixai os dedos actuar por amor, o cérebro por amor, os olhos por amor, as mãos por amor, lutem com amor, orem com amor, falem com amor, vivam com amor.”

O céu é um lugar de amor perfeito. O próprio Deus é o amor em pessoa e ele vai preencher todo o Céu com o seu amor. Uma vez perguntaram a um menino o que seria o céu. Ele reconheceu bem e disse: “O lugar onde todos se amam!”

12.3 O Céu: Nada mais por baixo da maldição

Este mundo caracteriza-se pelas consequências da queda do pecado, no outro lado “nunca mais haverá maldição” (Ap 22:3). Tudo será perfeito (1 Co 13:10) e nada mais vai recordar o abismo do pecado. O próprio Deus vai fazer tudo de

novo: “Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos e já não haverá mais morte nem luto, nem pranto, nem dor. Tudo isto desapareceu” (Ap 21:4). Todas as coisas que nos incriminam desaparecem. Ali haverá verdadeiramente vida preenchida. Ali não haverá nada que nos falte. Não haverá nada que se tenha de modificar ou melhorar. Tudo é perfeito. Os relógios deixam de nos perseguir e jamais nos recordarão do tempo que está a passar. O tempo para na eternidade. A pergunta “onde está Deus?” já não é feita porque Deus estará no meio de nós. Cépticos deixam de existir porque a fé se transforma visão em autêntica. Vamos ver Deus cara a cara. Deixa de existir medo do futuro porque o futuro vai ser o presente eterno. A consolação deixa de ter utilidade porque todos os aflitos são pessoas com alegria. A morte apenas nos tira um ligeiro sorriso porque a morte está vencida. Não existem gritos porque não há ninguém que sofra. Não existe pecado, a origem de todo o sofrimento e dor. A nova criação não vai ter rasto de pecado. Não haverá necessidade de fechar os portões da cidade porque os ladrões deixam de existir. Não existe polícia nem serviço de investigações, nem prisões, nem cadeados e fechaduras. Não existem agências funerárias nem campos porque todo o morador tem a vida eterna. Não existem médicos nem clínicas porque bactérias, febre, epidemias e doenças são desconhecidas. Não existe a cruz vermelha nem serviços de urgência e cirurgiões porque os acidentes, catástrofes naturais e guerras acabaram. Não existem sociedades destrutivas porque lá não se conhecem alcoólicos nem drogados ou fármaco dependentes. Não há mendigos nem cegos, nem mudos, nem surdos, nem paralíticos. Não existem complicações de línguas nem diferenças de raças e níveis de cultura, nem inimizade, nem egoísmo e nem avareza porque vamos ser iguais a Ele, porque vamos vê-lo tal como Ele é” (1 Jo 3:2).

Que país! Não nos agarra a saudade e a nostalgia?

12.4 O Céu: Uma festa eterna de alegria

Não foi por acaso que Jesus fez o primeiro milagre numa festa de casamento (Jo 2:1-11). A celebração de uma boda é sempre um motivo de especial alegria. Na minha antiga pátria, a Prússia Oriental, festejavam-se os casamentos em três dias e não em apenas um só. O Céu também é uma festa de casamento, mas sem limites temporais. Jesus, o Cordeiro de Deus que levou o pecado do mundo com toda a paciência de um cordeiro, é o noivo e a sua comunidade, a multidão de pessoas salvas de todos os povos, tribos e nações, a sua noiva. Acima de todos está a alegria: “Alegremo-nos, regozijemo-nos e dêmos-lhe glória. Chegou o tempo das bodas do Cordeiro!” (Ap 19:7). Na parábola do filho pródigo lemos: “E começaram com a festa” (Lc 15:24). Essa alegria, no Céu, não tem fim e não podemos imaginar a sua magnitude. *C. H. Spurgeon* disse [S8,150]: “A nossa alegria neste mundo é pouco mais que a maré baixa mas, no Céu, a alegria será como uma maré de águas vivas.” A alegria é aqui fruto do Espírito (Gl 5:22) e *Paulo* avisa-nos, em Cristo, para termos sempre alegria no Senhor (Fp 4:4). A alegria celeste é perfeita e, por isso, incomparável.

Com um olhar para o Céu, toda a dor terrestre derrete: “Julgo que os nossos sofrimentos de agora não têm comparação com a felicidade que depois havemos de ter” (Rm 8:18). Ainda que a tentação e a perseguição nos façam sofrer, a visão da alegria eterna deve dar-nos resistência: “Meus amigos, não fiquem perturbados com as duras provações que surgem no vosso meio como se isso fosse uma coisa estranha. Pelo contrário, alegrem-se por tomarem parte nos sofrimentos de Cristo. Desse modo poderão sentir alegria e felicidade quando Ele manifestar a sua glória” (1 Pe 4:12-13). Felicidade é o clima do Céu; na presença do Senhor, a “alegria é abundante” (Sl 16:11). Que momento maravilhoso quando o Senhor voltar e disser aos seus empregados: “Vem tomar parte na felicidade do teu patrão!” (Mt 25:21). No banquete da boda vai acontecer algo inimaginável:



Imagem 19: “... de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7:9).

Ele vai servir-nos como seus convidados: “O patrão irá convidar-vos a sentarem-se à mesa e será ele próprio quem vos servirá a comida” (Lc 12:37). O Criador do universo e de toda a vida, o Filho de Deus na sua majestade e glória, que tudo fez para nos salvar, agora até nos quer servir à mesa. Quase nem me atrevo a escrever este pensamento mas o próprio Deus o disse.

Na parábola do grande banquete (Lc 14:16-24) o Senhor mostra-nos como se preocupa em encher o banquete com os seus convidados. Todos estão convidados a participar no maior e

mais lindo casamento, a estar à beira de Jesus. Já chegámos a fazer a experiência de querer ajudar alguém e de essa pessoa apenas nos mostrar as costas? Quão pior será negar o convite para a festa de todas as festas! ”Ele então ficou zangado” (Lc 14:21). Todo aquele que não aceitou o convite com mil e uma desculpas, não irá ver o céu. Ficará por causa disso o céu vazio? Não, a mesa da festa de casamento estará *cheia*. O Senhor Jesus descreve os seus convidados como participantes de todos os países: “Mas virão pessoas do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul para tomar lugar no Reino de Deus” (Lc 13:29). Nesta terra, faziam parte muitos povos e raças que agora são membros da família de Deus e que *João* já pôde ver: “Em seguida vi tal multidão, impossível de contar. Eram de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, vestidos de branco, diante do trono e diante do Cordeiro, e tinham ramos de palmeira nas mãos” (Ap 7:9)

A **Sua** hora tinha chegado nas bodas de Caná. Hoje, o Senhor chama-nos: A **tua** hora chegou – de aceitar o convite para o casamento do Cordeiro, a festa da felicidade eterna.

12.5 O Céu: Sol sem pôr-do-sol

O último livro do Antigo Testamento fala do sol eterno:

“Mas para vocês, os que me respeitam, a minha justiça brilhará como a luz do sol” (Ml 4:2).

Esse sol é o próprio Senhor Jesus. A sua vinda gloriosa é para todos os crentes o nascer do sol. Pouco antes desse nascer do sol da eternidade, “o sol ficará escuro e a lua deixará de brilhar” (Mt 24:29). Cumpriram a sua obrigação: “... o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido” (Ap 21:1). O novo surgiu.

A criação actual recebe a sua luz de um sol criado. A luz é absolutamente necessária para a vida. A natureza de Deus é

Luz (1 Jo 1:5), por isso, a luz é uma marca essencial da nova criação. Mas lá já não existe um sol criado, o Senhor será a Luz. *Isaias* anunciava já profeticamente: “Já não será o sol que te iluminará durante o dia nem a lua durante a noite. O Senhor teu Deus será a tua luz, o teu esplendor para sempre. Não mais se porá o teu sol e a tua lua não mais se esconderá porque o Senhor será a tua luz para sempre. E então será o fim do teu luto” (Is 60:19-20).

Nos dois últimos capítulos da Bíblia é-nos revelado finalmente o pensamento de que Jesus não só *foi* a luz do mundo (Jo 8:12), como também *é* a luz da eternidade: “A cidade também não precisa do sol ou da lua para a iluminar. A glória de Deus ilumina-a e a sua lâmpada é o Cordeiro” (Ap 21:23). O Cordeiro de Deus que levou o pecado do mundo ilumina para toda a eternidade como sol da justiça. Temos agora um ritmo programado de dia e noite; lá “não vai haver mais noite” (Ap 22:5).

Carlos V, imperador do império Romano Germânico, foi de 1516–1556, como *Carlos I*, ao mesmo tempo rei de Espanha. Ele conquistou o México e o Peru e fundou assim a raiz do reino colonial da Espanha. O seu reino estendeu-se da América Central até à Espanha. Cheio de orgulho disse:

“No meu reino o sol nunca se põe!”

Apesar de esta declaração ser falsa, o seu reino já deixou de existir. Do Céu do Reino de Deus pode-se dizer realmente: “É o único “país” que se pode chamar: “*sem sol-posto*”.

13. Observação final

Neste livro foi tratado um tema muito discutido nos dias de hoje. Através da possibilidade de viagens internacionais e da intensiva extensão de informações pelos meios de comunicação somos constantemente confrontados com diferentes religiões. Isso dá origem à pergunta: será que todos estes diferentes caminhos das religiões nos levam à salvação e não vão parar automaticamente à eternidade de Deus? Será que Deus não vai reconhecer que todos andaram à procura? A verdade não tem várias facetas?

Lessing inventou a *parábola em anel* (Nathan, o sábio) e criticou, assim, o magnífico e único caminho do Evangelho para Deus. Com esta opinião também concordaram conhecidos representantes das igrejas. A esse propósito apareceu há pouco na “idea-spektum” (H. 12/91 de 20.03.91, pág. 7), o conhecido serviço de informação da aliança evangélica, um relatório com o título: “Encontra-se Deus em todas as religiões?” O autor diz: “O director da academia evangélica de Loccum, *Hans May*, propôs renunciar “à única e absoluta verdade” (do cristianismo) porque nada mais significa que categorias imperia-listas e colonialistas: “Quem somos nós para exigir para nós a única e absoluta verdade?” Em vez de falar de uma “concorrência de verdades” das religiões, queria dizer ... Para o professor de teologia de Heidelberg, *Theo Sundermeier*, todas as religiões pertencem à “comercialização mundial” de Deus. Uma caricatura posta no texto pela “idea” (quatro crianças sentadas a perguntar ao pai) reage com certeza ao ponto de vista anti-bíblico: “Papá, porque somos teus filhos? Deixa de reclamar que somos absolutamente teus filhos!”

Além disso, houve alguns professores “cristãos” que inventaram constantemente caminhos especiais de salvação, deles falámos no capítulo 10. O elemento trágico destas ofertas humanas de salvação, independentemente de virem das reli-

giões ou de serem proclamadas com expressões cristãs, é de nos vermos num engano terrível: estamos convencidos de chegar à vida mas caímos na perdição por causa de ensinamentos falsos e tentadores (p. exp. Judas 4+11).

A nossa tentativa foi a de responder às perguntas aqui tratadas sob a luz da palavra de Deus. A concepção tanto deve servir àqueles que ainda estão à procura como àqueles que estão fixos na fé. Citamos alguns testemunhos fiéis da Palavra mas, muito mais importante, é deixarmos o próprio Deus falar por meio da sua Palavra. O que Deus nos transmite, tentamos sublinhar; e quando está silencioso, temos também de praticar a descrição. Só com a Escritura podemos descobrir a grande quantidade de caras que o engano tem, mas a verdade tem apenas uma. Existem muitos caminhos para a perdição mas só um para a salvação. O diálogo entre Jesus e *Pilatos* (Jo 18:33-38) mostra-nos que a verdade não é de inúmeras caras nem inacessível. Ela é aceitável ou inaceitável na pessoa do Filho de Deus.

O evangelista canadiano *Leo Janz*, que também é conhecido na Alemanha, apontou com rigor em numerosas evangelizações a diferença entre religião e Evangelho:

“Existem milhares de religiões, mas só um Evangelho.

Religiões são invenções do homem, o Evangelho é uma revelação de pensamentos divinos.

Religiões são feitas pelo homem, o Evangelho é uma prenda de Deus.

A religião é a opinião do homem, o Evangelho é a participação de Deus.

A religião é, no geral, a história do homem pecador que quer fazer algo por Deus; o Evangelho explica-nos o que o Santo Deus fez por nós pecadores.

A religião anda à procura de Deus, o Evangelho é a mensagem feliz de que Jesus anda à procura de todas as pessoas: o Filho do Homem veio procurar e salvar os que estavam perdidos.

A melhor religião apenas aponta a necessidade de coisas exteriores mas o Evangelho começa com uma modificação interior.”

Como a salvação do homem funciona, explicámos passo a passo. Não temos direito à salvação; o que nos acontece no Evangelho é pura graça. Por isso não temos direito de criticar, com as nossas normas, os juízos de Deus porque “quem poderá explicar os seus planos e compreender os seus caminhos!” (Rm 11:33). Mas temos como documento inviolável a sua Palavra. Ao leitor será feito o pedido de examinar as nossas afirmações com a ajuda da Sagrada Escritura e que passe a praticar.

ANEXO

Existe uma possibilidade de salvação depois da morte?

Em relação ao capítulo 10.1 queremos examinar duas passagens do Evangelho que, de vez em quando, são utilizadas como prova de que será possível pregar depois da morte.

1. O texto em Efésios 4:8-10:

“Por isso diz a Sagrada Escritura (Sl 68:19): ‘Ao subir ao céu, levou consigo os que estavam prisioneiros e distribuiu dons aos homens.’ Que quer dizer “subiu” senão que antes tinha descido ao mais profundo da terra? Esse mesmo que desceu é o que subiu ao mais alto dos céus para encher o universo com a sua presença.”

Os antigos cristãos já tinham esta declaração como importante e assim está declarado sobre Jesus na *confissão da fé apostólica*:

“... crucificado, morto e sepultado,
desceu ao reino dos mortos,
ao terceiro dia ressuscitado dos mortos,
subindo para o céu ...”

Na passagem citada acima, da carta aos Efésios, não se consegue deduzir qualquer actividade de pregação de Jesus no reino dos mortos. Sobre esse tema não existe nenhuma declaração no texto acima, mas sim sobre a sua vitória imensamente grande: ele passou por tudo, desde a profundidade mais funda até ao cimo do céu, para ocupar o seu domínio sobre tudo. A

carta aos Colossenses 2:15 denomina esta vitória como triunfo sobre **todos** os poderes: “E venceu as autoridades e os poderes. Humilhou-os publicamente e levou-os prisioneiros em sinal de *triunfo*, por meio de Cristo.” Depois da crucificação, o corpo do Senhor esteve três dias e três noites no seio da terra (Mt 12:40). Daquele fundo foi para as alturas. Só ele tem o poder sobre a morte e sobre o mundo dos mortos (Ap 1:18). A sua *vitória* derrotou todo o poder (1 Co 15:55). A Ele foi realmente “dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28:18). Perante este *Rei de todos os reis* toda a gente tem de se dobrar e subordinar. Mesmo os poderes que estão ainda em actividade têm de se rebaixar “para que em sua honra se ponham em adoração todas as criaturas: no céu, na terra e debaixo da terra” (Fp 2:10).

2. O texto em 1 Pedro 3:18-20

Este texto é um dos mais difíceis do Novo Testamento:

“Também Cristo morreu pelos vossos pecados. Ele, que era justo, morreu pelos maus para nos conduzir a Deus. Morreu fisicamente e voltou a viver pelo Espírito. Com a força do Espírito ele foi pregar aos espíritos que estavam prisioneiros, àqueles que outrora, no tempo de Noé, tinham sido rebeldes quando Deus esperava com paciência enquanto se construía a arca. Nela, um pequeno grupo de pessoas, apenas oito, foram salvas pela água” (1 Pe 3:18-20).

1. Introdução: Este texto foi examinado poucas vezes mas, mesmo assim, produziram-se muitas declarações especulativas que querem dizer muito mais do que está escrito. *Juergen Kuberski* [K5] numa contribuição clara confrontou, de modo solícito, cinco diferentes interpretações. Queremos aqui também praticar a mesma discrição que a Bíblia nos impõe. Outra dificuldade é que não existem textos de referência. Assim, também para Martinho *Lutero* ficou alguma coisa no escuro: “Este

é um texto estranho, obscuro, que está aqui no Novo Testamento, que não sei o que *Pedro* quis dizer.”

Podemos assinalar que, no antigo texto grego, foram utilizadas palavras como “foi” (*poreutheis*), “pregou” (*ekeeryxen*) e “desobedecer” (*apeitheetesain*) no tempo gramatical “aoristo” (pretérito indefinido da conjugação grega), quer dizer, trata-se de um acontecimento final do passado. “Espíritos da prisão” são os espíritos dos mortos no mundo dos mortos. Segundo o testemunho da Escritura, não são seres inactivos nem uns “nadas” extinguidos, mas sim realmente existentes, com capacidade de recordar (Lc 16:28) e perceber (Lc 16:23-24). Queremos explicar a interpretação do testemunho geral da Escritura: Ao homem da geração do dilúvio foi pregado com o “*Espírito de Cristo*” (1 Pe 1:11).

2. Pregação pelo Espírito de Cristo: Quando Jesus viveu na terra, Deus falava directamente ao povo sem utilizar alguém como instrumento. Antes e depois desse tempo, pessoas chamadas por Deus actuavam pelo “Espírito de Cristo”. Assim, o Espírito de Cristo estava, tanto nos profetas do Antigo Testamento (1 Pe 1:10-11), como também nos pregadores do Evangelho depois da sua subida ao Céu. Cristo não foi pessoalmente ao povo de Éfeso mas “veio anunciar o Evangelho da paz” (Ef 2:17). Cristo fez isto através de *Paulo* que tinha o Espírito de Cristo. Aos discípulos disse Jesus: “Quem vos escutar é a mim que escuta” (Lc 10:16).

De maneira idêntica foi pregado ao povo desobediente no tempo de *Noé*. Eles ouviram durante 120 anos a chamada do “*pregador da justiça*” para se arrependem (2 Pe 2:5). Em *Noé* morou e por *Noé* agia o “*Espírito de Cristo*” (1 Pe 1:11); foi Cristo que assim avisava por meio de *Noé* para se converterem. O homem continuou desobediente, apesar da paciência de Deus. Encontram-se agora no reino dos mortos, esperando pelo juízo como todos os ímpios (2 Pe 2:3-6). Na tradição rabínica classificou-se o povo do tempo do dilúvio como definiti-

vamente perdido. Pregação é, por natureza, também uma oferta de salvação. Já que os perdidos estão abaixo do juízo, não estaria de acordo com o ensino bíblico pregar-lhes novamente. Esta conclusão é aprovada com o seguinte texto de 1 Pedro 4:5-6: “Mas eles terão de dar contas àquele que está preparado para julgar os vivos e os mortos. Por isso é que o Evangelho também foi anunciado aos mortos, para que, depois de terem recebido na sua existência física a sentença comum a todos os homens, eles possam, por intermédio do Espírito, viver como Deus quer.” Aqui também está a forma gramatical do aoristo que quer dizer que aos mortos foi pregada a boa mensagem em certo tempo da vida. Chegámos à conclusão que os textos acima não contêm nenhuma declaração sobre a pregação do Evangelho aos mortos, nem agora nem mais tarde. Mais um aspecto talvez importante para o significado do texto é: porque é que se utilizou neste texto precisamente o povo do tempo de *Noé*?

3. A geração do dilúvio como excelente exemplo de aviso:

O juízo do dilúvio é mencionado várias vezes no Novo Testamento e serve de exemplo marcante e de advertência. Em 2 Pedro 2:4-7 comparam-se os condenados com os salvos. Estão declarados três grupos de condenados:

- os anjos caídos
- a geração do dilúvio
- os habitantes de Sodoma e Gomorra

No juízo do dilúvio apenas se salvaram oito almas e do juízo do fogo nas duas cidades só *Lot* e as suas duas filhas. A esposa de *Lot* também se salvou por causa da desobediência, contudo, pereceu. Estes acontecimentos querem dar-nos um ensinamento mais profundo, a saber:

- “Para servir de exemplo à gente má que viria depois” (2Pe 2:6). Tanto as promessas de salvação como as do juízo cumprem-se inevitavelmente.

- Os exemplos mostram-nos que o juízo de Deus se realiza mesmo se deixar salvar apenas uma pequena minoria. A seriedade da Palavra de Deus não deve ser ignorada.

Também o Senhor Jesus utilizou os dois juízos “nos tempos de *Noé*” (Lc 17:26) e “nos tempos de *Lot*” (Lc 17:28) como exemplo de advertência, assim como irá ser no tempo da sua segunda vinda. As pessoas também vão estar, como naqueles tempos, muito ocupadas com as coisas de dia-a-dia como “comer, beber, comprar, vender, plantar, construir” que, com tanta coisa, se esquecem de Deus. Também no futuro juízo a declaração vai estar como nas duas situações: “... e morreram todos” (Lc 17:27-29). Só se livram os poucos que estão salvos pela fé. Isto teve validade no tempo de *Noé* e também tem validade no nosso.

Sobre os juízos do passado, Deus refere-se especialments àqueles que se salvaram. Por isso, o verso 21 também faz parte da nossa observação, tal como o texto completo de 1 Pedro 3:18, 20: “Esta água é uma figura do baptismo que agora vos salva, não por limpar impurezas do corpo mas por pedir a Deus uma consciência limpa. O baptismo salva-nos pela ressurreição de Jesus Cristo.” Só quem ouve a chamada de Deus, quem for obediente e vier ao lugar da salvação e abrigo é que é salvo. Antigamente salvaram-se oito almas “pela água”. Deus ordenou que a arca fosse o meio de salvação contra a água. Arca e água estão aqui como sinónimos: a arca como meio de salvação, a água como meio de morte. Assim, na nova aliança, o baptismo tem uma equivalência aos acontecimentos do Antigo Testamento. Quem se entregar completamente a Cristo e se deixar baptizar na sua morte (Rm 6:3 e seguintes), está salvo. Assim, o texto de 1 Pedro 3:18-20 recebe mais um sentido: o baptismo do Novo Testamento baseia-se na figura de salvação das oito almas no juízo do dilúvio.

4. Falsas doutrinas: O conhecido professor bíblico *H. L. Heijkoop* escreve a seguinte passagem [H1,333+335]: “Não existe parte nenhuma da Palavra de Deus que tenha sido tanta vez destruída no seu sentido e violada como estes versos ... A grande linha da maior parte das falsas doutrinas é que Cristo, no tempo entre a sua morte e ressurreição, no tempo em que o seu corpo esteve sepultado ou mesmo depois da sua ressurreição, foi para o reino dos mortos na pessoa do seu espírito ou alma humana para lá pregar aos mortos a certeza do juízo que há-de vir e àqueles que morreram com fé na boa mensagem da obra de salvação. Mas a opinião mais propagada é que foi pregar de novo o Evangelho aos não crentes, e não só àqueles que morreram no dilúvio, para poderem ser salvos.”

Se o texto em 1 Pedro 3:18-20 nos quisesse indicar que tinha havido uma pregação no reino dos mortos, estaria escrito que “Cristo pregou o Evangelho às almas na prisão que não ouviram a Palavra de Deus em tempo de vida” ou “Cristo pregou o Evangelho às almas na prisão que viveram em Tiro e Sidon. Estes últimos não tiveram ninguém que lhes pregasse como à geração do dilúvio. Também *o rico* de Lucas 16:19-31 que gritou do reino dos mortos “Pai *Abraão*, tem pena de mim” não tem indicação nenhuma de que irá ter qualquer pregação com possibilidade de decisão e salvação. Pelo contrário, a sua situação actual é resultado da sua atitude em tempo da sua vida na terra. Assim só vemos declarado no ponto 3 a única razão da denominação da geração do dilúvio.

Resumimos: Podemos dizer o seguinte acerca dos textos de Efésios 4:8-10 e 1 Pedro 3:18-20:

- Cristo desceu entre a crucificação e a ressurreição “à profundidade” (Mt 12:40; Rm 10:7; Ef 4:8-10). A Bíblia não nos fala sobre as actividades naquele lugar. Nos textos de 1 Coríntios 15:55+57; Colossenses 2:15 e Apocalipse 1:18 não é falado directamente mas pode-se interpretar que houve uma proclamação geral da vitória de Jesus.

- Não podemos interpretar uma pregação no reino dos mortos apenas através do significado destes textos. *Pedro* marca a geração de *Noé* como “desobediente”. Só poderia dizer isto alguém que tivesse um certo entendimento sobre a vontade de Deus. A paciência de Deus espera. Eles tiveram bastante tempo para se arrependerem mas ficaram firmes e isso aumenta a sua culpa. As pessoas no tempo de *Noé* tinham o aviso de Deus como sinal visível sempre à frente deles: a construção da arca. Eles mantiveram-se muito tempo (120 anos) na desobediência. Só quando a medida do seu pecado, através de uma longa impenitência, atingiu o seu limite, veio em execução o juízo de Deus. Perderam a sua oportunidade.

- Estamos de acordo com o comentário referente a 1 Pedro 3:19 que se encontra na bíblia de *Scofield*: “Quer dizer que Cristo falou para as pessoas que não estavam salvas por meio do Espírito Santo e por meio de *Noé*, nos tempos do Antigo Testamento (1Pe 1:10-11), cujas almas se encontram agora na prisão. A teoria de que o Senhor Jesus pregou, depois de ser crucificado, no reino dos mortos e lhes dava, assim, uma segunda oportunidade não se encontra na Escritura.”

- Se fosse real uma segunda possibilidade de decisão depois da morte, a Bíblia tinha-nos transmitido algo com tanta importância. Pelo contrário, a Bíblia diz-nos claramente que temos apenas esta vida e, depois, o juízo: “Está determinado que os homens morram uma só vez e que depois sejam julgados por Deus” (Hb 9:27).

Bibliografia

- [B1] Bamm, P.: Eines Menschen Einfälle
Droemer Knaur, 6ª edição 1978, 126 pág.
- [B2] Beck, H. W.: Schritte über Grenzen zwischen Technik
und Theologie,
Hänssler Verlag, Neuhausen-Stuttgart,
1979, 255 pág.
- [B3] Bellinger, G. J.: Knaurs großer Religionsführer
Droemer Knaur, 1990, 431 pág.
- [B4] Busch, W.: Verkündigung im Angriff
Aussaat Verlag, Wuppertal 1968, 196 pág.
- [B5] Busch, W.: Man muss doch darüber sprechen
Quell Verlag, Stuttgart 1950
21ª edição 1987, 91 pág.
- [D1] Deutsches
Patentamt: Blatt für Patent-, Muster- und
Zeichenwesen
Herausgegeben vom Deutschen Patentamt,
92. Jahrgg., März 1990
- [G1] Gitt, W.: Das biblische Zeugnis der Schöpfung
Hänssler Verlag, Neuhausen-Stuttgart,
8ª edição 2004, 188 pág.
- [G2] Gitt, W.: Schuf Gott durch Evolution?
Christliche Literatur-Verbreitung, Biele-
feld, 8ª edição 2009, 160 pág.
- [G3] Gitt, W.: Fragen, die immer wieder gestellt werden
Christliche Literatur-Verbreitung, Biele-
feld, 22ª edição 2009, 192 pág.
- [H1] Heijkoop, H. L.: Der erste Brief von Petrus
Verlag E. Paulus, Neustadt/Weinstr., 1966
- [H2] Herrman, K.: Der Dampfspatenpflug
Kultur & Technik, H. 1, 1981, pág. 26-31

- [J1] Jessen, J.: Dat Ole un dat Nie Testament in unse Moderspraak
Vandenhoeck & Ruprecht,
Göttingen, 4ª edição 1968
- [K1] Kaplan, R. W.: Der Ursprung des Lebens
dtv-Taschenbuch, 1972, 318 pág.
- [K2] Kemner, H.: Jesus trifft dich überall
Brunnen Verlag GmbH, Gießen und Basel
1971, 79 pág.
- [K3] Kemner, H.: Gott baut auf allen Straßen
Brunnen Verlag GmbH, Gießen und Basel,
2ª edição 1972, 87 pág.
- [K4] Kriese, R.: Okkultismus im Angriff
Hänssler Verlag, Neuhausen-Stuttgart,
4ª edição, 1988, 224 pág.
- [K5] Kuberski, J.: Eine ›Höllenfahrt Jesu? – Zur Auslegung von 1. Petrus 3,18-20 – Bibel und Gemeinde (1988), H. 2, pág. 181-197
- [L1] LBS (Hrsg.): Patentierte Lebensqualität von anno dazumal; Ausgefallene Einfälle für besseres Bauen, mehr Wohnkomfort, Sicherheit und leichteres Leben.
Zum Patent angemeldet 1877–1928
Begleitbroschüre zur gleichnamigen Ausstellung
- [L2] Le Seur, P.: Die Zukunft der Toten nach dem Sterben
Aussaat Verlag, Wuppertal
10ª edição 1976, 136 pág.
- [L3] Lewis, C. S.: Grundsätze – Aphorismen und Gedanken
Brunnen Verlag GmbH, Gießen und Basel,
1985, 79 pág.

- [O1] Oehlenschläger, D. (Hrsg.): Mission – ein Lebenskonzept?
K. Lagershausen: Warum kommt ihr erst jetzt?
Brunnen Verlag GmbH, Gießen und Basel, 1973, 70 pág.
- [O2] Ostermann, E.: Das Glaubensbekenntnis der Evolution
Hänssler Verlag, Neuhausen-Stuttgart, 1978, 64 pág.
- [P1] Pache, R.: Das Jenseits
R. Brockhaus Verlag, Wuppertal 1973, 224 pág.
- [P2] Padberg, L. v.: Dialog zwischen Christentum und Weltreligionen
Bibel und Gemeinde 87 (1987), H. 1, pág. 37-45
- [P3] Pahls, W.: Der große Unterschied zwischen Religion und Evangelium
Evangelisationspredigt im 2000-Mann-Zelt in Wienhausen bei Celle am 5. August 1981
- [R1] Richardson, D.: Ewigkeit in ihren Herzen
Verlag der Liebenzeller Mission, Bad Liebenzell, 1983, 240 pág.
- [R2] Ruhl, K.-G.: Brauner Alltag 1933–1939 in Deutschland
Droste Verlag, Düsseldorf, 1981, 167 pág.
- [S1] Sanders, J. O.: Und die Menschen ohne Evangelium
Brunnen Verlag GmbH, Gießen und Basel; Überseeische Missionsgemeinschaft (ÜMG) Zürich, 2ª edição 1978, 87 pág.
- [S2] Schirmacher, T.: Marxismus – Opium für das Volk?
Schwengeler Verlag, Berneck, 1990, 147 pág.
- [S3] Schirmacher, T.: Die Religion des Nationalsozialismus factum (1989), H. 11/12, pág. 506-510

- [S4] Schirmmacher, T.: Trinity in the Old Testament and Dialogue with the Jews and Muslims Calvinism Today (1991), Vol I, No. 1, pág. 24-27
- [S5] Schirmmacher, T.: Bibelkritik und Sünde oder: Der Sündenfall und der Aufstand gegen den Schöpfer. Bibel und Gemeinde (1991), H. 2, pág. 121-127
- [S6] Smith, O.: Glühende Retterliebe Verlag und Schriftenmission der Ev. Gesellschaft für Deutschland, Wuppertal-Elberfeld, 10ª edição 1972, 187 pág.
- [S7] Spurgeon, C. H.: Ganz aus Gnaden J. G. Oncken Verlag, Kassel 3ª edição 1965, 95 pág.
- [S8] Spurgeon, C. H.: Hast du mich lieb? Christliche Literatur-Verbreitung, Bielefeld, 3ª edição 1986, 287 pág.
- [T1] Tanner, W.: Altern und Tod aus der Sicht der Biologie Biologie in unserer Zeit, 10 (1980), pág. 45-51
- [U1] Unfred, D.: Evolution als Religion factum (1985), H. 9, pág. 12-14
- [W1] Wagner, R.: Novelle »Ein Ende in Paris« (Wagner über Beethoven, 1813–1883)
- [W2] Wurmbrand, R.: Erreichbare Höhen Stephanus Edition, Seewis/Uhldingen 1ª edição 1978, 464 pág.

Namenverzeichnis

A

Adenauer, K.	10
Aristóteles	27,38
Ashcroft, J.	53
Atta, M.	49

B

Bamm, P.	69
Barth, K.	60
Bebel, A.	30,66
Beck, H. W.	76
Bellinger, G. J.	32
Berdjajew, N.	32
Berner, U.	32
Bezzel, H.	72,90
Blumhardt, J. C.	115
Bonhoeffer, D.	109
Brecht, B.	59
Buda	41,42,44,45
Busch, W.	90,97

C

Capra, A.	21,23
Carlos I	151
Carlos V	151
Cícero, M. T.	27,31,38
Coutelle, A.	19

D

Dittmann, C.	19,21
--------------	-------

E

Elsas, C.	31
Engels, F.	143

F

Frederico, o Grande	73
---------------------	----

G

Gneisenau, A. N. v.	111
Goethe, J. W. v.	58,127
Graham, B.	98

H

Haehnel, G. E.	19
Hausmann, M.	108
Hegel, G. W. F.	58
Heijkoop, H. L.	160
Hitler, A.	33,97
Ho Chi Minh	143
Horaz, Q. H. F.	122
Humburg, P.	95
Huxley, J.	36

J

Janz, L.	153
----------	-----

K

Kant, I.	58
Kaplan, R. W.	65
Kemner, H.	43,76,79, 81,85,95
Keutmann, D.	19,22
Koch, R.	14
Kriese, R.	101,110
Kuberski, J.	156

L

Ladds, G. D.	121
Lagershausen, K.	140
Lenine, W. I.	143

Le Seur, P.	91	Röntgen, W. C.	15
Lessing, G. E.	30,58,66,152	Rousseau, J. J.	30,58
Lewis, C. S.	84,108,124	S	
Livingstone, D.	140	Sanders, J. O.	126
Loens, H.	143	Schirrmacher, T.	31,32, 67,119
Luhmann, N.	32	Schlatter, A.	96
Lutero, M.	10,35,89, 104,108,156	Schlette, H. R.	32
M		Schopenhauer, A.	29
Maomé	41,50,51,54,56,143	Schwilk, H.	59
Marx, K.	99,143	Scofield, C. I.	161
May, H.	152	Smith, J.	41
Mayer, J. R. v.	22,69	Smith, O.	140
Meyer, P.	133	Speer, R. E.	127
Michael, R.	19,20	Spurgeon, C. H.	73,95, 100,146,148
Modersohn, E.	88	Stalin, J. W.	97
Mussolini, B.	97	Sundermeier, T.	152
N		T	
Napoleão	111	Tanner, W.	65
Nietzsche, F.	145	Taylor, H.	122
O		Thimme, L.	84
Ostermann, E.	36	V	
P		Voltaire	30
Pache, R.	116,117	W	
Padberg, L. v.	69	Wagner, R.	33
Pahls, W.	41,87	Walser, M.	60
Pasteur, L.	14	Wurmbrand, R.	142
Platão	27	Wycliff	138
R		Z	
Richardson, D.	122	Zuse, K.	16
Rominger, W.	53		

Explicações das abreviações usadas dos livros bíblicos

Livros do Antigo Testamento (AT)

Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cântico dos Cânticos
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações de Jeremias
Js	Josué	Ez	Ezequiel
Jz	Juízes	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseas
1Sm	1 Samuel	Jl	Joel
2Sm	2 Samuel	Am	Amos
1Rs	1 Reis	Ob	Obadias
2Rs	2 Reis	Jn	Jonas
1Cr	1 Crônica	Mq	Miqueias
2Cr	2 Crônica	Na	Naum
Ed	Esdras	Hc	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	Ml	Malaquias
Pv	Provérbios		

Livros do Novo Testamento (NT)

Mt	Mateus	1Tm	1 Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2 Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filémon
At	Atos dos Apóstolos	1Pe	1 Pedro
Rm	Romanos	2Pe	2 Pedro
1Cr	1 Coríntios	1Jo	1 João
2Cr	2 Coríntios	2Jo	2 João
Gl	Gálatas	3Jo	3 João
Ef	Efésios	Hb	Hebreus
Fp	Filipenses	Tg	Tiago
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1 Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2 Tessalonicenses		

Indicações de origem das imagens usadas

- Imagem 1: Jornal Agrícola Semanal Austríaco, 5 (1879), pág. 61, arquivo da Sociedade de Max-Eyth, c/o Universidade de Hohenheim, ver também citação literária [H2]
- Imagem 2: Museu de Trânsito e Tecnologia, Berlim
- Imagem 3: Imagem jornalística da Siemens, Siemens AG, Munique, repartição de informações centrais, número de informação HL 1290.403 d
- Imagem 4, 5 und 6: ver citação literária [L1]
- Imagem 17 und 19: Fritz Fankhauser, ver pág. 106, 119 do livro de Michael Griffiths, Fritz Fankhauser, Asien im Wandel, Brunnen-Verlag, Gießen e Basel
- Imagem 18: Missionário Helmut Keller, Filipinas (Deutsche Missionsgemeinschaft, Buchenauerhof, 74889 Sinsheim)

